Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 298 Terça-feira, 24 de Fevereiro de 1987 Preço 40$00

Estudantes de Letras de Lisboa: mais 3 dias de greve Pág. 10

"Uma gota rubra sobre a calçada cai"

LUTO É FESTA EM SETÚBAL: ZECA, O MESMO CANTO

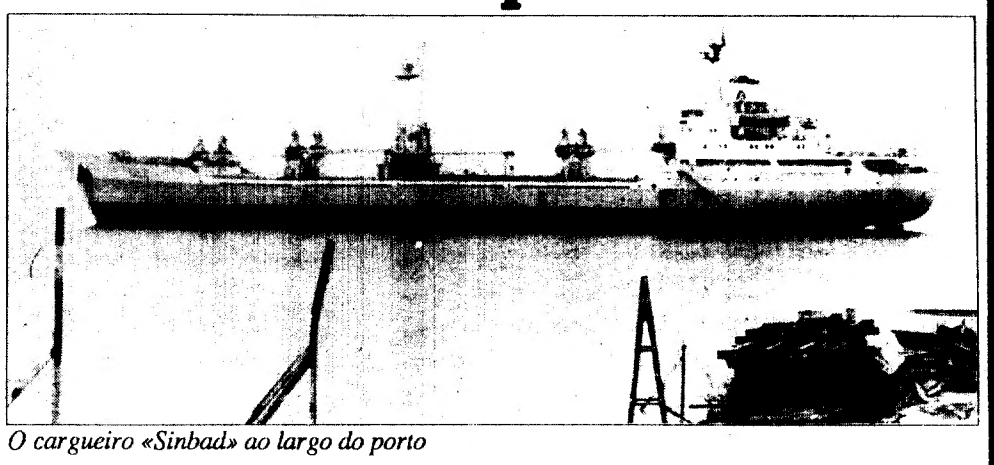
A despedida dos militares de Abril: Pezarat Correia, Vítor Crespo, Martins Guerreiro, Garrido Borges e Delgado da Fonseca

O funeral de Zeca realiza-se hoje para um cemitério de Setúbal mas a hora de luto transformar-se-á, como ele desejou que fosse, em festa dinamizada por quantos dele gostaram em vida. É tempo de se ver, também, como vai este país, por pequenos «nadas», a propósito da morte do grande cantor: por um lado, a Governadora Civil não queria que a urna ficasse em câmara ardente na escola onde ele deu aulas; por outro, o Governo não se fará representar nas exéquias. Págs. 2, 3 e 4

Venda de armas continua no porto de Setúbal

"GRETL": O que está vendido não pode desembarcar

O Porto de Setúbal continua a ser o principal palco do movimento de exportação de armas portuguesas. Neste momento, um barco não pode partir por razões burocráticas, outro não pode desembarcar um carregamento... porque o negócio está feito. Pág. 24



O cargueiro «Sinbad» ao largo do porto

"Sindbad": burocracia não o deixa partir

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES

SOS CTC

OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

☎ 88 27 86
89 98 26

A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO

20 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA • SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B • R. DE MACAU, 8-1.º – LISBOA

NA MORTE DE ZECA AFONSO

MUITOS MILHARES E UM PÃO

Rui Eduardo Paes

Fotos de Rui Pacheco

Foram muitos milhares (cerca de 20 000) os que ontem quiseram prestar as suas últimas homenagens a José Afonso, anonimamente, por puro gesto de reconhecimento e amizade.

Formaram-se filas fora do recinto da escola secundária de São Julião, em Setúbal, onde o corpo do cantor, que, depois de símbolo da resistência antifascista, se tornou no maior ainda da democracia e do 25 de Abril, esteve em câmara-ardente até ser levado, hoje pelas 15 horas, até ao cemitério municipal de Nossa Senhora da Piedade, em Areias.

Muitos telegramas e flores, do mais comum dos cidadãos até a comissões de trabalhadores, desde o simples cravo de quem acabou de sair do seu turno na fábrica até ao arranjo do Presidente da República, Mário Soares, ou de uma delegação da Fretilin que velou o corpo de Zeca Afonso durante longo tempo.

E no meio de todas as flores, chegado ao caixão, com uma carga simbólica que a todos intrigou, mas que com certeza o homem que Aveiro viu nascer, Coimbra adoptou e Setúbal perfilhou, deveria, mais que ninguém, conhecer o significado: um pão, já aberto.

Os trabalhadores do Entreposto da Indústria Metalotécnica de Setúbal decidiram por um voto de pesar pela morte de José Afonso, «cantor que em muito contribuiu para o despertar de consciências». Do Departamento Postal dos CTT de Braga outra mensagem homenageando no artista um «lutador intrépido pela causa do povo que tanto amava».

Os militantes do Partido Socialista de Ourém escolheram perpetuar Zeca como o «poeta trovador da liberdade». Mandaram tributos seus os delegados sindicais dos técnicos de desenho da Mague, os sócios do Grupo Desportivo e Cultural dos trabalhadores da Rodoviária Nacional.

A União dos Sindicatos de Setúbal escreveu, em missiva sua, que José Afonso «ficará para sempre ligado à causa colectiva dos trabalhadores e do povo português pela sua emancipação e por uma vida digna. Chegaram telegramas da Petrogal, de Vasco da Gama Fernandes e Cavaco Silva, da Cooperativa de Ensino Árvore e da União de Sindicatos de Coimbra. O Centro Cultural Regional de Vila Real, expressou-se deste modo — «saudamos maior cantor cultural deste século».

Entre tantos desconhecidos alguns rostos da política, da canção e da cultura portuguesa. Maria de Lourdes Pintasilgo esteve sentada junto à viúva de José Afonso, Zélia Afonso. O major Mário Tomé, líder da UDP, permaneceu largas horas em silêncio. Foi lá Marcelo Curto, do sector laboral do PS, compareceram Carlos Antunes e Isabel do Carmo, ex-dirigentes do antigo PRP. Presentes José Mário Branco, Sérgio Godinho, Francisco Fanhais, Janita Salomé, Pedro Barroso, Júlio Pereira, Rodrigo, Carlos do Carmo, os Trovante.

Em representação da CGTP estiveram em Setúbal, José Luís Judas e Manuel Lopes. Presentes também alguns ex-conselheiros da revolução e membros do MFA. Gente do futebol, como Diamantino e Meirim, do teatro, como Maria do Céu Guerra, e do cinema, como José Fonseca e Costa.

A fim de comparecer ao funeral chegou esta manhã o cantor catalão Pi De La Serra. Está em expectativa saber se as autoridades autorizarão Otelo Saraiva de Carvalho à sua deslocação a Setúbal, esta tarde. O trajecto da escola até ao cemitério, cerca de quilómetro e meio, será feito a pé pelos amigos e admiradores de José Afonso.

Para o efeito, algumas fábricas do distrito de Setúbal concedem tolerância de ponto para que os seus operários se possam incorporar no funeral, o mesmo acontecendo com os trabalhadores da Câmara Municipal daquela cidade.

Marcelo Curto:

"Importância tão grande quanto a de Torga, Pessoa e Eça"

O Zeca Afonso e eu estivemos nas mesmas jornadas antifascistas, ele colaborava com os sindicatos, onde eu militava, e esteve presente no Congresso de Aveiro, de oposição ao regime.

É a sua militância política contra o fascismo que eu celebro, e é a sua música, extraída da tradição portuguesa e que as novas gerações já ouvem, que homenageio.

Saímos de um período de refluxo contra os excessos revolucionários e agora as coisas acalmaram. Começamos finalmente a avaliar com lucidez o que se passou. E não há dúvida que o Zeca Afonso representou um despertar cultural que não pode ser apagado. Ele teve um grande papel político para a minha geração, e a sua importância é tão grande quanto a de um Torga, um Pessoa ou um Eça.

Isabel do Carmo:

"Ele era os olhos do País"

Estou presente como portuguesa e como amiga. Este país tem muito a dever a este homem, e por isso é que espontaneamente está a acontecer um desfile de populares e de jovens como o que vemos.

É uma época que morre, uma época de generosidade e solidariedade, e eu não posso esquecer quando o Zeca Afonso se solidarizou comigo quando estive presa. Creio que a sua morte simboliza em muito o que se passa. Ele era os olhos do País.

Rodrigo:

"O Zeca teve coragem, assumiu, lutou e venceu"

O Zeca Afonso foi um baluarte para a minha geração, alertando-nos para os problemas que existiam à nossa volta. Teve coragem, assumiu, lutou e venceu.

Custa muito ter que se morrer para finalmente se receber uma homenagem. O Zeca estava numa área diferente da minha, mas aqui não há áreas, há valores e génios e ele foi indubitavelmente um.

Venho dar um adeus a este homem que dignificou a cultura popular portuguesa.

António Calvinho:

"Foi um mestre nosso"

O Zeca Afonso foi um dos obreiros da Associação dos Deficientes das Forças Armadas e um dos maiores apoiantes que tivemos no lançamento do apoio aos deficientes da guerra colonial.

Um homem que sentia o problema da guerra no mesmo plano que nós. Precisamente quando as forças conservadoras queriam aproveitar o sangue dos soldados para favorecer o neocolonialismo ele denunciou e lutou. Foi um mestre nosso.

Ainda houve guerra em África depois do 25 de Abril. Na altura ele emprestou-nos o seu fervor, deu espectáculos gratuitos para nos ajudar.

Quando eu me candidatei à Presidência da República para demonstrar que a qualquer cidadão cabe fazê-lo, o Zeca Afonso acreditou nessa ideia. Só que em Portugal quem não tem filiação partidária não consegue nada. Eu não tinha, ele também não.

Sinto um misto de mágoa e saudade. Uma das últimas vezes que eu fui a sua casa, agarrei nele para o levar para o quarto, e o Zeca disse-me: «Calvinho, tu ao menos tens força nesses braços, aproveita.» Já falava na vida como algo que lhe era vedado, mas ainda tinha esperança, ainda acreditava na necessidade de transmitir a sua força para a gente. Era um homem puro, cheio de dádiva, irradiava magnetismo.

Janita Salomé:

"Hei-de recordá-lo sempre a cantar"

Não tenho muito que dizer. Prefiro guardar na memória aquilo que vivi com ele. Guardo comigo a sua generosidade, vontade de viver e irreverência. Que mais é que posso dizer? Hei-de recordá-lo sempre a cantar.

STAL SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

DIRECÇÃO REGIONAL DE SANTARÉM

MANIFESTAÇÃO DE PESAR À FAMÍLIA DE JOSÉ AFONSO À DEMOCRACIA PORTUGUESA

O desaparecimento de José Afonso deixou em profundo constrangimento o povo português.

A procura das raízes do seu povo constituíram as armas na luta pela Democracia.

O contributo que o cantor de «Grândola, Vila Morena» deu à geração de 50/60 e à Democracia portuguesa foi enorme.

O STAL, Direcção Regional de Santarém, como porta-voz do sentir dos trabalhadores da administração local do distrito de Santarém manifesta assim o seu mais profundo pesar pelo seu desaparecimento.

Santarém, 23 de Fevereiro de 1987

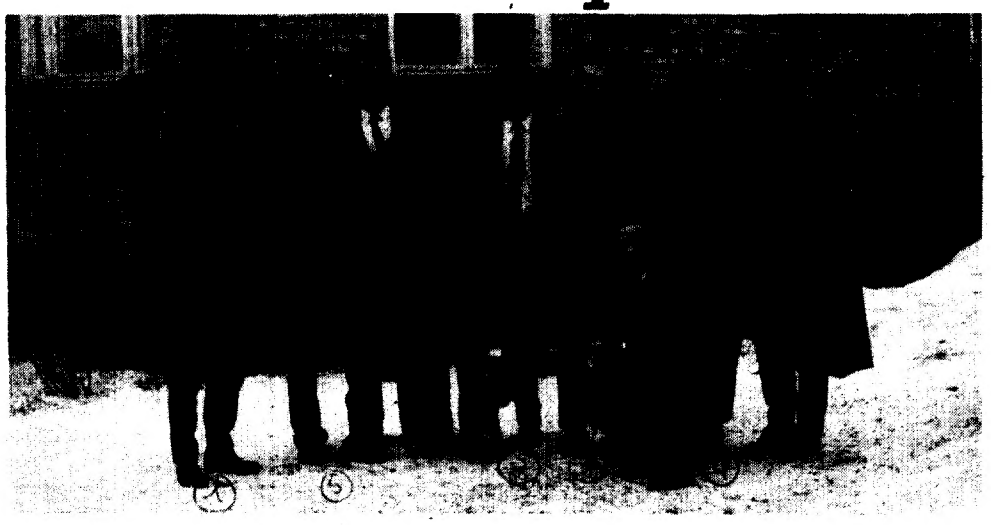
A Comissão de Trabalhadores da Portucel, E. P. consciente de interpretar o sentimento dos trabalhadores da empresa e do País, comovida com o infausto acontecimento manifesta o seu mais profundo pesar pela perda do companheiro Zeca Afonso. A sua memória ficará como bandeira da luta pela liberdade em todos os trabalhadores portugueses.

Pela memória do Zeca

Viva o 25 de Abril

Comissão de Trabalhadores da Portucel

Três fotos de outros tempos



Ao alto, à direita: Zeca Afonso (ao centro) com alguns elementos do seu grupo de fados e guitarradas de Coimbra e o jornalista Cesar Faustino por ocasião de uma digressão à Suécia, em 1964. Em baixo, à direita: No aeroporto de Lisboa de partida para Estocolmo. Reconhecem-se Esmeralda Amoedo, Zeca Afonso, José Niza, Durval Moreirinhas e Jorge Godinho e Adriano Correia de Oliveira (ambos falecidos) Em baixo: O mesmo grupo junto à Universidade sueca de Upsala.

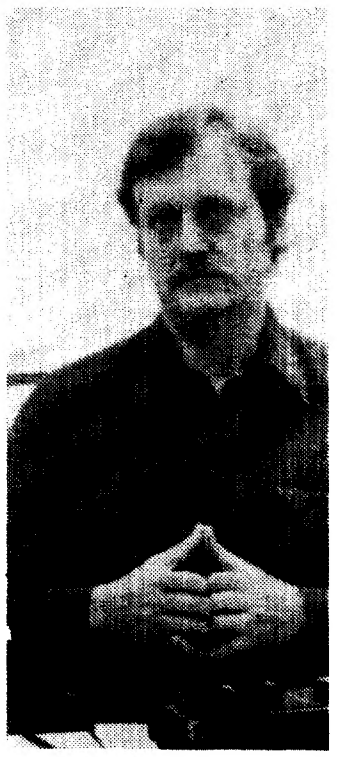
Mário Tomé:

"Um exemplo de coragem, abnegação, humildade e amor"

Perante o homem que o Zeca Afonso é, só posso dizer que gostaria de ser capaz de seguir o seu exemplo de coragem, abnegação, humildade e amor pelo povo.

Ele abriu-nos a consciência para a luta antifascista e anticolonial. Abriu as portas ao 25 de Abril: estava lá com todo o seu ser. Não ficou satisfeito. Quis que a liberdade fosse para o povo a dignidade, o bem-estar e a independência nacional.

O Zeca Afonso é, de facto, um marco na história da música portuguesa e na luta do nosso povo pela librdade. Continua connosco, Há agora muita gente interessada em que ela seja esquecido. Ele próprio daria uma martelada a esses hipócritas se estivesse vivo.



Mas não vai ser esquecido, a sua obra é perene, vai estar sempre actual, porque a luta vai continuar. Morreu com amargura. foi votado ao ostracismo, mas ele até o compreendia perfeitamente. De um certo modo, o Zeca Afonso traduzia a amargura de muita gente, devido ao atropelo e ao descaminho da revolução.

Devemos ter, no entanto, a confiança e esperança e acreditarmos na força e nas energias do nosso povo, que sabe como vir cá de baixo e ranceiramente dar a volta às coisas. Já o tem feito, fá-lo-á novamente, indo mais longe.

Alegando "perturbação emocional da população estudantil"

GOVERNADORA CIVIL DE SETÚBAL NÃO QUERIA URNA NA ESCOLA

Alegando «perturbação emocional dos estudantes», a Governadora Civil de Setúbal começou por não autoprizar a permanência da urna com os restos mortais de José Afonso na Escola Secundária de São Julião. No entanto, após diligências da comissão organizadora do funeral, a situação foi desbloqueada.

«Falámos com Irene Aleixo, expusemos as nossas razões e ficou assente que o corpo do Zeca continuará no ginásio da Escola Secundária de São Julião», declarou ontem à tarde José Mário Branco.

Horas antes deste contacto, o Governo Civil de Setúbal tinha proibido a permanência da urna com os restos mortais de José Afonso, alegando «perturbação emocional da população estudantil», como constava de uma carta assinada pela Governadora Civil, Irene Aleixo.

«Ligou o seu ao nosso destino colectivo»

Entretanto, continuam a chegar à nossa redacção comentários sobre a vida e a obra de José Afonso. Completando os depoimentos ontem publicados pelo «DL», juntamos hoje extractos de companheiros de palco, de amigos que, até à morte de Zeca, continuaram a apoiá-lo.

Está neste caso Durval Moreirinhas, que o acompanhou no disco de fados de Coimbra, e que com outros promoveu festas para recolha de fundos que ajudassem ao pagamento da medicação necessária para retardar o desenlace: «era um homem espantoso, era um individuo com uma piada fina, e conversar com ele era espantoso», declarou ao «DL» Durval Moreirinhas. «O abandono a que foi votado é uma característica dos portugueses, e a partir de agora vão surgir as homenagens póstumas, como aconteceu com o Adriano Correia de Oliveira», lamentou o viola.

De Coimbra, veio outro depoimento de um músico que acompanhou durante largos anos José Afonso. «Depois das mortes de Adriano Correia de Oliveira e de José Afonso sinto-me orfão, sinto que acabaram os que viveram as belas noites de agitação pela música naqueles anos conturbados de 60 e 70», declarou Rui Pato. O viola, agora médico em Coimbra, e que acompanhou Zeca em temas como «Os Vampiros» e «O Meu Menino de Oiro», referiu esperar «que todos os vampiros, que ainda os há, não apareçam agora, como o fizeram com Adriano, hipócritamente a carpir a sua morte».

«Foi uma figura importante da música portuguesa, o percursor de uma geração que se inspirou na música popular enriquecendo-a», disse em Bragança a secretária de Estado da Cultura. «Conhecia-o há muito e admirava o seu empenhamento e a sua integridade», sublinhou Teresa Patricio Gouveia.

Para o crítico musical do «DL», José Afonso, «como síntese de poeta e músico recriou, no seu tempo, admiravelmente uma tradição que remonta à dos antigos trovadores medievais». «José Afonso ligou indissoluvelmente o seu destino ao nosso destino colectivo», prosseguiu Mário Vieira de Carvalho, sublinhando que «acompanhou a par e passo, pela palavra cantada, um percurso que era também o seu, numa espécie de diário de bordo dos sofrimentos, da raiva, do protesto, das lutas, das vitórias, das esperanças de todo um Povo».

Desfile de luto na noite de Coimbra

Entretanto, na sessão pública de ontem da Câmara Municipal de Lisboa, a APU e o PS apresentaram moções no sentido de ser dado o nome de José Afonso a uma artéria da capital. A iniciativa, tomada depois como resolução de toda a vereação, e aprovada por unanimidade, manifesta ainda o pesar pela morte de Zeca.

Em Coimbra, a edilidade local tomou idêntica resolução, depois de em 1984 ter sido atribuída a José Afonso a medalha de ouro da cidade, no quadro de uma homenagem organizada por um grupo de amigos e apoiada pela autarquia, de que constou um espectáculo realizado no Jardim da Sereia, gravado para uma edição em disco.

Mas, em Coimbra, a madrugada de hoje foi palco de um desfile de cerca de três centenas de estudantes universitários que, empunhando archotes e entoando antigas canções de José Afonso, percorreram artérias da cidade.

O desfile, que culminou no Largo da Sé Velha, local tra-

Continua na pág. 4

Madrilenos vieram à rua com canções de Zeca

Milhares de pessoas cantaram ontem à noite, pelas ruas de Madrid, canções de José Afonso, segundo revelação do cantor galego Benedicto, que se deslocou a Setúbal para participar no funeral do criador de «Grândola vila morena».

O artista galego participou ainda ontem à noite no habitual espectáculo das segundas-feiras no teatro Ligen, da capital espanhola. Esta iniciativa já decorre desde há algumas semanas e deverá prolongar-se até ao dia 25 de Abril.

«O espectáculo de ontem à noite foi impressionante, com a sala esgotada e milhares de pessoas a cantarem ns ruas», disse o cantor espanhol.

No seguimento deste ciclo de espectáculos em homenagem a Zeca

Afonso, Benedicto está já a preparar para Maio, na Galiza, um outro comemorativo do 15º aniversário da apresentação pública de «Grândola vila morena».

As emissoras de rádio e de televisão espanholas tinham ontem transmitido a notícia da morte de Zeca Afonso com algumas das suas canções.

RÉUS DE MONSANTO AFIRMAM: 'TODOS OS DIAS TE LEMBRAMOS'

Os réus do segundo julgamento do caso FP-25 que está a decorrer em Monsanto prestaram ontem homenagem, em mensagem enviada à Lusa, ao cantor José Afonso.

«Todos os dias te lembramos», dizem no documento assinado por 12 réus presentes no julgamento.

«Tiraste a prova dos nove»—afirmam os subscritores—«sempre na contestação, no assumir de uma marginalidade ensineste-nos que só a utopia do futuro reconforta o pessimismo da História».

O documento refere ainda que «estavas cionnosco nas noites em que fugíamos e disfarçávamos, à frente da polícia, saindo das sessões onde cantávamos, pela surrelfa da noite, à liberdade— dirtribuias então a utopia da nossa sobrevivência em tempos em que a cultura era alimento proibido, e alimento proibido é fonte de matar».

«Nunca te seduziram as medalhas e sorrisos de pedra com que o Poder por vezes te acenou. Porcuravam utilizar-te como bandeira para serem falados, como mensageiros de bondade e do reconhecimento que lhes abrandava a má consciência».

Por outro lado, Otelo Saraiva de Carvalho, que está a ser julgado no âmbito do primeiro processo do caso FP, também em Monsanto, expressou o seu pesar pela morte de Zeca Afonso como «a de um irmão muito querido».

As declarações de Otelo foram ontem obtidas pelo «Diário Popular», em telefonema para a prisão onde se encontra, que foi autorizado a prestar o seu depoimento.

Nessas declarações, Otelo evocou conversas tidas em comum e a visita que o cantor lhe tinha feito, em Caxias, acompanhado da mulher, em Junho do ano passado.

«Nessa altura garantiu-me que o fim estava próximo», recordou o ex-dirigente da FUP, que terminou: «Ele simbolizou, ao mais alto grau, antes e depois do 25 de Abril, o verdadeiro espírito da Liberdade que deve iluminar os homens».

Jornalistas enviaram condolências

Os jornalistas que se encontram em Bragança acompanhando a visita do Presidente da República a Trás-os-Montes, enviaram à família do cantor e poeta o seguinte telegrama:

«Jornalistas em serviço reportagem em Bragança exprimem o seu pesar pela morte de José Afonso, o cantor da resistência antifascista, o cantor do 25 de Abril, figura grande da cultura portuguesa, homem generoso e íntegro que teve a coragem de assumir, de modo sempre autónomo, o combate pelos princípios em que acreditou».

Assinam: Adelino Gomes (Antena 1), Augusto Vilela (DL), Fernanda Ribeiro (Lusa), Afonço Praça (O Jornal), António de Sousa (DN), José Queiroz (Expresso), Telmo Seixas (CP), Carolina Duarte (O Transmontano), João Paulo de Oliveira (DP), Francisco Ribeiro (RR), Daniel Catalão (Rádio Brigantina), Abel Fonseca (DGCS), Guedes de Almeida (JN) e Joaquim Berenguel (RDP-Bragança).

Governadora de Setúbal não queria urna na escola

Continuação da pág. 3

dicionalmente ligado à canção de Coimbra e onde José Afonso residiu, foi convocada meia hora antes do seu inicio pelo Conselho das Repúblicas e difundido através dos microfones da Rádio Universidade. Por outro lado, dois autocarros com representantes das secções e organismos autónomos da Academia, e das Repúblicas, são esta tarde aguardados em Setúbal, onde se integrarão no funeral.

Bandeiras sindicais a meia haste

Diversas organizações sindicais e sindícatos manifestaram já o seu pesar pela morte do autor de «Grândola Vila Morena». Em telexes enviados à nossa redacção, o secretariado Nacional da Federação Nacional dos Professores,a direcção so Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, o Sindicato dos Professores do Norte, a Comissão Executiva da União dos Sindicatos de Évora, a direcção do Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul e Região Autónoma dos Açores, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul, a Federação dos Transportes Rodoviários e Urbanos de Lisboa, associam-se ao luto de todos os que tiveram em José Afonso um referencial de verticalidade.

Por seu lado, a comissão executiva do Conselho Nacional da CGTP-IN, em nome dos trabalhadores portugueses, «expressa publicamente o seu mais profundo pesar pela morte do cantor, compositor e poeta José Afonso, artista, cidadão e homem intimamente identificado com os problemas e a luta dos trabalhadores portugueses».

Referindo-se a José Afonso, o texto refere que «militante empenhado na fundação da Intersindical, no tempo do Fascismo, Zeca Afonso foi na sua vida, e à sua nobre maneira, fiel aos grandes principios que norteiam a vida de um verdadeiro sindicalista», apela a que todos os trabalhadores se associem às manifestações de pesar e luto e, em sinal de luto, sublinha que as organizações sindicais vão pôr as bandeiras sindicais a meia haste.

«Não se pode perder a memória de Zeca»

Diversas organizações políticas também manifestaram o seu pesar, enquanto que o primeiro-ministro expressou condolências à família, tendo o «DL» apurado que Cavaco Silva não se faz representar no funeral.

O Partido Socialista, em posição ontem divulgada, apelou às autoridades para que o nome de José Afonso «tenha mereceida consagração na democracia portuguesa. O comunicado, emitido no termo de uma reunião do Secretariado Nacional dos socialistas, refere que a voz de José Afonso «foi um hino à liberdade e exprimiu a resistência de todo um Povo à ditadura». O texto concluiu referindo que «o PS entende que Portugal não pode nem quer perder a memória de Zeca Afonso».

Por seu lado, o secretariado da Organização Regional de Setúbal e a Comissão Concelhia do Partido Comunista Português, **apresentam as sentidas condolências à família de José Afonso «certo que a sua voz soará para sempre no coração dos seus amigos e combaterá como até agora os inimigos do Povo». «Perseguido pela PIDE, preso, censurado, Zeca Afonso nem na doença se vergou», sublinha o comunicado, referindo que o secretariado da DORS «não pode deixar de salientar que inúmeras vezes Zeca Afonso tomou posição ao lado dos trabalhadores e do Povo do nosso distrito, que com a sua voz contaram e cantaram».**

CARTAS MULTADAS

Todas as segundas-feiras neste local

Quando quem ganha perde

REFERENDADA já pelo Primeiro-Ministro, a Lei da Rádio ainda não deixou de produzir efeitos ao nível do céu da política, independentemente dos efeitos práticos que terá (fim das novas emissões nacionais em FM para a RR e para a RDP).

O homem que atribuiu as facilidades de exploração à Renascença, Anselmo Rodrigues, veio a público dizer que considera bom o seu gesto de ontem, ao mesmo tempo que recordava a sua novel condição de militante do PS. É um eco marginal da coerência manifestada pelo Presidente Mário Soares ao vetar a Lei: *semper fidelis* ao espírito que animou o Governo de coligação PS-PSD, este gesto granjeou-lhe igualmente novas simpatias entre altos dignitários da Igreja Católica, como mostra o fervoroso acolhimento de que foi alvo em Bragança.

Quase sem história é o caso da reafirmação do sentido do voto socialista: dividido entre o trabalho de implantação da liderança de Constâncio e a necessidade de não quebrar pontes com Belém, o PS — através dos seus deputados — limitou-se a reafirmar que a primeira avaliação que tinha feito da questão das rádios era correcta do seu ponto de vista, ao mesmo tempo que o partido multiplicava as iniciativas de celebração do aniversário da vitória nas presidenciais de há um ano.

Muito mais curiosa foi a evolução da questão na direcção do PRD: ao votarem uma Lei que frustra «as legítimas expectativas da Igreja», os deputados renovadores abrem uma frente de suspeitas e de indisposições na hierarquia eclesiástica e levam ao extremo a exposição da ambiguidade do seu líder natural. O general Eanes, que em todas as ocasiões se esforçou por manter o melhor relacionamento com o Patriarcado, não deixará agora de ser considerado pela hierarquia católica como um dirigente político menos seguro, nem sempre capaz de levar o seu partido a adoptar os seus pontos de vista. É verdade que a evolução da questão entre os dirigentes do PRD, que viria a culminar com as declarações ontem proferidas em Évora pelo antigo Presidente da República, não mostra clareza exemplar por parte deste último: tanto quanto a Comunicação Social soube e noticiou, o general Eanes por um lado reconhecia a genuína bondade da Lei, mas, por outro, admitia que haviam sido criadas à Igreja expectativas que *tinha deixado de ser legítimo frustrar*. Sendo impossível conciliar as duas posições, e para além da crise de divisão do *ego* do líder, o PRD foi avançando na Assembleia, por vezes em discursos que roçaram um laicismo de combate. Ora, mesmo para *egos* divididos entre o regresso ao catolicismo pela mão de Papini e a simpatia por uma atitude mais maçónica, a dilaceração foi demasiado espectacular — e não podia deixar de provocar o que provocou: uma crise de liderança.

Para os renovadores, que viveram durante um ano à espera de Eanes, parece aberta uma nova fase de incerteza; multiplicam-se, entre eles, as reticências quanto ao futuro, e não são poucos os que temem que o general se retire.

Retire-se ou não o general Eanes da liderança do PRD, o partido está, sem dúvida, a braços com mais um problema de identidade política, tanto mais preocupante quanto é facto que ele se manifesta em opções, em escolhas que vão dando um rosto — ou sucessivos rostos — à sua prática. Tudo se passa como se o PRD, corpo complexo e contraditório destinado a mover-se na terra de ninguém entre o PSD e o PS (e quem sabe se também em algumas franjas da antiga APU), visse os seus difíceis movimentos de definição transformados em ocasiões de conflito com o seu próprio líder. E qual é o partido que deseja a manutenção de um tal estado de coisas?

Os resultados da «questão das rádios» são, no mínimo, paradoxais para os seus principais protagonistas políticos: Mário Soares, que durante tanto tempo se esforçou, sem êxito, por melhorar significativamente a sua imagem junto da Igreja, consegue-o agora, distanciando-se dos socialistas de quem foi líder quase incontestado. A nova direcção do PS robustece a sua independência face à Igreja encarada como «grupo de pressão», reforçando assim a imagem de *esquerda laica* que parece querer acentuar. Finalmente, o PRD joga a «quem ganha perde»: fica associado a uma vitória parlamentar que ofusca a Igreja e rejeita o veto presidencial, mas ao mesmo tempo torna mais difíceis as relações de Eanes com a hierarquia eclesiástica e mais fáceis as relações entre esta e o actual Presidente da República.

A margem deste jogo, Cavaco Sila soma mais alguns pontos: o Governo esteve naturalmente contra a Lei mas, naturalmente, referendou-a sem a atrasar mal ela lhe foi enviada, promulgada, de Belém.

João Mendes

Soares recebe forças sociais

UGT FALA EM NACIONALIZAÇÕES SE...

Augusto Vilela

«Se o Governo não for capaz de encontrar uma solução para o problema da exploração das reservas mineiras portuguesas, com as multinacionais que as exploram, a UGT entende que o passo a seguir deverá ser a nacionalização do sector.» Isto foi dito ontem a Mário Soares pelo secretário-geral da UGT, Torres Couto, que chefiava a delegação daquela central sindical recebida pelo presidente da República, numa tarde dedicada a diversas audiências com as forças sociais do distrito.

Torres Couto explicou depois aos jornalistas estar a UGT à vontade para abordar esta questão, na medida em que entende que se deve retirar na próxima revisão constitucional a irreversibilidade das nacionalizações: «Há sectores que não devem estar nacionalizados, mas este é dos sectores onde não se pode permitir que qualquer multinacional venha brincar com os nossos interesses estratégicos e com questões sociais de enorme gravidade.»

As críticas da UGT ao Governo nesta matéria resultam do comportamento das empresas mineiras que, quando os minérios estão em alta recolhem «fabulosos lucros, que não ficam em Portugal», e quando estão em baixa, encerram as minas e mandam os trabalhadores para o desemprego.

A UGT abordou também com o Presidente da República as questões que afectam os trabalhadores desta região e a necessidade de um projecto de desenvolvimento voltado para o sector primário, sugerindo que ele tenha uma forte componente de associativismo capaz de neutralizar «os intermediários parasitas».

Depois da festa, dos foguetes e da música, do entusiasmo das multidões, Mário Soares era confrontado com um quadro da realidade social transmontana, pouco coincidente com a visão optimista do Governo.

A CGTP, por sua vez, apresentou-lhe um conjunto de problemas sentidos pelos trabalhadores e pela população.

Vítor Neto, da União dos Sindicatos de Bragança, referiu que tinham abordado questões como a «mão-de-obra infantil, a fuga por parte do patronato ao pagamento das regalias a que os trabalhadores têm direito, as condições desumanas em que colocam os trabalhadores», afirmando que para este problema contribuiu o encerramento das minas de Argozelo, Montesinho, Ribeiro, Vale de Gata e Borralha, e a tentativa de desmembramento do Cachão».

Os sindicalistas da CGTP propõem o reactivamento do complexo do Cachão e aumento da sua produtividade, bem como o aproveitamento dos recursos mineiros nacionais, tendo deixado ao Presidente da República um «dossier» com o desenvolvimento das questões abordadas.

Cachão: problema complexo

O complexo do Cachão tem sido considerado como o Sines de Trás-os-Montes. É um problema que se arrasta, em que os interesses em jogo são por vezes difíceis de definir tal como os objectivos e as propostas daqueles que apresentam sugestões.

Foi um assunto abordado pela delegação da União das Cooperativas Agrícolas de Trás-os-Montes.

Esta União mostra-se disponível para viabilizar este complexo, mas dede que lhe seja entregue aquilo que considera património seu, liberto dos encargos resultantes de uma má gestão ao longo de muitos anos. «Não queremos viabilizar uma coisa que não é nossa e que se tornaria nossa concorrente. Para isso construiríamos as nossas próprias estruturas», afirma Pedro Mendonça, dirigente da União e filho do eng.º Camilo Mendonça, impulsionador, há duas décadas do complexo do Cachão.

Pedro Mendonça acusou duramente os deputados do distrito de Bragança, uma vez eleitos, de se esqueceram dos problemas da região, perdendo-se na «vida boa» de Lisboa.

Para esta associação não há problemas com os assalariados agrícolas, cuja existência quase não reconhecem, na medida em que, afirmam, na sua maioria, eles não têm os problemas característicos dos assalariados porque têm terras próprias.

Uma visão diferente tem o Sindicato dos Empregados Técnicos e Assalariados Agrícolas. Para ele a situação caracteriza-se por desemprego no sector agrícola, principalmente das mulheres e sua descriminação, insegurança no trabalho, perseguição e repressão, desvarios, prepotências e abusos de poder, por parte de algumas chefias, que devio ao seu passado ainda não mudaram de mentalidade, ignorância e marginalização dos parceiros sociais ainda sentida na região, entre outros problemas.

O Sindicato dos Professores do Norte apresentou também um extenso rol de queixas, que vai desde os problemas profissionais à falta de condições das escolas e outros, como por exemlo a situação de professores que têm de percorrer diariamente grandes distâncias entre o local de trabalho e a residência, havendo muito que percorrem mais de 100km diários.

Protocol com o NERB

Soares jantou ontem com empresários da região e assistiu à assinatura de um protocolo entre o NERB (Núcleo Empresarial da Região de Bragança), a AIP e o IAPMEI.

Trata-se de um projecto visando a apresentação de propostas concretas para a ultrapassagem de problemas, previamente detectados em estudos, da indústria local; identificação de oportunidades de investimento e sensibilização de potênciais investidores, reformulando essas oportunidades em intenções de investimentos; elaboração de estudos de viabilidade económica, em colaboração com investidores; enquadramento das intenções de investimento nos esquemas de apoio financeiro em vigor nomeadamente comunitários, apresentando projectos junto dos organismos competentes; delinear perspectivas de modernização das empresas existentes, divulgando-as através de acções de promoção, tais como colóquios, seminários e até mesmo acções pontais de esclarecimento, divulgação junto do empresariado local de novas técnias de produção, de gestão empresarial e de formação profissional, etc.

Foi uma avalancha de problemas que desabaram sobre o Presidente da República. Muitas queixas, muitos projectos e muita expectativa em relação àquilo que poderá ser mudado a curto prazo, enquanto Cavaco viaja por outras bandas, tentando contrabalançar, ou equilibrar, esta vaga de fundo que Soares desencadeou com notável intuição política.

Vinhais em festa

Da parte da manhã, Mário Soares visitou Vinhais, um concelho essencialmente agrícola, aliás, como todos os do Nordeste Transmontano, onde as indústrias são raras e sempre de pequena dimensão. Cerca de 20 mil habitantes estão disseminados por 106 aldeias.

O programa teve uma ligeira alteração. Em princípio, Soares deveria fazer a viagem de helicóptero mas, pouco antes da hora da partida, começou a nevar. Foi apenas uma amostra, mas o bastante para inviabilizar a utilização do helicóptero.

Soares soma êxitos com a sua visita. A recepção que o aguardava foi uma das maiores de toda a sua peregrinação pelo Nordeste Transmontano.

Na Câmara Municipal ouviu novamente o apelo dos autarcas para que o poder central olhe pelo desenvolvimento de Trás-os-Montes.

«As nossas cidades, vilas e aldeias transformam-se dia-a-dia e pena é que o Governo Central não consiga acompanhar o esforço transmontano», afirmaria, no seu discurso, o presidente do município, Sobrinho Alves, sublinhando que Trás-os-Montes «não quer receber mais do que nos é devido, reclamando pelo pouco que nos tem sido dado».

Disse ainda que querem ver exibir novos projectos para os transmontanos, mas sem qualquer «carga» de egoísmos partidários, sem novas exigências de poder. Lembrando que os agricultores, cada vez mais entregues a si próprios, pouco vão além das culturas tradicionais, que quando abundam são mal pagas e, se exíguas, mal chegam para consumo caseiro.

O problema da abertura permanente das fronteiras foi igualmente levantado e uma vez mais na recepção a Mário Soares estiveram presentes autoridades espanholas vizinhas.

Uma delegação numerosa, que incluía o governador-civil de Orense, um elemento do comando da Guarda Civil de Orense, os alcaides de Gudinha e Mesquita, e um representante do alcaide de Verim, o tenente da Guarda Civil de Gudinha, e ainda um assessor do governo civil de Orense. Isto demonstra o interesse que as autoridades do país vizinho dedicam ao problema das fronteiras e do desenvolvimento regional. Revela, ao mesmo tempo, que tanto os portugueses como espanhóis estão em sintonia, como aliás icou expresso no improviso do governador civil de Orense durante o almoço em honra de Mário Soares, ao afirmar que não colocarão nunca impedimentos ao intercâmbio entre as populações.

Na sessão solene, Soares falou das possibilidades de desenvolvimento regional abertaspela adesão à CEE, num curto discurso incitando o aproveitamento das potencialidades da região.

Uma multidão seguiu-o até ao novo edifício dos bombeiros voluntários, que inaugurou, e onde ouviu o respectivo comandante, emocionado, chamar-lhe «soldado da paz». Soares reponderia que tinha pelos bombeiros o «maior carinho» porque é «uma actividade altruísta». Visitou, em seguida, a Feira do Fumeiro e distribuiu prémios aos produtores dos melhores enchidos. Ouviu ranchos folclóricos e viu-se em dificuldades para romper entre a multidão que o seguia para toda a parte.

Um almoço culminou a sua estadia de cerca de três horas em Vinhais. O governador civil de Orense, um dos oradores, apelou a Mário Soares para que junto de Felipe Gonzalez, de quem lhe constava ser muito amigo, intercedesse para que se desenvolvam as relações entre os povos raianos e sejam abertas fronteiras. Lembrou que uma coisa são as fronteiras geográficas e outra a amizade e a solidariedade existentes entre os povos, sublinhando particularmente essa solidariedade que Mário Soares teve sempre com Espanha «quando para eles era muito difícil andar pelos caminhos da liberdade».

"Programas de Defesa"

Dirigente do Pentágono vem a Lisboa assinar acordo de cooperação

«Aumentar as possibilidades de investigação e desenvolvimento no âmbito de programas de Defesa» entre Portugal e os Estados Unidos, é o objectivo da visita que William Taft, subsecretário norte-americano da Defesa, inicia quinta-feira a Lisboa, anunciou uma fonte do gabinete de Silveira Godinho, secretário de Estado-adjunto do Ministro da Defesa Nacional.

Além de encontros de trabalho com o seu homólogo português e com o secretário de Estados dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Azevedo Soares, o responsável do Pentágono visitará o comando da Iberlant, em Oeiras, e as oficinas de material aeronáutico em Alverca.

Segundo apurou o DL, junto de fonte do ministério da Defesa, o acordo de cooperação, a assinar sexta-feira, poderá ter importantes reflexos na modernização da indústria de defesa nacional, actualmente dedicada à produção de material ainda datado do tempo da guerra colonial(munições e espingardas-metralhadoras G-3).

Um acordo de investigação e cooperação científica, no âmbito também das indústrias de defesa, deverá ser assinado brevemente com a França, indicou ao DL a mesma fonte.

Durante sete dias

Embaixador soviético visita os Açores

O embaixador da União Soviética em Portugal, Valentin Vdovin, iniciou ontem uma visita de sete dias à Região Autónoma dos Açores.. Na sua visita, o diplomata soviética começou por ser recebido pelo ministro da República para os Açores, brigadeiro Rocha Vieira, que lhe ofereceu um jantar. Teve também audiências com o presidente da Assembleia Regional e do Governo Regional, respectivamente Reis Leite e Mota Amaral.

HOLANDA
TULIPAS EM FLOR
DE 1 A 16 DE MAIO
por ESPANHA • FRANÇA • BELGICA • HOLANDA • ALEMANHA • LUXEMBURGO, etc.
INSCRIÇÕES LIMITADAS
NOTA: A REALIZAÇAO DESTA VIAGEM E NO AUGE DA FLORAÇAO
RESERVAS E INFORMAÇÕES:
LUSANOVA TURISMO
Av. João XXI, 9-A, M. Moniz, 6-A
Tel 89 43 11 89 44 80

MDP: único partido socialista não marxista-leninista — diz Tengarrinha

O presidente do MDP/CDE, José Manuel Tengarrinha, acusou, num encontro distrital do Porto do seu partido, os dirigentes demissionários da comissão política de afirmações «totalmente falhas de fundamento e eivadas de juízos de intenção inaceitáveis».

Nas suas declarações, difundidas pelo gabinete de Imprensa do partido, Tengarrinha considera, tendo em conta o último congresso do PS e a última convenção do PRD, o MDP/CDE como a «única força partidária socialista não marxista-leninista da cena política portuguesa».

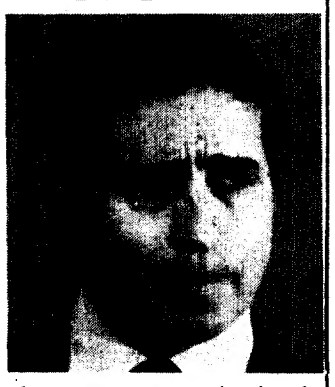
«É uma interpretação que, no mínimo, se deve considerar estreita, a de admitir que só em aliança com o PCP, e seguindo uma orientação marxista-leninista, e nem sequer autonomamente, qualquer partido pode afirmar um projecto socialista», considerou o responsável do MDP, em resposta ainda aos dirigentes(entre outros, Raúl de Castro, Herberto Goulart, Lindim Ramos e Luís Catarino), que pediram demissão da comissão política.

Os dirigentes demissionários criticam, nomeadamente, as conclusões do último Encontro Nacional do MDP e o caminho da «social-democratização» e de um «pragmatismo sem princípios» então adoptado.

Com problemas da comunidade portuguesa na bagagem

MNE EM VISITA AO LUXEMBURGO

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Pedro Pires de Miranda, chega hoje ao Luxemburgo para uma visita oficial em que discutirá problemas da comunidade portuguesa.



Um dos problemas que abordará diz respeito, de acordo com fontes portuguesas, à necessidade das autoridades luxemburguesas «se aperceberem de que, apesar do princípio da livre circulação de trabalhadores estar, no caso do Luxemburgo, sujeito a uma derrogação de 10 anos, são cidadãos da Comunidade Europeia os portugueses que aqui residem e trabalham».

O Ministro dos Negócios Estrangeiros solicitará a «compreensão» das autoridades luxemburguesas para a resolução do problema dos trabalhadores ilegais, entendendo, no entanto, «a situação do país receptor».

Pires de Miranda deverá abordar o problema do pagamento dos abonos de família aos familiares residentes em Portugal dos trabalhadores exercendo actividade no Luxemburgo que, neste país, tal como em França, apesar dos acordos em sentido contrário emitidos pelo Tribunal de Justiça da CE, são pagos de acordo com as regras do país de origem e não segundo as regras do país de acolhimento. No âmbito bilateral,o ministro procurará abordar o «delicado problema» do ensino do português num país que conta com três línguas oficiais.

Pires de Miranda, que efectua a visita a convite do seu homólogo luxemburguês, Jacques Poos, será recebido no Parlamento e terá encontros com o grão-duque, o Primeiro Ministro, os ministros dos Negócios Estrangeiros e do Trabalho, e com representantes da comunidade portuguesa (mais de 30.000 pessoas e cerca de 12 por cento da população activa).

Fontes da delegação portuguesa admitem que as reformas recentemente propostas pela Comissão Europeia venham a ser objecto de trocas de impressões.

Aproveitando o facto do Luxemburgo exercer actualmente a sua presidência, deverá ser discutida a questão da adesão de Portugal à União da Europa Ocidental que, em princípio, deverá ser concretizada ainda este ano.

MISSÃO PORTUGUESA VISITA GUINÉ-BISSAU

Uma delegação do Instituto Português para a Cooperação Externa (ICE) encontra-se desde ontem em Bissau para uma missão de carácter técnico.

Elsa Esteves, responsável pelos assuntos da cooperação na missão diplomática portuguesa em Bissau, disse que o objectivo da delegação é o de fazer uma avaliação do primeiro ano de execução do acordo trilateral entre Portugal, os Estados Unidos e a Guiné-Bissau. Esse acordo contempla fundamentalmente o campo agro-industrial, beneficiando os proprietários privados da extensões agrícolas (pontas).

A delegação, constituída pelo vice-presidente do ICE, Lopes da Costa, e pelos técnicos Ivo de Sousa e Almeida Machado permanacerá na Guiné-Bissa cerca de uma semana. Durante a sua estada, os técnicos portugueses manterão reuniões com o governador do Banco Nacional da Guiné-Bissau, Godinho Gomes, e com o ministro do Plano e o secretário de Estado para a Cooperação, Bartolomeu Simões Pereira e Bernardino Machado, respectivamente.

Entretanto, em Luanda, uma delegação do PCP chefiada por Carlos Costa concluiu uma ronda de conversações oficiais com o MPLA. De acordo com a agência «Lusa», as delegações de ambos os países «passaram em revista a situação internacional, em particular a que prevalece na região austral de África». A missão do PCP havia passado por São Tomé e Príncipe, onde manteve reuniões com as autoridades locais seguindo agora para a República Popular do Congo.

Jardim elogia acção da Igreja Católica

Alberto João Jardim afirmou, segunda-feira, que a Igreja Católica tem ajudado a resolver em Portugal muitos problemas no campo da solidariedade social e da cultura. O presidente do Governo regional da Madeira falava no decorrer de uma visita ao centro da reabilitação psico-pedagógica da sagrada família, que acolhe 180 crianças e jovens dos 3 aos 22 anos.

Jardim, que era acompanhado pelos secretários regionais da Educação e dos Assuntos Sociais, considerou a deslocação «uma visita de homenagem e muito agradecimento» pelo que a congregação das irmãs hospitaleiras so Sagrado Coração de Jesus tem feito na Madeira.

«Os alunos desta escola vão amanhã ter um lugar na sociedade», declarou Jardim, que manifestou o compromisso do Governo Regional em reabrir o processo de apoio à obra, já depois da concessão de um subsídio de 20 mil contos anunciado na última semana.

Governador de Macau visita província de Cantão

O governador de Macau, prof. Pinto Machado, iniciou hoje uma visita oficial de três dias à vizinha província chinesa de Cantão, a convite do presidente do governo local, Ye Xuan Ping. À partida de Macau, o governador caracterizou a sua visita como «manifestação de apreço, por parte do governo popular de Cantão, para com o governo de Macau e para com a pessoa do seu governador».

Pinto Machado, que recebeu cumprimentos de despedida de outros membros do seu executivo, do presidente da assembleia legislativa, do bispo e dos representantes locais de Pequim, disse ainda que o convite para a sua visita a Cantão, exprime «o desejo de ver desenvolvida a cooperação, que já é importante» entre Macau e aquela província chinesa.

Esta noite, o governador é obsequiado com um jantar oferecido por Xuan Ping e amanhã visita várias instituições de ensino e cultura, unidades industriais e agrícolas, tanto em Cantão como em Zuhai. Nesta última região há assinaláveis investimentos de empresários portugueses e macaenses.

O convite foi endereçado quando Pinto de Machado se encontrava em Lisboa, após ter participado na reunião do Conselho de Estado que analisou o processo de conversações sobre o futuro de Macau, iniciado em Junho de 1986.

Pinto Machado regressa sábado a Macau e, nesse mesmo dia, oferece um almoço, na sua residência oficial, a cerca de 40 jornalistas que actualmente participam, em Hong-Kong, na conferência Ásia-Pacífico da Federação Internacional de Jornalistas(FIJ), e que se deslocam a Macau a convite da Associação de Imprensa Chinesa.

COMUNA TEATRO DE PESQUISA
PRAÇA DE ESPANHA • T. 726 08 18
TERÇA A SABADO AS 21.30 H
TEXTO DE ROGER VITRAC
2.º mês
"VICTOR"
ou
as crianças no poder
DOMINGO 17 H
*VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS
*TERÇA *QUARTA *E QUINTA
PREÇO UNICO: * 200.00
APOIO - F. GULBENKIAN - A. FRANCAISE
SUB SEC
BRAZ E BRAZ • SECLA – FAIANÇA • R. COMERCIAL
«FARSA VOCÊ MESMO!» CAFÉ TEATRO NO CARNAVAL COMUNA

CIPRO

CIPRO — CONSULTORES INTERNACIONAIS EM PROJECTOS DE DESENVOLVIMENTO, SARL

ASSEMBLEIA GERAL ANUAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos da Lei e Estatutos é convocada a Assembleia Geral da CIPRO — Consultores Internacionais em Projectos de Desenvolvimento, SA, com sede na Av. Conselheiro Fernando de Sousa, 19-9.º, em Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, com o n.º 44 455 e com o Capital Social de 11.000.000$00, para reunir no próximo dia 23 de Março, pelas 15 horas, na sede social, com a seguinte ordem do dia:

1) Deliberar sobre o Relatório de Gestão e as Contas do exercício e parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1986;
2) Deliberar sobre a proposta da aplicação de resultados;
3) Proceder à eleição dos Corpos Sociais para o triénio de 1987 a 1989, bem como à eleição da Comissão de Fixação de remunerações;
4) Deliberar sobre o disposto no n.º 3 do Art.º 396.º do D.L. n.º 262/86 de 2 de Setembro.

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
IPE — Investimentos e Participações do Estado, SARL.
Representado por
Assinatura ilegível

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

8.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc. 5537-A – 1.ª Sec.

Na execução de sentença contra o executado Eugen Whitford foi designado o dia 23-3-87 às 14 horas, no tribunal judicial dest comarca, para a abertura das propostas entregues até esse momento na secretaria judicial, pelas pessoas interessadas na compra do seguinte móvel penhorado naqueles autos:

Móvel a vender

Veículo automóel marca JAGUAR 3.4.S. com matrícula holandesa H..--79-56.

As propostas devem mencionar preço superior a Esc: – 210.964600 já oferecidos pela exequente Escape – Assistência Automóvel Permanente, Ld.ª ara o mesmo veículo lhe ser adjudicado em pagamento do seu crédito.

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito
João Manuel da Cruz

O escrivão adjunto
Jansénio Monteiro

«DL» 24/2/87 – 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANÚNCIO

P.º 3268
3.ª Sec.

FAZ-SE SABER que nos autos de Falência por Apresentação, requeridos por REVETENTO-SOCIEDADE DE REVESTIMENTOS E PINTURAS, Ld.ª nos termos, e ao abrigo do disposto no art.º 1140 – e seguintes do Cód. de Processo Civil, a qual possui a sua Sede na Av.ª Mário Moutinho, lote 1733-7.º Dt.º – ao Restelo em Lisboa, foi designado o dia 25 de Março, pelas 10 h., para a reunião e verificação de créditos a que se refere o art.º 1142 do mesmo código.

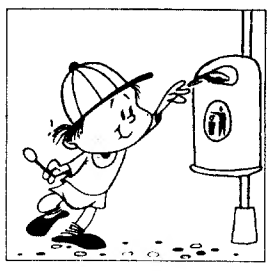
Para constar se passou o presente e outro de igual teor que vão ser devidamente afixados.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito
Vítor Manuel Pinto Ferreira Mesquita

Escrivã Adjunta
Maria Antonieta Tavares Sousa Gomes

«DL» 24/2/87 — 2.ª Pub.



"Operação SOS" na mata do Choupal

APELO POR UM BANCO GENÉTICO A FIM DE PRESERVAR A ESPÉCIE

A necessidade de criar um banco genético para preservar o choupo negro da «Mata do Choupal», em Coimbra, foi sublinhada naquela cidade, no âmbito da «Operação SOS — Mata do Choupal». A primeira iniciativa nesse sentido permitiu recolher ramos de cerca de três dezenas de choupos negros, tendo em ista a «continuidade genética» da espécie.

A constituição de um banco genético que salvaguarda os choupos monumentais da Mata do Choupal é, pois, o objectivo central da operação em causa, iniciada sob os auspícios da Circunscrição Florestal e da Sociedade de Fósforos.

«Ficámos surpreendidos ao verificar que há pouco mais de duas dezenasde choupos monumentais em toda a mata» — disse um responsável pela operação.

Parte do material recolhido será estudado no Instituto Botânico de Coimbra e visa «criar um novo Choupal junto às margens do novo Mondego» — acrescentou.

«Há dois anos, numa operação de levantamento, existia pelo menos mais de uma centena de choupos monumentais, isto é, choupos com dimensões apreciáveis e longos anos de existência» — afirmam intervenientes na operação, que atribuem a morte lenta do Choupal de Coimbra ao «deficiente planeamento» das obras do Baixo Mondego.

O abaixamento do nível friático das águas do Mondego, provocado pelas obras referidas, estará a origem da seca gradual da mata de choupos, cuja cultura carece de meios húmidos para o seu desenvolvimento.

Também a Comissão da Comunidade Económica Europeia

apresentou em Março de 1985 propostas concretas relativas a acções no domínio florestal em que destacava a cultura do choupo entre as actividades silvícolas mais tópicas das explorações agrícolas.

Instituto Botânico entra em cena

O Instituto Botânico da Universidade de Coimbra está a apoiar esta «Operação SOS — Mata do Choupal», da responsabilidade de técnicos da Sociedade Nacional de Fósforos.

Os ramos recolhidos vão ser colocaos num viveiro para se transformarem em árvores com as mesmas características das que lhes deram origem. «Trata-se de assegurar a continuidade genética desta espécie vegetal em perigo de extinção», disse à «Lusa» um técnico que acompanhou a operação.

A mesma fonte observou que, «não sendo o choupo negro utilizável para fins industriais, é uma espécie que interessa preservar, sobretudo pelo seu valor de património natural».

«A protecção destas árvores, que existem há milénios no Vale do Mondego, é indispensável para assegurar a diversidade genética da espécie», sublinhou aquele técnico.

No Instituto Botânico será, entretanto, estudado parte do material recolhido, tendo em vista contribuir por processos de hibridação para «o melhoramento genético e obtenção de novas variedades de choupos, resistentes a determinados factores que irão adaptar-se às novas condições ecológicas» criadas com a obra do Baixo Mondego.

Segundo os promotores da operação, esta tem em vista «salvaguardar os poucos exemplares monumentais e extremamente valiosos de choupos negros ainda existentes na Mata do Choupal».

Clube Português de Imprensa

Prémios de Jornalismo/86

Prémio de Reportagem — **valor 300 000$00**

Prémios de Foto-Reportagem — **valor 150 000$00**

Apoios — **EPNC, PRESSELIVRE, RENASCENÇA GRÁFICA, SOJORNAL, PROJORNAL, EMPRESA DO JORNAL NOTÍCIAS SARL, INTERPRESS, VASP, IMPRENOVA, SELECÇÕES DO READER'S DIGEST, DIRECÇÃO-GERAL DA COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Prémio Europa — **valor 500 000$00**
1 viagem a Bruxelas com visita à sede da CEE
Edição em livro do trabalho premiado
(Texto original sobre a adesão de Portugal às Comunidades, com o mínimo de 120 páginas dactilografadas)

Apoios — **CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS E COMUNIDADES EUROPEIAS**

Prazo de entrega — **31 de Março**

Prémio Ensaio — **valor 250 000$00**
(Destinado exclusivamente a estudantes de Comunicação Social. Trabalho original sobre os «media», com o máximo de 40 páginas dactilografadas)

Apoio — **PRESSELIVRE**

Prazo de entrega — **31 de Março**

Prémio Viagem — **1 viagem para duas pessoas à escolha do vencedor, no País ou na Europa, nas rotas da TAP**
(Crónicas de viagem publicadas em 86)

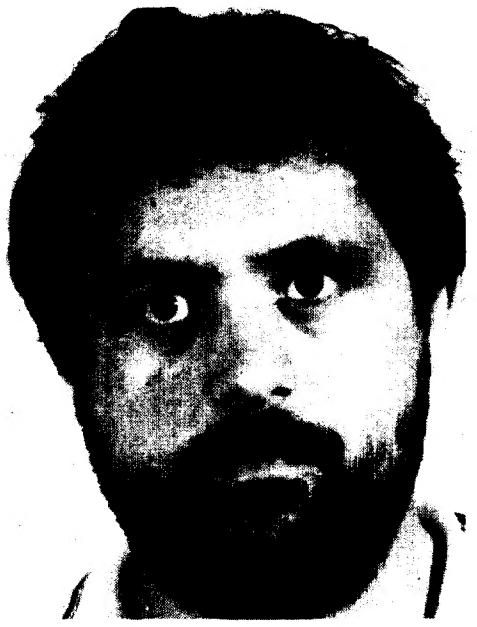
Apoio — **TAP-AIR PORTUGAL**

Prazo de entrega — **28 de Fevereiro**

Terão sido alvo de disparos no momento da prisão

ALCOBIA E COUTO FERREIRA "CONSEGUEM" EM MONSANTO PROCESSOS-CRIMES CONTRA PJ

A presença, pela primeira vez, dos dois réus revéis recapturados há dias marcou, com incidentes, a sessão de ontem, no Tribunal de Monsanto, do segundo julgamento do «Caso FUP/FP-25».



Os dois réus, Joaquim Maria Alcobia e Manuel Couto Ferreira, ambos detidos pela PJ, com troca de tiros, na margem sul do Tejo, no dia 19, compareceram de pulsos algemados, um e outro com o olho direito pensado e o segundo com equimoses no pulso do mesmo lado.

Ambos alegaram que os ferimentos foram provocados por um agente da DCCB (Direcção Central de Combate ao Banditismo) que os alvejou com um tiro de caçadeira, ao serem detidos e encontrando-se já de braços erguidos, em rendição.

«Foi um tiro de caçadeira, de canos sèrrados, com zagalotes», disseram Alcobia e Couto Ferreira.

A entrada destes réus na sala, pensados e algemados, provocou reacções, em gestos e altos brados, dos outros 10 co-arguidos presentes, quando nenhum lugar do público estava na altura ocupado.

O juiz-presidente, Luís Vaz das Neves, restabeleceu a ordem ao ordenar que aos recém-chegados fossem retiradas as algemas.

«Fiquei um bocado admirado quando os vi com algemas na sala de audiências», acrescentou o juiz-presidente.

A instâncias dos dois recém-capturados e depois de parecer favorável da delegada do Ministério Público, Clara Rodrigues, o juiz Vaz das Neves mandou passar guias para ambos serem transferidos para o Hospital de Santa Maria, a fim de receberem a assistência médica necessária.

O juiz-presidente ordenou também a extracção de certidões da acta para ambos intentarem, como haviam dito ser seu propósito, processos-crime contra os alegados autores dos disparos.

Durante esta sucessão de incidentes, o advogado Mário Vaz Pinto, defensor oficioso do «arrependido» Mário Lamas, foi por este invectivado e desautorizado. Sublinhando as suas palavras com murros desferidos no vidro à prova de bala que na sala divide os arguidos do sector dos magistrados, Mário Lamas gritava: «Eu não quero que seja meu defensor oficioso».

O causídico anunciou desde logo renunciar verbalmente a tal procuração oficiosa.

Na sessão de ontem, na sequência normal dos arguidos inquiridos, foi ouvida Natércia Santos, de 49 anos, funcionária pública, de Lisboa, que negou qualquer participação no Projecto Global como «organização terrorista», que este, segundo a acusação, teria sido.

Afirmou nunca ter pertencido a qualquer partido político antes do 25 de Abril e, após esta data, só terá particiadp em acções culturais na campanha eleitoral para a Presidência da República de Otelo Saraiva de Cavalho, a pedido deste oficial, em quem reafirmou confiança.

Testes confirmaram SIDA em reclusa espanhola das Mónicas

No Hospital-Prisão de Caxias deu entrada uma reclusa espanhola que estava detida, por tráfico e consumo de droga na cadeia das Mónicas, após os testes a que foi sujeita terem confirmado que sofre de SIDA (Síndroma de Imunodeficiência Adquirida). Duas outras detidas da mesma nacionalidade aguardam entretanto os resultados das análises para que se saiba se sofrem da mesma doença, estando ainda previsto que 20 outras reclusas espanholas vnham a ser sujeitas a testes, de forma a que as autoridades prisionais possam determinar o índice do contágio.

O Ministério da Justiça admite que uma tal medida possa vir a ser alargada à maioria dos presos das cadeias portuguesas.

Ferido com tiro de pistola

Na sua residência, na Cova da Piedade foi encontrado ferido com um tiro na cabeça Alberto Almeida Fernandes, de 65 anos, que deu entrada no Hospital de S. José, onde esta manhã estava em perigo de vida. Junto ao corpo encontrava-se uma pistola de calibre 6.35, tudo indicando estar-se perante uma tentativa de suícidio. A bala entrou junto a um ouvido da vítima, saindo pelo lado contrário. A ocorrência foi participada à GNR local.

Acções de fiscalização da Inspecção Económica

Zoo de Lisboa recebeu produtos apreendidos no Bairro do Relógio

Brigadas da Direcção-Geral de Inspecção Económica desenvolveram nos últimos dias várias operações em todo o país tendo, entre elas, apreendido no Bairro do Relógio pão, costeletas de suíno, miudezas e maçãs, por comercialização ilegal. Todos estes produtos foram entregues ao Jardim Zoológico. Ainda na capital foram apreendidos 300 quilos de corvina, que se encontravam numa câmara frigorífica para venda ao público e que foram considerados impróprios para consumo.

Por outro lado, num armazém frigorífico situado no Algarve, foram encontrados 160 quilos de peixe-espada, 360 quilos de resíduos de corvina, 12 quilos de chouriço, 11,200 quilos de presunto impróprios para consumo, tendo sido inutilizados.

Cadáver de angolano deu à costa em Cascais

Na praia da Duquesa, em Cascais, deu ontem à costa o corpo do cidadão angolano Fernando Nelson de Sousa Teixeira, de 25 anos, casado, que, na madrugada da passada quinta-feira, se atirara completamente nu à água deixando as roupas abandonadas no areal.

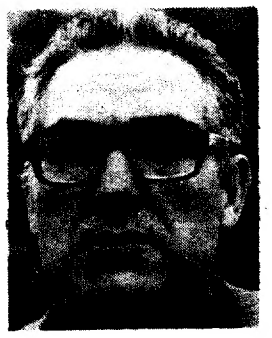
Segundo os seus familiares, Fernando Teixeira, que residia em Cascais, trabalhava numa pastelaria em Lisboa e todos os dias apanhava um comboio cerca das cinco horas na estação local, mas no dia da sua morte saiu de casa mais cedo, tendo sido visto na companhia de um outro indivíduo, seu conhecido, com quem ultimamente frequentava sessões de ocultismo.

Ao atirar-se ao mar, Fernando Teixeira deixou na praia as roupas, uns ténis e a carteira com documentos e mil escudos em dinheiro. O caso está a ser investigado pela Polícia Judiciária.

Duas mulheres mortas por atropelamento em Ovar

Uma furgoneta despistou-se próximo de Ovar tendo ido atropelar mortalmente duas mulheres que repousavam junto à berma da estrada, numa zona de eucaliptos. As vítimas foram Emília Soares da Costa, de 65 anos e Rosa Alice Costa Ferreira, de 38 anos. Quanto ao condutor do veículo, Francisco Américo Brandão da Silva, sapateiro, sofreu várias escoriações, tal como as quatro pessoas que o acompanhavam (Alberto Sílvio Vieira da Silva e Armindo Filipe, ambos sapateiros, e António Jesus Oliveira e Carlos Alberto Francisco Mortágua, que viajavam de boleia).

ARTIGO DE FUNDO



Mário Castrim

NÃO deixaremos nunca de denunciar aqueles que pretendem desestabilizar a sociedade portuguesa. Esses tais pretendem somente derrubar o Governo ou seja, atendem mais aos seus interesses pessoais do que aos interesses da Nação.
Vejamos o que está acontecendo com o fornecimento de armas de fabrico nacional ao Irão e ao Iraque. Exige-se por aí que punhamos fim a essas vendas! O que é que sucede? Sucede que não nos imiscuímos nos negócios internos daqueles países. Se eles se querem suicidar mutuamente, é lá com eles. Tomem lá as armas e venham de lá os carcanhóis. Se deixarmos de as vender, vamos pôr em risco o pão de vinte mil portugueses. É isso o que a oposição deseja?
Algo de semelhante acontece com o trabalho infantil. Se a Inspecção do Trabalho "entrar a matar", como exige a CGTP (quem havia de ser...) qual será o resultado? Pura e simplesmente, ficam em perigo algumas centenas de postos de trabalho. É isto que a CGTP quer, bem como outras forças?
Outro exemplo: a corrupção. Querem algumas forças que o Governo tome medidas drásticas contra isso que elas consideram «o flagelo social e político do nosso tempo».
Bom senso, meus senhores, bom senso é que é preciso. Lembremo-nos das tensões sociais que daí resultariam. Muitos e muitos milhares de postos de trabalho seriam postos em perigo. Em vez de repressão, somos partidários da maior compreensão.
Talvez o caso mais frisante seja o da droga. De todos os lados se levantam as vozes de protesto. Geralmente bem intencionadas, não pomos em dúvida. Mas já repararam no que sucederia se houvesse uma repressão mais rigorosa?
Basta pensarmos nos engajadores, nos passadores, nos «inspectores de vendas», etc. para fazermos uma ideia dos milhares e milhares de postos de trabalho que ficavam em perigo.
Em termos de droga, veja-se quanto gente ficaria no desemprego se acabássemos com o ***telejornal,*** *o* ***jornal das nove*** *e as* ***24 horas...*** .

Sessão pública da Câmara decorreu sob o signo da polémica

ABECASIS CONSIDERA ILEGAL O EMBARGO DAS "TORRES DOS JERÓNIMOS"

Nuno Ribeiro

Numa sessão que foi marcada pelo reacender da polémica em relação à edificação das chamadas «Torres dos Jerónimos», e aos seus mais recentes desenvolvimentos, o presidente da Câmara de Lisboa considerou, em declarações ao «DL», que o embargo administrativo decretado pela Secretaria de Estado da Cultra é ilegal.

«O embargo é completamente ilegal», declarou ao «DL» Nuno Abecasis, num intervalo da sessão pública. De acordo com o presidente da edilidade, a ilegalidade decorre de serem invocados prazos de resposta do Instituto Português do Património Cultural diferentes dos estipulados legalmente, bem como de ser referida a lei de loteamentos que remonta a 1975.

A formulação técnica destas reservas está a ser estudada por juristas que, segundo apurámos, estão a elaborar um parecer, que deverá estar concluído ainda durante esta semana.

Posições de novo na mesa

O tema voltou a ser referido quando, no periodo de antes da ordem do dia, o vereador Rui Godinho se referiu à intervenção da Secretaria de Estado da Cultura: «ela teria sido desnecessária se a Câmara Municipal de Lisboa, nomeadamente o seu presidente, tivessem tomado as medidas correctas».

Para o eleito da Aliança Povo Unido, «a situação dos habitantes das barracas envolventes, para os quais não foram tomadas medidas efectivas para o seu realojamento», é outro dos pontos preocupantes deste caso. Sublinhando que «o projecto aprovado prejudica a área envolvente, e que os argumentos usados com base em perfis e fotomontagens não colhem», Rui Godinho referiu «que existe uma larga e justificada preocupação da população da zona, que abrange também os orgãos autárquicos locais». «A oposição pública não compreende a insistência em algo que é sujeito a trâmites legais e que é lesivo da zona, e não compreende igualmente, que outros vereadores desta Câmara apoiem esta situação».

Rui Godinho referiu-se ainda à «excepcional delegação de poderes que o presidente detem», criticou o facto dos vereadores da APU e o representante do PPM terem sido afastados de uma comissão de vereadores que vai apreciar os novos projectos para a cidade, e sublinhou que a presente situação «fornece pretextos para que os adversários do Poder Local intervenham».

Da parte do Partido Socialista, segundo o vereador Pombo Cardoso, «não deve ser escamoteada a responsabilidade do IPPC neste processo, nomeadamente no que respeita ao cumprimento dos prazos». Sublinhando que «o diálogo com as autarquias não deve ser interrompido, nem por exigências de paragem de obras, como o IPPC queria, nem com eventuais exigências da Câmara», os vereadores socialistas sublinharam, uma vez mais, que «parece-nos fundamental averiguar se, naquele projecto, há prejuízos para os Jerónimos: se houver, então a obra não pode ir para a frente».

Quanto à constituição da comissão de vereadores para a apreciação de novos projectos da cidade, uma das clausulas do protocolo assinado entre o PS e Nuno Abecasis, Vasco Franco referiu que na opinião dos vereadores socialistas «seria de sejável que todas as forças políticas estivessem representadas: não temos o óptimo, temos o bom».

Da parte do PPM, Ribeiro Teles reiterou a oposição à construção de Torres na zona histórica da cidade, completando, assim, as tomadas de posição sobre o assunto.

«IPPC fechou o diálogo»

Quer nas declarações que prestou ao «DL», quer nas afirmações na sessão pública, o presidente da Câmara reiterou que, «se alguém fechou as negociações, não foi a Câmara Municipal de Lisboa, mas sim o IPPC».

Contestando as declarações de Rui Godinho, Abecasis referiu que a aprovação do projecto não foi da sua responsabilidade, mas sim por votação unânime da Câmara, enquanto que para a APU a unanimidade da votação existiu apenas quanto ao envio da cota máxima, decidida por despacho anterior do presidente, «para o qual não tinha competências», para aprovação do IPPC.

«O Instituto Português do Património Cultural tinha 45 dias para se pronunciar, e a lei estabelece que, caso não haja parecer, é dado o consentimento, não podendo a Câmara recusar-se à emissão do alvará», sublinhou Nuno Abecasis, referindo que «a Câmara não tem nada do que possa ser acusada neste caso».

Nas declarações prestadas ao «DL», o presidente da edilidade referiu que, desde o despoletar deste caso, «o IPPC já não cumpriu os prazos em dez processos», sublinhando a disponibilidade manifestada pelo empreiteiro para correcções ao projecto, apesar das dificuldades económicas que tem vindo a sentir.

Recorda-se que, em recentes declarações à agência Lusa, o assessor jurídico da Secretaria de Estado da Cultura referiu que «o parecer do IPPC, que poderia ser emitido até às 24 horas de 4 de Junho de 1984, foi prestado em 15 de Maio do mesmo ano, e homologado pelo ministro da Cultura em 20 de Maio de 1984».

De acordo com Manuel Baptista, a precipitação da Câmara em licenciar os projectos, pooderá ter ocorrido em duas circunstâncias: «ou antes de produzido o parecer do IPPC, ou posteriormente a este e contra o seu sentido». De qualquer das formas, segundo aquele jurista, «há lugar à cominação fixada no número 1 do artigo 14 do Decreto-Lei 289/73, ou seja a nulidade do licenciamento».

Lisboa: Revista Municipal

A Câmara Municipal de Lisboa, pela Repartição de Acção Cultural, publicou mais um número da revista municipal: "LISBOA". É o N.º 15, da 2.ª Série, e apresenta o duplo carácter de revista histórico-erudita e de revista de informação municipal. Quanto à primeira componente, a revista insere estudos e resultados de investigações: "A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda", por João Luís Cardoso, J. Severino Rodrigues, J. Monjardino, J. Roque Carreira; "A Aula do Comércio de Lisboa", por Francisco Santana; "A Ribeira de Alcântara", por Fernando Castelo-Branco; "A Estação Sul e Sueste, uma obra olisiponense à beira do Tejo", por Manuel O. Sjnek; "Forte de São João de Deus", por Carlos Pereira Calixto.

Na parte relativa a noticiário informativo são referidas e registadas fotograficamente várias actividades e iniciativas municipais com especial destaque para as posses da Câmara e da Assembleia Municipal eleitas para o quadriénio 1986-1989, para a homenagem a Tierno Galvan, para a Assembleia das Capitais de Língua Portuguesa.

A revista municipal tem excelente aspecto gráfico. Preço do número avulso: 500 escudos.

António Borges Coelho faz doutoramento em História

Iniciam-se amanhã, quarta-feira, na Reitoria da Universidade Clássica, pelas 15 horas, as provas de Doutoramento em História do professor António Borges Coelho. A actividade docente de António Borges Coelho e a sua obra de historiador explicam a expectativa com que são aguardadas as provas nas quais apresentará como tese principal um trabalho de investigação muito documentado que tem o título: «Inquisição de Évora (1533-1668)». A tese complementar intitula-se: «O mercantilismo português Duarte Gomes Sólis».

Estas obras e o currículo científico do autor, serão apreciados por um júri que, sob a presidência do reitor, integra os professores António Oliveira da Faculdade de Letras de Coimbra, e os professores da Faculdadede Letras de Lisboa, Jorge Macedo, Joaquim Veríssimo Serrão, Sales Loureiro, Maria do Rosário Themudo Barata ~~e Isaías~~ Rosa Pereira.

O dr. António Borges Coelho é autor de uma obra vasta e justamente apreciada que teve início com a publicação, em 1963, de «Terras Virgens do Atlântico. A Colonização da Madeira», a que se seguiram: «Raízes da Expansão Portuguesa» (1964); «Alexandre Herculano», ensaio e antologia (1965); «A Revolução de 1383» (1965); «Comunas ou Concelhos» (1973); «Sintra: Os Paços da Vila» (1975); «Portugal na Espanha Árabe» (4 volumes, 1972-1975); «Questionar a História», ensaios sobre a História de Portugal (1983). Traduziu e preparou edições de Leibniz e Espinosa. Publicou edições anotadas de Rui de Pina, «Crónica de D. Duarte» e de Fernão Lopes, «Crónica de D. Pedro I».

Com ocupação pacífica das instalações

LETRAS DE LISBOA INICIA HOJE GREVE DE TRÊS DIAS

Os estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa paralisam hoje, amanhã e quinta-feira, com ocupação das instalações — esta a decisão ontem à noite tomada em Reunião Geral dee Alunos (RGA). Na sexta-feira efectuarão um encontro semelhante para decidir da continuidade da sua luta.

Como é do conhecimento público, os alunos das Faculdades de Letras das Univeresidades Clássicas de Lisboa, Porto e Coimbra, bem como da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa têm vindo a realizar várias greves, desde Janeiro, em protesto contra um plano de reestruturação dos seus cursos.

Depois de terem chegado a acordo com os Conselhos Científicos das Faculdades, nomeadamente quanto à eliminação do «numerus clausus» nos anos extracurriculares de formação profissional para a via de ensino, os representantes dos alunos não conseguiram que o ministro da Educação ratificasse os pontos acorados.

Reunidos no passado sábado em Coimbra, os representantes dos estudantes propuseram que todas as Faculdades efectuassem reuniões gerais a partir do dia de ontem para decidir formas de luta «que obriguem o ministro, João de Deus Pinheiro, a ratificar o acordo estabelecido entre órgãos universitários interessados».

Secundário também se manifesta

Entretanto, a Coordenadora dos Estudantes do Ensino Secundário de Lisboa confirmou à agência Lusa que se realizará a 7 de Março, na capital uma manifestação de alunos daquele sector discente.

Miguel Neto Valente, daquela coordenadora, indicou que a manifestação visa pressionar o Ministério da Educação «a pôr fim às restrições de acesso ao Ensino Superior, a revogar um diploma que impõe o Português como disciplina obrigatória de passagem de ano, a reestruturar o Ensino Secundário e a organizar uma Comissão de Fiscalização de Avaliação Contínua».

Ensino Primário reivindica

Por outro lado, os professores do Ensino Primário e Educadores de Infância dos Concelhos de Amarante, Maia, Paredes, Vila do Conde e Póvoa de Varzim, aprovaram por unanimidade, em reuniões realizadas nestes concelhos na semana passada, uma moção em que «lamentam os atrasos sucessivos que têm marcado a acção do MEC no que respeita à negociação do estatuto da carreira docente».

Manifestam aqueles professores disposição para defenderem com intgransigência os seus direitos, pelo que exigem que o MEC «apresente às organizações sindicais a sua proposta de estatuto, bem como calendário de negociações das diversas questões sectoriais».

Caso tal não aconteça, entendem que o SPN e a Fenprof «devem desenvolver todas as acções necessárias ao desbloqueamento deste impasse que se arrasta há vários anos, recorrendo a formas de luta mais avançadas».

Aprovaram ainda o calendário de luta proposto pelo Secretariado da Fenprof que inclui uma greve nacional para os dias 26 e 27 de Março.

Escola Superior de Setúbal

Outro problema no âmbito do Ensino é o que se prende com a situação criada pela exoneração da professora Ana Maria Bettencourt, da Escola Superior de Educação de Setúbal, a quem o respectivo corpo docente continua a manifestar a sua solidariedade juntamente com a Comissão Instaladora.

Outras manifestações de solidariedade têm provindo de professores de outras Escolas Superiores e Faculdades, de Conselhos Directivos e professores de escolas do distrito, de partidos políticos, autarquias e Sindicato dos Professores.

Foram solicitados ao ministro da Educação e Cultura uma audiência e a suspensão do despacho de exoneração até ao passado dia 20. Não tendo havido qualquer resposta da parte do MEC, os professores da ESE resolveram entrar em greve nos dias 25, 26 e 27 de Fevereiro, mantendo-se dispostos a prosseguir com as formas de luta necessárias à não inviabilização do projecto da Escola Superior de Educação de Setúbal.

Associação de Linguística promove reunião em Viana do Castelo

A Associação Portuguesa de Linguística está a promover, desde ontem e até amanhã, um encontro regional por iniciativa dos seus associados da Comissão Instaladora da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo.

O encontro reúne professores dos vários níveis de ensino com vista a uma reflexão e a um projecto de trabalho sobre os conteúdos, definição e progressão do ensino/aprendizagem da língua portuguesa, contando com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. A orientação está a cargo das doutoras Fátima Sequeira, Inês Sim-Sim, Maria Raquel Delgado Martins e Dulce Rebelo.

Uma segunda fase do encontro está já aprazada para Maio e dele deverá resultar uma proposta concreta para reformulação do ensino da língua portuguesa.

Marília Raimundo no distrito de Viseu

Ensino técnico-profissional é acto de coragem

O lançamento do Ensino Técnico-Profissional constitui "um acto de coragem" destinado a colmatar "a falta de preparação para o mundo do trabalho" — afirmou em Viseu Marília Raimundo, secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário.

Sobre os cursos técnico-profissionais, e no decurso de uma intervenção no Governo Civil de Viseu, Marília Raimundo disse que "a rede de cursos tem sido todos os anos ampliada consoante as necessidades das diferentes regiões".

Especificou que "é necessária uma interligação entre a comunidade e a escola, bem como a concepção de uma acção privilegiada com o mundo do trabalho".

Marília Raimundo deslocou-se a Viseu para uma visita de 48 horas (que amanhã termina) às escolas do distrito, onde desde há três anos funciona mal o ensino técnico-profissional.

Esta manhã no Forum Picoas

I Encontro Nacional sobre Planeamento Educativo

O ministro da Educação e Cultura abriu esta manhã, no Forum Picoas, o I Encontro Nacional sobre Planeamento Educativo, organizado pelo Gabinete de Estudos e Planeamento do MEC.

Com o patrocínio da Comissão de Reforma do Sistema Educativo, o Encontro integra-se nas comemorações do 25.º aniversário da criação do Órgão Central de Planeamento (ex-Secretariado Técnico da Presidência do Conselho de Ministros) e actual Departamento Central de Planeamento do Ministério do Plano e Administração do Território.

O Encontro tem como principais objectivos promover a reflexão e trocas de experiência sobre as diversas formas de planeamento em matéria de Educação e contribuir para a definição e organização de um sistema de planeamento educativo em Portugal.

Neste primeiro dia do Encontro foram apresentadas comunicações de Almeida Costa (coordenador da Comissão de Reforma do Sistema Educativo), Prostes da Fonseca e Cândido Varela de Freitas.

Além das sessões plenárias, os trabalhos desenrolar-se-ão no âmbito de 4 secções dirigidas por Tavares Emídio, Marçal Grilo, Lucas Estêvão e Roberto Carneiro.

CHEFE DE VENDAS

Jornal desportivo de expansão nacional, pretende admitir
Chefe de vendas de publicidade

Resposta com curriculum detalhado a este jornal ao n.º 21203

VENDEDORES

Jornal diário de expansão nacional, pretende admitir para os seus quadros, vendedores de publicidade com ou sem experiência.

Resposta com curriculum detalhado ao n.º 21201 deste jornal

Um dos "16" do S. José no almoço do Meridien

'A CULPA NÃO É DA SENHORA MINISTRA'

«A culpa não é da senhora ministra» — afirmou esta manhã em Lisboa um dos dezasseis chefes da equipa de triagem dos Hospitais Civis de Lisboa, que há dias solicitaram a sua substituição de funções pela situação de rotura que se vive diariamente no banco de S. José.

Arlindo Baptista lembrou, no «almoço do Méridien» desta manhã que esse quadro é antigo, não podendo por isso atribuir-se a sua maior culpa a Leonor Beleza. «Aliás — acrescentou — há elementos à sua volta que conhecem bem o problema».

Um deles é o secretário de Estado da Saúde, Baptista Pereira, relator de um documento do Instituto de Emergência Médica, no quadro de uma Comissão Técnica para as Urgências na Área de Lisboa, apresentado ao Governo em Março de 1984. Arlindo Baptista um dos chefes de equipa do «Grupo dos 16» que se demitiram da triagem dos serviços de urgência do Hospital de S. José, adiantou que o documento apostava nas medidas a tomar para tentar resolver o problema. Por essa razão, «a culpa não é da senhora ministra», frisou aquele especialista de medicina interna que diz conhecer bem por dentro o problema das urgências dos Hospitais Civis de Lisboa.

Arlindo Baptista justificou esta tomada de posição dos dezasseis chefes de equipa de triagem do S. José devido ao facto dos problemas se acumularem progressivamente nas suas urgências sem solução e haver alguém com responsabilidades dentro do Ministério que veio a público afirmar que a situação era «normal» naquele banco. Essa foi a gota que fez extravasar o cálice, porque todos sabem que os seus serviços de urgência se têm vindo a degradar progressivamente.

Aquele chefe de equipa do banco do S. José falou para «amigos», uma vez que — disse — há uma circular interna que proíbe os médicos de fazerem declarações sobre os serviços e a situação dos hospitais. Por isso, exprimiu-se sempre no singular, nunca em nome ou pelos outros elementos do «grupo dos 16». No entanto, nessa condição, adiantou que estão a ser dados passos para minorar o caos do «banco» de S. José, havendo sinais positivos nesse sentido, entre eles o recrutamento de cerca de vinte novos médicos. «Quero aqui enterrar o processo dos «16», reconhecendo que foi necessário desencadear o problema para que ele fosse analisado».

Na sua opinião, a redução do afluxo ao banco do S. José passa por várias medidas, entre elas a necessidade de abrir «urgências» nos hospitais centrais, concretamente no Egas Moniz e no Pulido Valente. Sem esse passo, por um lado, e a «estagnação» das ARS's e dos SAP's, é difícil alterar a situação. Porque — vincou aquele chefe do banco de S. José — «Os Cuidados Primários da Saúde não dão resposta».

Arlindo Silva assinalou ainda ter sido «a mais correcta a nossa posição», manifestando a esperança de «ver resolvido o problema das urgências dos HCL durante este Governo. É preciso é que as medidas nesse sentido saiam, o que nenhum Governo antes fez», acrescentou. Para isso, é vital que o banco dos HCL deixe de ser um serviço de atendimento permanente e passe a ser, só, uma urgência de um hospital central. Isto é (como escreveu Reinaldo dos Santos em 1937): deixe de ser, essa prática hospitalar, «a desorganização mais perfeita para adquirir experiência, insuficiente para os que dirigem, incapaz de ajudar os assistentes e onde é impossível desenvolver outro trabalho que não seja o da rotina diária».

Tribunal Europeu debate queixa por morosidade da Justiça portuguesa

O Estado português responde hoje no Tribunal Europeu dos Direitos do Homem a uma queixa de Joaquim Baraona alagando morosidade no julgamento de uma sua queixa levada à Justiça portuguesa.

O queixoso, que actualmente é cônsul honorário de Portugal em Vitória (Brasil), procedeu contra o Estado português junto da Comissão Europeia dos Direitos do Homem, em 1982. Em declarações a propósito do caso, o advogado de Joaquim Baraona acusou, concretamente, o Estado português de tentar transformar aquela acção «num processo contra o 25 de Abril».

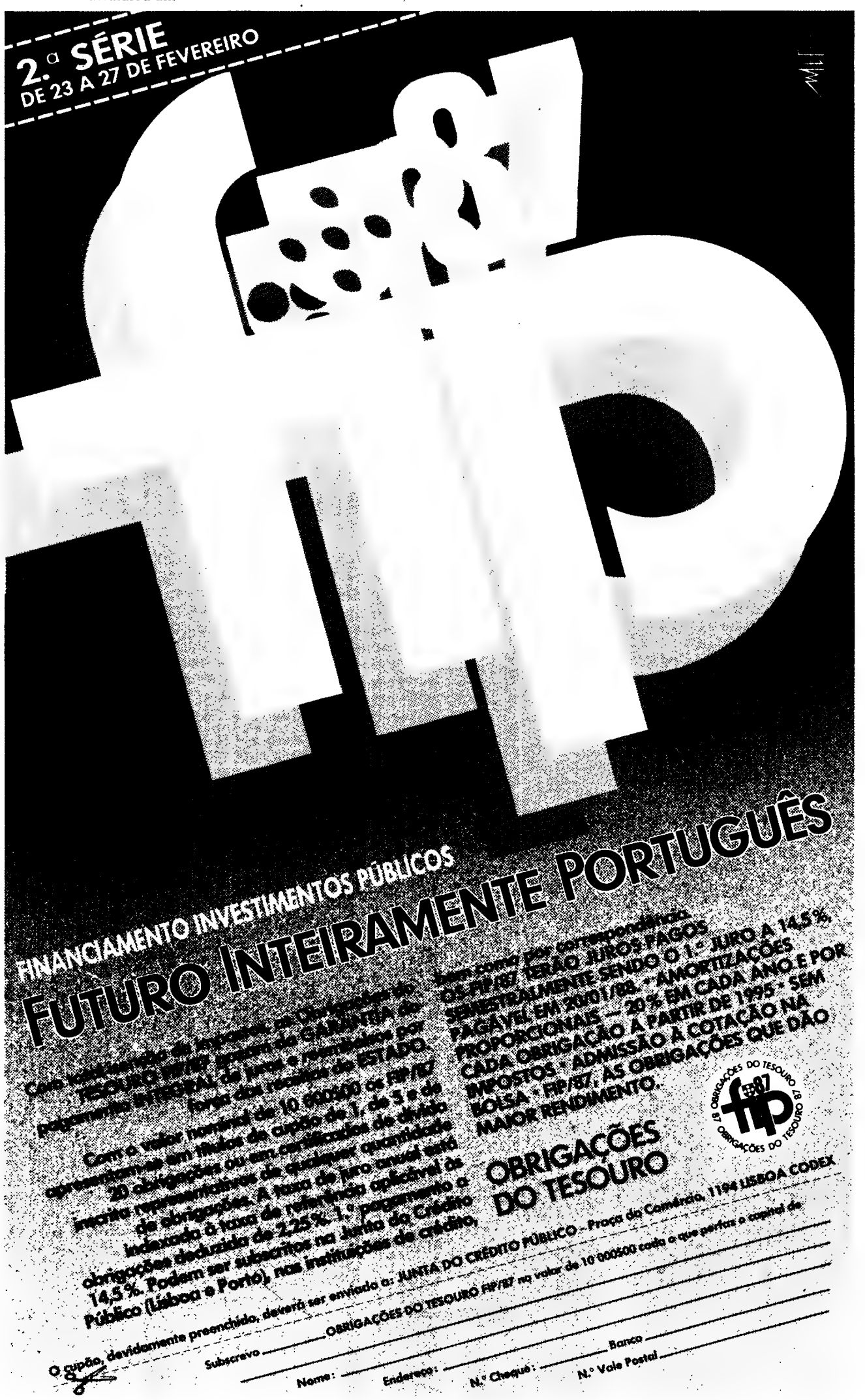
A queixa apresentada à Justiça portuguesa tinha como motivo a morosidade no seguimento de uma acção intentada pelo advogado visando obter uma indemnização pelo facto de o Copcon ter emitido, em 1975, um mandato de captura contra ele.

O advogado disse que o Governo português, «para fugir às suas responsabilidades pretende desviar as atenções do Tribunal e transformar o processo contra a desorganização da Justiça em Portugal num processo contra o 25 de abril».

Segundo Lebre de Freitas, o Governo português pretende que o Tribunal Europeu se declare incompetente para reconhecer uma queixa relativa a uma acção baseada numa ofensa cometida pelo Copcon num período que qualifica de «revolucionário».

O Estado português é representado nesta causa pelo procurador-adjunto Irineu Barreto que disse à Lusa «não querer julgar ninguém, mas pretende demonstrar que a Convanção Europeia dos Direitos do Homem não cobre esta situação».

De qualquer modo, Lebre de Freitas afirma os seus receios de que o Tribunal Europeu se declare incompetente, no caso de reconhecer o peíodo revolucionário como «de excepção». Se assim for, diz, «o Governo evitará então a condenação internacional do caos em que se encontram os nossos tribunais».



Polícias fortemente armados, com cães e coletes à prova de balas, patrulham o exte rior do Palácio da Justiça, em Paris, onde está a decorrer o julgamento do guerrilheiro libanês Ibrahim Abdallah, acusado de violência política. Perante o tribunal, Abdallah recusou-se a responder a que stões que lhe foram colocadas, repetindo incessantemente: «sou um combatente árabe».

O Ministério da Saúde do Brasil inicia hoje uma campanha nacional orientada para a prevenção da expansão do síndroma de imunodeficiência adquirida (Sida). A campanha começa com a projecção de filmes na televisão e avisos em jornais e revistas. O Brasil ocupa actualmente o terceiro lugar no mundo em vítimas do Sida, sendo superado pelos Estados Unidos e França. Segundo o programa de controlo de prevenção de São Paulo, até 30 de Janeiro registaram-se 1.318 casos de Sida no Brasil, dos quais 712 fatais. A Oreganização Mundial de Saúde (OMS) estima que 120 mil brasileiros estão contaminados pelo vírus do Sida. Em São Paulo concentram-se dois terços dessas vítimas potenciais. A campanha de prevenção tem como lema «Sida, quanto melhor se conhece, melhor se pode evitar».

Um residente de Arrakia, na Arábia Saudita, faz bo las grande nevão que caiu naquela região. Há mais de trinta anos gião, conhecida pelas suas temperaturas escaldantes.

Líderes bascos aceitam coligação

Líderes políticos bascos chegaram a acordo sobre a formação de uma coligação para governar a região basca, no Norte de Espanha, após quase três meses de conversações. José António Ardanza, líder do Partido Nacionalista Basco (PNV), reassumirá o cargo de presidente das três províncias, de acordo com uma declaração subscrita pelo PNV e pelo Partido Socialista em Vitória, capital da região basca. Um membro dos socialistas bascos, um ramo do partido nacional que governa em Madrid, será vice-presidente, enquanto os 12 restantes cargos do governo serão distribuídos entre os dois partidos, salienta a declaração. «Este acordo constitui um passo positivo na resolução dos problemas políticos do nosso povo» — acrescenta o documento. Nas eleições de Novembro, os socialistas conseguiram 19 lugares e o PNV 17, num total de 75. O Partido Socialista, por não ter atingido a maioria absoluta, teve de negociar durante três meses os termos de uma coligação com o PNV e outros partidos bascos.

As divergências entre as várias tendências partidárias surgiram acerca do modo de combater as acções separatistas da ETA e a distribuição dos cargos governamentais.

Romance na página necrológica

Um acontecimento banal é alguém encontrar o par ideal através de um anúncio de jornal — mais raro é descobrir o grande amor na página necrológica, como aconteceu a Jeanne Eckerson e Charles Jackson. Jeanne, de 29 anos, escreve os anúncios da página necrológica de um jornal diário do norte do estado de Virgínia e Charles, de 30 anos, é empregado numa casa funerária local. Desde Junho, ambos falaram ao telefone quase diariamente por razões profissionais e aconteceu encontrarem-se uma vez ou outra. Com a ajuda de vários funcionários do jornal, Charles Jackson pôs um anúncio na página necrológica do jornal na semana passada sem que Jean Eckerson soubesse. O anúncio publicado na véspera do dia dos namorados dizia: «Jeanne: encontrámo-nos graças a esta página. Havemos de acabar nela. Quer passar o resto da sua vida comigo?» Esta mensagem surgia dentro de um coração e rodeada de corações mais pequeninos. Jeanne afirmou que não lera o jornal nesse dias mas Charles mostrou-lho à noite e ela disse que sim. «Este é um compromisso muito sério. Quem é que fica noivo através da página de necrologia?» – perguntou ela.

Protecção da camada de ozono

Cerca de 100 cientistas de 25 países participam numa conferência das Nações Unidas iniciada ontem em Viena para debater medidas de protecção à camada de ozono da atmosfera. A conferência, que decorre durante esta semana, procura encontrar normas internacionais para limitar ou suspender a produção de hidrocarbonetos de flúor e cloro. Estes hidrocarbonetos são usados nas instalações de ar condicionado, frigoríficos, pulverizadores e alguns tipos de plástico, e podem destruir a camada de ozono da atmosfera que protege a terra dos raios ultravioletas. Na sessão de abertura, o vice-presidente do programa ecológico da ONU, William Mansfield, disse que a produção anual destes hidrocarbonetos atinge as 800 000 toneladas. Mansfield lamentou que a decisão dos Estados Unidos de proibir os hidrocarbonos de flúoor e cloro, em 1974, não tenha sido rapidamente seguida pela Europa, e cientistas norte-americanos e da Comunidade Europeia não acreditam que este problema possa ser rapidamente resolvido.

Situação no Líbano

PRIMEIRO CONFRONTO COM TROPAS SÍRIAS PROVOCOU QUATRO MORTOS

Soldados sírios que patrulham as ruas de Beirute Ocidental foram atacados por homens armados não identificados, provocando um tiroteio que, segundo revelram forças de segurança, causou a morte de quatro civis. Este foi o primeiro incidente com tropas sírias ocorrido desde que Damasco enviou sete mil homens para o sector muçulmano de Beirute, para pôr termo a uma semana de confrontos entre muçulmanos xiitas e forças de esquerda.

Soldados sírios montam peças de artilharia pouco depois da chegada à par te Ocidental da capital libanesa para acabarem com os combates entre milícias.

Os habitantes da capital libanesa começaram a abrigar-se nas suas residências ao ouvir o som de explosões de granadas e rajadas de metralhadora no sector muçulmano, cujo ambiente estava relativamente calmo desde que Damasco enviou reforços, no domingo, para neutralizar as milícias e restaurar a ordem naquela cidade.

Os comandantes sírios avisaram todos os milicianos que seriam fuzilados se não entregassem as armas e se retirassem das ruas de Beirute.

O incidente ocorreu na área de Ain Mreisseh, tradicionalmente controlada por milícias drusas, enquanto que o pró-iraniano Hezbollah (Partido de Deus) mantém a suas posições no extremo Norte daquele distrito.

Segundo uma das testemunhas, os soldados sírios pareciam estar a ganhar terreno contra os combatentes drusos, perseguindo-os após o ataque inicial, numa zona de esplanadas à beira-mar.

Este ataque parece ter sido gerado por um mal-entendido: os sírios viram um civil a acenar enquanto passeava à frente da praia, e, supondo que ele estava armado, dispararam, ferindo-o gravemente.

Mas antes deste incidente, as tropas sírias já tinham detido diversos elementos das milícias, entre eles sete homens do Partido Socialista druso, que foram cercados no hotel Cavalier, onde aquela organização tinha montado o seu quartel-general.

OUA acusa países ocidentais de encorajar Pretória

A Etiópia, na abertura do conselho de ministros da Organização de Unidade Africana (OUA), em Adis Abeba, acusou Washington, Londres e Bona de colaborar com Pretória.

Uma mensagem do Presidente etíope, Mengistu Hailé Mariam, lida na sessão de abertura pelo seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Berhanu Bayih, afirma que aqueles três Governos Ocidentais, com a sua oposição às sanções obrigatórias, encorajam a África do Sul a desafiar a opinião mundial.

Os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Alemanha Federal votaram, na semana passada, contra uma resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas que propunha sanções obrigatórias contra Pretória. A França absteve-se.

Sobre a crise económica africana, um dos principais temas agendados para esta sessão, que termina no sábado, Mengistu considerou insuficiente o aumento de três por cento registado na produção alimentar de 1986.

Os Estados africanos não só se devem esforçar decisivamente pelo desenvolvimento económico a longo prazo, como também pressionar mais a comunidade internacional «para que cumpra as suas promessas e apoie os esforços dos países africanos», sublinhou.

Sem o apoio concreto da comunidade internacional, a África terá enorme dificuldade em vencer os seus problemas económicos, segundo o Presidente etíope.

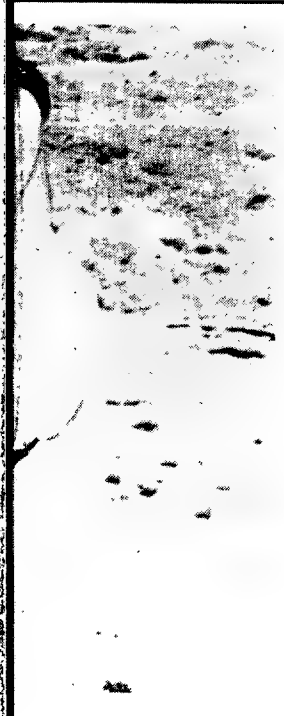
Fontes da OUA disseram que a Organização Pan-Africana está desapontada com o facto de os doadores, sobretudo Ocidentais, só terem contribuído com uma fracção dos 46 mil milhões de dólares necessários para o cumprimento do seu programa de recuperação económica.

Filipinas preparam anive

As Filipinas ultimam hoje os preparativos para festejar amanhã o primeiro aniversário da revolução do «poder popular», que muitos pensavam que nunca chegaria.

Os organizadores ultimam os preparativos para o dia de comemorações que assinalam a passagem do 25 de Fevereiro como «arawng Kalayaan», ou dia da liberdade, data em que Ferdinando Marcos abandonou a capital e Corazón Aquino o substituiu no cargo de presidente.

No espaço de um ano, a chefe de Estado filipina sobreviveu a três tentativas de golpe de Estado e a numerosas intri-



...s de neve depois de um ...os que não nevava na re -

...ugiados
...gidos

...ntem, guerrilheiros pale...ianos dispararam rajadas ...etralhadoras para impedir ...efugiados de abandonarem ...ampo de Shatila, em Beiru... depois da milícia xiita «A - » ter afirmado que levanta - um cerco de três meses ele campo.

...m membro do clero xiita , acompanhado de uma ...her palestiniana tentou en - no campo para convencer ...efugiados a sair, foi obri - o a regressar por franco-a- ...dores.

...hris Giannou, um cirurgião ...adiano a trabalhar em Sha- disse que hou ve um certo ...io, entre os refugiados, ao ...erem da chegada de patrul - ...sírias ao sector muçulma - ...e Beirute, mas acrescentou ainda mantinham uma po - ...o cautelosa.

...ário da mudança

...conseguindo no final ser, ...ue parece, mais popular ...ue nunca.

...orazón Aquino obteve re...emente uma grande vitó... quando os resultados do ...iscito, sobre a nova Cons...ção, lhe deram uma vitó... ...or uma margem de quatro ...s favoráveis contra um.

...o discurso que amanhã ...erirá, Corazón Aquino ...salientar a necessidade ...rosseguir com o esforço ... reconciliação nacional e ...ar aos rebeldes para que ...am a cessar-fogos regiò... ... e aceitem programas de ...triação.

Soldados refugiados moçambicanos são dilema para a Zâmbia

Jim Fish - AFP/LUSA

Os combates no vizinho Moçambique em 1986 despejaram, primeiro pingo a pingo depois em torrente, uma vaga de refugiados em Miti, uma aldeia numa zona remota da Zâmbia. A guerra civil entre o governo de Moçambique e a Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), intensificou-se e espalhou-se por quase toda a província de Tete.

A meio de Fevereiro, durante dez dias, chegaram a Miti mais de 600 refugiados. São apenas uma parte dos 26 mil moçambicanos que fugiram para a Zâmbia, desde o princípio do ano passado.

«Estamos a tentar cuidar deles todos», diz Ted Lungu, um voluntário da Cruz Vermelha zambiana.

«Mas com este aumento súbito estamos a atingir o limite», acrescenta, apontando para um magote de mulheres e crianças que se acotovelam debaixo de uma árvore, cozinhando numa fogueira.

Até recentemente, os recém-chegados a Miti recebiam diariamente 400 gramas de cereais e um pedaço de terra para construírem uma cabana com madeira que eles próprios cortavam.

Agora, dezenas de refugiados encontram abrigo temporariamente numa minúscula clínica, onde dormem no chão. Recebem esmolas alimentares daqueles que chegaram antes.

Com a recente chegada de refugiados surgiu um problema adicional – 41 soldados moçambicanos fugindo aos combates na província de Tete. Com alguma relutância, entregaram os seus uniformes do exército e as espingardas automáticas AK-47, de fabrico soviético, aos soldados zambianos.

Nessa mesma semana, outros 98 soldados apresentaram-se no campo de refugiados de Sindemisale, a 80 quilómetros da cidade zambiana de Chipata.

Embora os rebeldes nunca tenham atravessado anteriormente a fronteira zambiana em número significativo, a meio de Fevereiro ameaçaram fazê-lo para perseguir soldados moçambicanos que se refugiem na Zâmbia.

O governo zambiano está num dilema.

Se repatria os soldados moçambicanos provocará, provavelmente, a ira dos rebeldes.

Mas como membro dos países da Linha da Frente, o principal grupo político da região na oposição à África do Sul, a Zâmbia apoia o presidente moçambicano Joaquim Chissano e a sua Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo).

E porque muitos soldados moçambicanos atravessaram a fronteira com as famílias, a questão tornou-se num problema humanitário.

«Fugimos dos rebeldes para nos mantermos vivos», conta uma mulher que se identificou apenas pelo nome de Joaquina e diz ser mulher de um soldado moçambicano.

«Aqueles camponeses que ficaram e se recusaram a alimentar os rebeldes, tiveram as orelhas cortadas com pangas (catanas)», afirma ela.

Ali perto, o marido e um companheiro, também soldado moçambicano, agora vestidos à civil, sobem para um camião para serem conduzidos, sob escolta militar, para um destino desconhecido.

Egídio Nkombeza, de 30 anos, é um dos poucos jovens entre os recém-chegados.

«A maioria dos rebeldes da Renamo são jovens que foram forçados a juntar-se-lhes», explica ele. «Tal como fizeram ao secretário do partido Frelimo para o distrito de Chiuta, quiseram matar-me. Então andei com a minha mulher e filhos, durante três dias e três noites, até chegar aqui. Não podíamos ficar em Moçambique porque as estradas para as cidades seguras foram cortadas pela Renamo.»

Joaquina, Nkombeza e a maior parte dos refugiados esperam voltar a casa logo que a guerra acabe. Mas os rebeldes da Renamo combatem quase desde que Moçambique se tornou independente de Portugal, em 1975.

Nkombeza sabe também que a segurança do campo de Miti é apenas relativa.

«A Zâmbia e Moçambique compartilham grande parte da sua fronteira», diz ele, apontando com a mão para as montanhas a alguma distância: «e esta guerra pode espalhar-se para mais longe».

Dirigente da OLP pede acção decisiva europeia na crise do Médio Oriente

«Não se pode deixar aos Estados Unidos o monopólio da paz e da guerra. Por isso pedimos à Europa que se decida a assumir o papel que lhe cabe na crise do Médio Oriente», disse em Roma, Faruk Kaddumi, responsável pelo departamento político da OLP.

Numa concorrida conferência de Imprensa, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Organização de Libertação da Palestina (OLP), afirmou que no passado dia 10 de Dezembro, por ocasião de uma reunião em Bruxelas com Leo Tindemans, ministro dos Negócios Estrangeiros belga e presidente em exercício da Comunidade Económica Europeia (CEE), solicitou o reexame da «Declaração de Veneza».

Trata-se do documento sobre a crise do Médio Oriente aprovado em 1980 pela CEE, e no qual propôs «a associação da OLP a eventuais e futuras negociações».

«Esperamos que a palavra 'associação' seja transformada em 'participação'», disse Kaddumi.

Para o responsável pela diplomacia da OLP não existem «projectos de paz israelitas, país que continua a recorrer a acções terroristas contra o nosso povo, no Líbano e na Palestina, com o apoio incondicional dos Estados Unidos».

Do lado árabe, em compensação, haverá projectos de solução, e neste sentido Kaddumi mencionou a convocatória de uma conferência internacional sob a égide das Nações Unidas, com a participação de todas as partes envolvidas, tal como foi proclamado na Cimeira Árabe de Fez (Marrocos), em 1982.

Sobre a dramática situação nos acampamentos de refugiados palestiniamos no Líbano, Kaddumi apontou três possíveis soluções.

A primeira consistiria em que as Nações Unidas assumissem a responsabilidade de proteger os acampamentos, ou num mandato internacional para que os palestinianos assumissem eles próprios esta tarefa, com as devidas garantias, ou o regresso de uma força multinacional de paz que protegesse os acampamentos.

O dirigente palestiniano recordou também que a chamada «guerra dos acampamentos» se iniciou realmente em 1985, e que a actualmente em curso é a terceira.

«O grupo de Amal, explicou, pretende tornar-se no garante da segurança israelita e demonstrar a Telavive que é capaz de impedir os palestinianos de cometer eventuais acções bélicas contra o Estado judaico. Além disso, o 'Amal' pretende também evitar qualquer acção da OLP no Líbano, pretensão esta em que é apoiada pela Síria», disse.

24 HORAS

Conferência sobre o Médio Oriente

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade Europeia aprovaram por unanimidade um comunicado em que apoiam a realização de uma conferência internacional sobre a paz no Médio Oriente. Uma declaração conjunta dos países membros da Comunidade Europeia diz que a Europa está disposta a desempenhar o seu papel nessa conferência internacional.

A conferência deve contar com a participação de todas as partes interessadas e de todos os que possam contribuir para a paz e segurança no Médio Oriente, acrescenta o comunicado.

Estudantes espanhóis divididos

Um núcleo da linha dura dos estudantes espanhóis do ensino secundário rejeitou um plano governamental para a reforma do ensino secundário, afirmando que vai continuar a manifestar-se sozinho. «O plano contém uma série de medidas que não vão resolver os problemas do ensino em Espanha», disse aos jornalistas Carlos Vaquero, dirigente da Secção Coordenadora dos Estudantes de Madrid, excluídas das conversações com o governo. No entanto, a Comissão Coordenadora de Estudantes do Ensino Secundário e Universitário assinou um acordo com o Ministério da Educação que considera satisfazer as reivindicações estudantis.

"Contras" têm novo chefe

Pedro Joaquim Chamorro Barrios, que foi eleito para o triunvirato que lidera os rebeldes da Nicarágua, com o apoio dos Estados Unidos, disse que o seu principal objectivo era criar uma «unidade real» entre os insurrectos. A oposição da Nicarágua, conhecida por uno, elegeu hoje Chamorro Barrios para substituir o dirigente rebelde Adolfo Calero que se demitiu, aparentemente sob pressão dos EUA, do grupo dirigente de rebeldes da Nicarágua. Calero continua a ser o chefe da Força Democrática da Nicarágua, o maior exército rebelde que tem cerca de 10 000 soldados a operar em campos junto à fronteira das Honduras.

UNITA reivindica 78 mortos

A UNITA afirma, em comunicado distribuído em Lisboa, ter abatido 78 soldados das Forças Armadas angolanas (FAPLA) entre os dias 15 e 18 e sofrido apenas cinco mortos e 13 feridos. O comunicado, assinado pelo chefe do Estado-Maior General do movimento rebelde, Demóstenes Amos Chiliguntila, declara que no mesmo período a UNITA destruiu 28 viaturas governamentais e capturou 63 armas, contra a perda de uma única arma pelas suas forças.

Casa Branca desmente

A Casa Branca desmentiu uma notícia segundo a qual os Estados Unidos teriam procurado deliberadamente matar o líder líbio, Moammar Kadhafy nos ataques aéreos de Abril passado. «As bombas que caíram sobre o complexo onde se encontrava a família de Kadhafy visavam instalações militares a 200 metros de distância» — disse à Reuter o porta-voz da Casa Branca, Dan Howard.

Calma na fronteira índia/Paquistão

Após a retirada de mais seis divisões das posições na fronteira com o Paquistão, começam a regressar os primeiros habitantes às suas aldeias, informa a agência indiana UNI. A tensão política entre a Índia e o Paquistão e a grande mobilização de tropas de ambos os lados da fronteira provocaram o êxodo das populações que temiam um conflito bélico entre os dois países.

De 18 a 20 de Março

Economistas organizam primeiro Congresso

O papel do economista na sociedade portuguesa e o seu enquadramento na Europa dos Doze vai ser debatido no primeiro Congresso dos Economistas, marcado para os dias 18, 19 e 20 de Março, na Fundação Gulbenkian, em Lisboa.

Para além desta reflexão sobre a profissão e o seu enquadramento social, é ainda objectivo do Congresso analisar e debater os grandes problemas nacionais em áreas de intervenção dos economistas, que dessa forma, contribuem para a valorização socioeconómica do País e para a elevação do seu próprio nível técnico.

O economista no quadro da CEE, consubstancia o tema geral deste congresso, que se subdivide nos subtemas: — o economista na sociedade portuguesa, o desafio da integração na CEE, o economista e o desenvolvimento socioeconómico, o jovem economista e a sua inserção no tecido social, o economista face à evolução tecnológica e a deontologia profissional e sua regulamentação.

Este tema geral é coordenado pelo dr. João Salgueiro. Serão também debatidos no I Congresso dos Economistas, os seguintes temas:

— A situação actual da economia portuguesa e sua evolução na década de noventa face à integração europeia; emprego e formação profissional; sector público sector privado e regionalização como factor do desenvolvimento socioeconómico. Estes temas serão coordenados, respectivamente, pelos doutores, Vítor Constâncio, Pinto Coelho, Mário Baptista e Simões Lopes.

Segundo o Ministério do Trabalho

MENOS GREVES EM 86

●*No ano passado perderam-se 380 mil dias de trabalho em conflitos laborais*

Em 1986 verificaram-se 1052 conflitos de empresa, 282 dos quais com greve 44 conflitos sectoriais, 35 com greve, envolvendo as greves 271 073 trabalhadores, segundo dados oficiais do Ministério do Trabalho.

Os dados do ministério, divulgados pela Lusa, afirmam que em 1986 foram perdidos 383 973 dias de trabalho em greves (não incluindo a Administração Pública).

Os 196 420 trabalhadores envolvidos em greves de empresa perderam 270 851 dias de laboração e os 74 653 que participaram em 42 greves sectoriais ou pluriempresa perderam 113 122 dias de trabalho.

Em 1985, quatro em cada cinco conflitos sectoriais (79,55 por cento) terminaram em greve, enquanto pouco mais de um em cada quatro (26,80 por cento) dos conflitos de empresa passaram por greves.

Por ramos de actividade, o maior número de greves de empresa ocorreu na metalúrgica e metalomecânica, sector em que desembocaram em greve 92 dos 120 conflitos registados o ano passado.

Seguem-se a construção e obras públicas com 37 greves de empresa, os têxteis, vestuário e couro com 29 e o comércio com 20.

Apenas os sectores da banca e seguros e o abastecimento de água não sofreram greves.

Entre 1985 e 1986 os conflitos de empresa diminuiram de 1237 para 1052 e as greves de 374 para 282, sendo o sector das indústrias metalúrgicas e metalomecânicas aquele em que ocorreu a maior dimunuição — 300 conflitos em 1985 (146 dos quais com greve) e 212 conflitos em 1986 (dos quais 92 com paralisação).

Em 1986 há a acrescentar 47 greves na administração pública, que em 1985 tinham sido contabilizadas em conjunto com os restantes sectores.

Os serviços representaram cerca de metade dos conflitos e greves sectoriais, com 22 conflitos, 17 dos quais incluiram paralisações.

As indústrias cerâmicas registaram sete conflitos, seis dos quais com greve e tanto os transportes e armazenagem como as telecomunicações tiveram três conflitos, todos com greve.

Lista da CGTP ganhou eleições nos Estaleiros de Viana

Uma lista unitária, identificada com a CGTP e com a anterior Comissão, ganhou as eleições para a Comissão de Trabalhadores dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, totalizando 1.018 dos 1.412 votos expressos pelos 1.668 inscritos e em condições de votar.

A lista B, de oposição à anterior Comissão de Trabalhadores, reuniu apoios de 343 votantes.

A nova Comissão eleita para o biénio 87/88 tomou ontem posse tendo sido salientada na cerimónia a importância crescente dos trabalhadores na vida daquela empresa pública e a sua contribuição para a estabilidade vivida há anos num dos principais estaleiros de construção naval no nosso País.

Interior com preços mais altos do que Lisboa e Porto

A média dos preços é mais alta na província do que em Lisboa ou no Porto, revela um estudo divulgado ontem pela Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (DECO).

O estudo constitui uma análise comparativa de preços em quatro cidades do continente (Lisboa, Porto, Viseu e Évora) e decorreu entre os dias 19 e 26 de Novembro do ano passado, com o apoio financeiro da comissão da CEE e do BEUC (Bureau Europeen des Unions des Consommateurs).

Tomando como base 100 os preços na cidade do Porto, o estudo revela que Lisboa possui um nível de preços de 105, Viseu 108 e Évora 115.

O estudo baseou-se na observação, recolha e análise comparativa dos preços de venda ao público de produtos das áreas da alimentação, higiene e limpeza, electrodomésticos e acessórios, acessórios de automóvel, estações de serviço, lavandarias e calçado.

O Porto é a cidade mais barata para os consumidores em todos os grupos de bens e serviços estudados, à excepção do grupo de «estações de serviço», onde fica em terceiro lugar, conclui o estudo.

Em conferência de Imprensa, responsáveis da DECO referiram que, na maioria dos países da Europa, a assimetria de preços entre a província e as grandes cidades não é tão acentuada.

Um responsável da Deco referiu que tal facto se deve às dificuldades de transportes, mas também à falta de informação dos consumidores portugueses, que se viram recentemente confrontados com a liberalização dos preços.

«Isto tem a ver com a modificação radical do quadro legislativo que, no entanto, não foi devidamente publicitada, nem acompanhada das acções de formação necessárias», afirma a Deco nas conclusões do estudo.

A legislação sobre preços em vigor «deixa quase sempre ao critério dos responsáveis pelos estabelecimentos o preço a praticar, exigindo apenas a obrigatoriedade da sua fixação», adianta.

Passou-se — salienta a Deco — de uma situação de «grande intervenção» por parte da administração pública, com uma margem «quase nula de intervenção» na fixação dos preços por parte dos comerciantes, para uma situação em que «a regra é a não intervenção».

Por exemplo, enquanto uma cerveja de 0,33 litros pode custar 23 escudos num supermercado do Porto, chega a custar 65 escudos numa pastelaria de Lisboa, aponta o estudo.

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

RUA CONDE REDONDO, N.º 80-3.º-4.º-5.º 1199 LISBOA CODEX
☎ 52 25 70 - 52 26 41 - 52 27 12

(Rectificação ao anúncio publicado neste jornal no passado dia 21)

ASSEMBLEIA REGIONAL DOS CONCELHOS DE VILA FRANCA DE XIRA E ALENQUER

CONCOVATÓRIA DO ACTO ELEITORAL

1 — Nos termos dos Estatutos e do Regulamento Eleitoral, convoco a Assembleia Regional para reunir em sessão ordinária nos próximos dias

24 e 25 de Março de 1987

Para

Eleger o Secretariado Regional do concelho de Vila Franca de Xira e Alenquer para o triénio de 1987/1990.

2 — A Mesa de voto da Delegação de Vila Franca de Xira funcionará entre as **10 e as 19 horas** do dia 25 de Março de 1987.

3 — As candidaturas deverão ser apresentadas até 20 dias antes da data do Acto Eleitoral, isto é até,às 24 horas do dia 4 de Março de 1987.

4 — A partir do dia 21 de Fevereiro de 1987 estarão patentes na Delegação de Vila Franca de Xira, e nas empresas onde funcionarão Mesas de Voto os Cadernos Eleitorais.

Qualquer reclamação sobre os mesmos poderá ser efectuada nos dias 15 seguintes.

5 — Além da Mesa que funcionará na Delegação de Vila Franca de Xira, funcionarão Mesas nas empresas e com os horários a indicar oportunamente.

6 — As propostas de candidatura deverão ao ser entregues vir acompanhadas dos respectivos programas e dos termos de aceitação individual, para serem divulgadas a todos os trabalhadores.

7 — Nos termos dos Estatutos não é permitido o voto por correspondência.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Manuel Correia Lopes

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	57$05	63$05
ALEMANHA FED. (marco)	76$60	77$80
ÁUSTRIA (xelim)	10$85	11$05
BÉLGICA (franco)	3$494	3$744
BRASIL (cruzado)	3$800	6$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	105$10	107$60
(notas de 5 a 1000)	105$60	108$10
DINAMARCA (coroa)	20$30	20$70
ESPANHA (peseta)	1$059	1$179
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	140$00	143$50
(notas de 5 a 1000)	140$50	144$00
FINLÂNDIA (marka)	30$80	31$40
FRANÇA (franco)	23$00	23$70
HOLANDA (florim)	67$80	68$90
IRLANDA (libra)	204$75	208$75
ITÁLIA (lira)	$098	$113
JAPÃO (iene)	$867	$922
NORUEGA (coroa)	20$05	20$55
REINO UNIDO (libra)	215$90	220$40
SUÉCIA (coroa)	21$55	22$05
SUÍÇA (franco)	90$65	92$15
VENEZUELA (bolívar)	5$15	6$15

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Americanos exigem razoabilidade às exportações têxteis portuguesas

Portugal iniciou contactos com a administração norte-americana para ultrapassar os problemas surgidos, recentemente, com as exportações têxteis para aquele país, disse ontem em Bruxelas o ministro português dos Negócios Estrangeiros.

Pires de Miranda, que participava numa reunião do quadro da cooperação política externa da Comunidade Europeia, admitiu aos jornalistas que tenham existido «disparos exagerados nas exportações portuguesas de alguns produtos».

«Estamos a tentar negociar bilateralmente para não deixar que o conflito azede, ultrapassando o seu âmbito estritamente português», disse o ministro, acrescentando que se trata de «conseguir que os norte-americanos sejam razoáveis, prometendo nós sê-lo igualmente».

A administração norte-americana colocou já à Comunidade Europeia o problema do «espectacular» crescimento em 1986 das exportações portuguesas de têxteis para os Estados Unidos.

Segundo o «acordo de cavaleiros» existente, a parte queixosa pode, no caso de um desacordo persistir, ao fim de 60 dias de consultas, aplicar medidas unilaterais.

«O problema não estava ainda resolvido no fim-de-semana passado, mas espero que venha a estar em breve», concluiu o ministro Pires de Miranda.

Em Novembro

Mais desempregados à procura de emprego

O número de desempregados registados no Instituto de Emprego e Formação Profissional aumentou em Novembro de 1986 4,1 por cento relativamente ao mesmo mês de 1985, anunciou aquele organismo.

O Instituto tinha registados em Novembro 368 639 desempregados, número também superior ao de Outubro em 0,8 por cento.

Em Novembro, o IEFP recebeu 389 482 pedidos de emprego, 2383 ofertas de trabalho e efectuou 137+ colocações.

O Instituto informou que as ofertas de emprego diminuíram 2,6 por cento em relação a Outubro, mas aumentaram em relação ao mesmo mês do ano anterior em 38,9 por cento.

Árbitros repudiam violência

Em comunicado hoje divulgado e na sequência da reunião especial da direcção da Associação Portuguesa de árbitros com a presença de todos os seus membros, aquele organismo analisou «o degradar do espirito e ética desportivos que prosseguem nas competições federativas e associativas, com todo um conjunto de actos de vandalismo em que os árbitros têm sido as principais vitímas».

A gravidade de ocorrências recentes obrigam uma vez mais a um repensar de métodos e filosofias, de molde a suster o adulterar do verdadeiro sentido que o desporto encerra e porque todos pugnam», referem os árbitros no comunicado.

A APA «faz sentir o seu repúdio por todo e qualquer tipo de violência, venha ela de onde vier», e propõe às entidades responsáveis «um debruçar sério e frontal sobre actos, que mais do que tudo, desprestigiam a sociedade portuguesa e enfermam a mentalidade desportiva de todos nós».

FPF instaura processo a Samuel e José Carlos

Contrariando as informações dadas pelo dirigente Francisco Calado na Conferência de Imprensa realizada no passado domingo, nas instalações do Estádio do SLB, a Federação Portuguesa de Futebol mandou instaurar um processo disciplinar aos futebolistas Samuel e José Carlos (que aquele dirgente diria desconhecerem a convocatória para o encontro com a Itália). O comunicado federativo refere terem-se verificado «**infracções aos princípios que regem os encontros entre clubes portugueses e estrangeiros e aos que devem ser respeitados pelos jogadores das selecções nacionais**».

Recorde-se que, nestes casos, para além da penalização de suspensão aos jogadores faltosos, o regulamento disciplinar da FPF prevê a aplicação de pesada multa ao clube (100 mil escudos, mais 200 mil por cada jogador) prevaricador.

A.F. Coimbra castiga clubes

Cinco clubes filiados na Associação de Futebol de Coimbra foram punidos com um ano de suspensão em provas de infantis, iniciados e juvenis por desistência após inscrição.

Os clubes punidos são o Grupo Desportivo Sourense, Clube de Futebol Santa Clara, União Desportiva da Tocha, Clube Recreativo da Praia da Leirosa e União Desportiva Taveirense.

Estes clubes desistiram de várias provas oficiais de infantis, iniciados e juvenis, depois de efectuados os respectivos sorteios.

Marítimo: finanças em baixo

O défice de exploração do Clube Sport Marítimo ascendia, em 31 de Julho de 1986, a 29 000 contos, foi revelado pelo clube madeirense, segundo dados que constam do relatório e contas do clube referentes às épocas 1984/1985 e 1985/1986 aprovado por unanimidade numa assembleia geral que registou escassa participação de associados.

Microscópio

Ténis de Mesa: Portugal derrotou a Arábia Saudita

A selecção masculina de Portugal venceu a Arábia Saudita por 5-3, em jogo de qualificação do 41.º ao 48.º lugares da classificação final do campeonato do mundo de ténis de mesa, a decorrer em Nova Deli.

A competir para os mesmos lugares da classificação final, a selecção masculina de Macau perdeu 5-2 frente à Irlanda e venceu o Gana pela mesma diferença.

Golfe: o «open» de Portugal será em Outubro

O «open» de Portugal em golfe, ainda sem local determinado, disputa-se entre 29 de Outubro e 1 de Novembro e será a 33.ª prova do calendário de 1987 da «Ordem de Mérito Europeia».

Pólo aquático: torneio feminino

O Seagram venceu o primeiro torneio feminino de pólo aquático realizado em Portugal, ao derrotar na final o CDUP por 16-10, com os parciais de 3-2, 4-3, 5-2 e 4-3.

Em 3.º lugar classificou-se o Algés e nas 4.ª e 5.ª posições ficaram, respectivamente, a Associação dos Bombeiros Voluntários do Estoril e o Aminata, de Évora.

Paralelamente ao torneio, disputado este fim-de-semana na piscina dos Olivais, em Lisboa, realizaram-se duas exibições de natação sincronizada, efectuadas por conjuntos do Seagram e do CDUP.

Amanhã, no Estádio do Bessa

OLÍMPICOS LUSOS FRENTE AOS "LARANJAS"

O boavisteiro Coelho e o vimaranense Adão são as duas novidades na selecção olímpica de Portugal para o jogo de amanhã frente à Holanda no Estádio do Bessa. Depois do desaire em Lecce frente à Itália por tangencial 1-0, numa partida em que o guarda-redes Lúcio foi a figura central, a turma portuguesa necessita de ganhar, sob pena de ver cada vez mais distante as suas hipóteses de qualificação para os Jogos de Seul em 1988.

Coelho e Adão: os repescados para o encotro de amanhã

A Holanda conta também com uma derrota (0-1) no único jogo realizado frente à RDA, o que poderá levar a formação daquele país a tentar pelo menos o empate frente aos nossos «olímpicos».

Com vista à sua preparação para o empate frente aos holandeses, os portugueses efectuaram ontem um treino ligeiro no pavilhão Infante de Sagres no Porto, sendo de salientar a ausência do Jorge Plácido (Chaves), a braços com uma lesão contraída frente ao Marítimo no passado domingo para o campeonato.

Jorge Plácido, que sofreu uma periartrite traumática no ombro esquerdo, não está em condições de recuperar a tempo de alinhar frente aos holandeses, o que se traduz num enfraquecimento da força ofensiva da turma das quinas.

Em estágio estão os seguintes elementos: Adão, Carvalho, Miguel, Costeado (Vitória de Guimarães); Parente e Coelho (Boavista); Valério (Marítimo); Cerqueira, Jorge Silva e Jorge Plácido (Chaves); Mendes (Portimonense); Juanico (Rio Ave); Matias (Salgueiros); Oceano (Sporting); Lúcio (Varzim); e Roçadas (Vitória deSetúbal).

Torneio internacional do Algarve

Com vista ao torneio dejuniores «B» a realizar no Algarve de 28 do corrente a 3 de Março e no qual partiicparão as selecções de Espanha, Itália e França, o seleccionador José Augusto convocou os seguintes jogadores:

PORTO (5) – Viseu, Peixoto, Barbosa, Folha e Zé Manel. SPORTING (5) – Nélson, Rosário, Bilro, Hélio e Vicente. BENFICA (1) – Sérgio. VITÓRIA SC (1) – Baptista. BOAVISTA (1) – João Pinto. LUSITANO FC (1) – Paulo Sérgio Madeira. VIANENSE (1) – Joca. FARENSE (1) – Ivo.

Programa dos jogos:

28.2.87 — LOULÉ: 15 horas: Portugal/Espanha e 16.30: Itália/França

1.3.87 — PORTIMÃO: 15 horas: Itália/Espanha e 16.30: França/Portugal.

3.3.87 — FARO: 15 horas: Espanha/França e 16.30: Portugal/Itália.

Campeonato: meia ronda realiza-se no Sábado

A FPF autorizou a antecipação para sábado dos seguintes encontros correspondentes à jornada n.º 21 do «nacional»: pelas 15 horas: Varzim-Salgueiros e Elvas-V. Guimarães; às 15.30 terá começo o Sporting-Belenenses enquanto à noite (21.30) teremos o FC Porto-Académica.

Duda regressou ao Brasil

O futebolista brasileiro Duda regressou ontem ao Brasil depois de uma carreira de 15 anos ao serviço de vários clubes do futebol português.

«Jaais esquecerei esta minha passagem por Portugal, país a que estarei sempre ligado até morrer» — disse Duda á partida para o Rio de Janeiro.

Setúbal, FC Porto, Oliveira do Douro e Resende foram os clubes que Duda representou ao longo da sua permanência em Portugal, tendo afirmado a propósito stuações muito diferentes: «**Vou-me lembrar dos momentos bons da minha vida**».

Duda chegou a Portugal em 1972, tendo representado o Vitória de Setúbal durante quatro anos, onde se cotou como goleador da equipa, tendo posteriormente assinado contrato com o Sevilha de Espanha, mas com o regresso de Pedroto ao FC Porto e dado o interesse daquele técnico pelo jogador, Duda trocou o clube espanhol pelas Antas, tendo envergado a camisola dos "azuis e brancos" durante cinco anos.

Nos últimos anos da sua carreira de profissional, Duda representou o Oliveira do Douro e o Resende, clubes dos distritais do Porto e Viseu, respectivamente.

Hoje, no Mónaco

Steaua e Dínamo discutem a "Supertaça"

A RTP transmitirá o encontro a partir das 19 horas (2.º canal)

O Dynamo de Kiev, revelação de 1986, pretende confirmar no Mónaco que é uma das melhores equipas europeias, ao defrontar o Steaua de Bucareste na «supertaça».

A equipa soviética mostrou a sua capacidade ao jogar um futebol de ataque em Maio passado ao derrotar o Atlético de Madrid, por 3-0, na final da Taça dos Vencedores das Taças.

A vitória do Dynamo de Kiev na Taça das Taças levou os dirigentes soviéticos a optar pela chamada do técnico Valery Lobanovsky à selecção, chamando 12 dos seus jogadores para o «mundial» no México.

O Steaua de Bucareste, por seu lado, derrotou com alguma surpresa o Barcelona em Espanha tornando-se a segunda equipa do Leste a ganhar a Taça dos Campeões, uma semana depois do título do Dynamo, em Lyon.

O Dynamo de Kiev deverá apresentar-se na máxima força e o avançado Igor Belanov, eleito «futebolista europeu do ano» em Dezembro passado, e o seu colega Alexander Zavarov são as grandes vedetas da equipa, enquanto o Steaua vai estar privado do centro-campista Ladislau Boloni e do guarda-redes Helmut Ducadam, dois dos heróis na vitória sobre o Barcelona.

A «supertaça» foi cancelada o ano passado devido à tragédia no estádio de Heysel, em 1985.

Futebol de salão FC Porto-Marselha na final do torneio de Paris

O FC Porto venceu ontem à noite o Paris Saint-Germain por 3-2, no seu segundo jogo do quarto torneio de futebol de salão de Paris.

A equipa portuguesa foi a vencedora do seu grupo com duas vitórias pelo mesmo resultado, pois vencera anteriormente o Girondins de Bordéus por 3-2, pelo que disputará hoje a final com o Marselha.

Colectividades

Clube Oriental de Lisboa — eleições em Março

Na sua última reunião, o Conselho Geral do Clube Oriental de Lisboa decidiu propor Mário Gonzaga Ribeiro para presidente da assembleia geral, Jaime Moura (antigo árbitro de futebol) para líder do executivo e o major Adalberto Fernandes para o cargo máximo do conselho fiscal.

As eleições para os diversos órgãos sociais do «velho» COL terão lugar durante o próximo mês de Março.

MAGNETROM

MAGNETROM — Comércio e Indústria de Aparelhagem Eléctrica, SA

Sede: Rua Fialho de Almeida, 36-A — LISBOA
Capital Social: 3.000.000$00 — Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o N.º 38060 do Livro C-94 fls 84

CONVOCATÓRIA

É convocada a Assembleia Geral desta Sociedade para reunir em sessão extraordinária no dia 27 de Março de 1987, pelas 22.30 horas nas Instalações dos seus Serviços Administrativos, Rua Fialho de Almeida, N.º 5-2.º Dt.º, a fim de deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração, para aumento do capital social.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Eng. Henrique Fernando Onofre Moreira

NEVE
NA SERRA DA ESTRELA
TODOS OS FINS-DE-SEMANA
JANTAR E ALOJAMENTO
NO HOTEL DE GOUVEIA
Preço: 8 500$00
Reservas e informações
AVIC
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
TELEFS 52 11 16 - 52 11 17 - 57 29 70
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS

Tese do jurista Coelho Pinto no acto de posse da AFL

"É ABSURDO PENSAR NA INCONSTITUCIONALIDADE DAS NORMAS QUE DISCIPLINAM O FUTEBOL"

O ponto fulcral da digna sessão que assinalou a posse dos novos dirigentes da Associação de Futebol de Lisboa, teve como intérprete o jurista dr. Afonso Coelho Pinto que, na intervenção de «fundo» abordou, com raro brilho e notável eloquência, diversos aspectos do fenómeno desportivo, centralizando o futebol como tema de análise. O dr. Coelho Pinto – que agora cesosu as funções de presidente da Assembleia Geral da AFL – seleccionou as grandes (e pontuais) questões, deixando-as à reflexão de todos os intervenientes da cena desportiva.

Pela sua importância (e não cuidamos de expressar solidariedade ou discórdia com os pontos de vista do autor) aqui deixamos, para cuidada análise, alguns dos preceitos expostos, sendo os subtítutos da nossa responsabilidade.

●

«Entre os temas polémicos que me propus abordar, entendo o de haver necessidade de aclarar, a curto prazo, se o individuo que pratica o futebol, enquanto a sua compleição física lhe permite participar no espectáculo, é um atleta, um desportista ou um mero vendedor de serviços.

E a velha questão que constitui um autêntico quebra-cabeças e que tem servido, para, à sua volta, se especular em conformidade com interesses nem sempre claros.

Será a remuneração que o praticante aufere, ingressado no futebol profissional, na situação de assalariado, do clube que representa, e para com o qual se obriga, dentro de um determinado esquema, a praticar o futebol, que possibilita a sua qualificação como a de mero trabalhador?

E o futebol, uma profissão que permita ao jogador suportar os encargos da sua vida?

E o clube que o jogador representa, uma mera entidade empregadora?

Dispensamos os tratadistas: apartamo-nos dos conceitos de direito e dos pressupostos das relações de trabalho, para nos socorrermos, apenas, dos meios que estão ao alcance do comum das pessoas.

Socorro-me de um qualquer dicionário de tecnologia jurídica.

Vê-se, assim, que, citando, «trabalhador é todo aquele que emprega a sua energia física ou intelectual na produção». «Todo o indivíduo que, mediante salário, pago pelo empregador, sob cuja dependência se encontra, lhe presta, com carácter permanente, serviços do seu ofício, com que este beneficia.»

Perguntar-se-á: mas todo aquele que pratica o futebol e recebe, como compensação da sua participação no espectáculo, uma remuneração, poder-se-á classificar de trabalhador?

Ou antes, não passando o futebol de uma modalidade desportiva, com regras próprias, que só mercê de uma preparação física adequada às energias de que o jogador tem de ser possuidor, e despende, quando chamado a participar em competições, poderemos chegar à conclusão de que a retribuição que o atleta aufere, do clube que representa, integra os elementos essenciais para se concluir pela exisência de um contrato de trabalho?

Ou o que aufere não passa de uma dotação, de sorte a proporcionar-lhe os meios acessórios, para suportar um regime alimentar e uma vivência, em condições que lhe permitam, nas competições em que participe, medir as suas energias em função de uma preparação física adequada?

Tem também aqui relevância a história, já velha, de saber se o futebolista é um atleta ou um actor.

O problema do enquadramento jurídico da situação dos jogadores profissionais — ou nas demais modalidades que cabem no conceito de actividades desportivas, onde vem sendo habitual os praticantes auferirem retribuições de ordem pecuniária — é assunto que não mereceu, ainda, de quem de direito, atenção especial, sabido que, nos termos da lei, se entende que a existência de contrato de trabalho está sujeita a determinados pressupostos, que têm como elementos essenciais a retribuição fixa ou variável, a prestação de trabalho intelectual ou manual, a subordinação técnica e jurídica e ainda, o local de trabalho, o horário, os salários e os subsídios e que, na prática do futebol profissional, jamais se verificam, ou têm hipótese.

A dignificação do futeblista

Outro tema sobre o qual mais de uma vez verificámos não haver consenso, é o da questão de saber qual o tratamento a adoptar, quando são os próprios jogadores a pretenderem integrar-se na disciplina das leis do trabalho, quer directamente quer por intermédio do seu sindicato.

Emitimos a opinião de que, os jogadores que pretendem discutir a sua condição, dentro do esquema das leis laborais, na óptica da prestação do trabalho remunerado, estarão a trair-se a si próprios, esquecendo ou não sabendo, que de uma actividade especial se trata, que não pode, por circunstância alguma, situar-se no domínio das relações laborais e, designadamente, das leis de trabalho.

Para acautelar os interesses do jogador profissional, existe seguramente a Federação Portuguesa de Futebol, a UEFA e a FIFA, contra uma multidão de soliditações, que vão desde as ideias políticas, até aos interesses meramente pessoais que podem, com excepcional rapidez, destruir o atleta.

Disciplina

No tocante ao aspecto disciplinar dos organismos que detêm no futebol, o poder jurisdicional, consideramos um absurdo sustentar-se, como vimos já, que as normas que regulam a disciplina no tocante a jogadores profissionais, atribuídas aos organismos que superintendem no futebol mundial, são feridas de inconstitucionalidade.

Esta tese, só é possível ser defendida por quem nada conhece dos meandros, caracterizadamente específicos, do futebol profissional que é, o sector caracterizado pela existência de órgãos que visam exacta e especificamente, acautelar os interesses dos que praticam o futebol profissional.

O jogador, renunciando a outra jurisdição, que não seja a dos órgãos federativos — enquanto jogador profissional — tem assegurada a protecção, que a legislação própria prevê.

Saltillo

Outro tema que não podemos deixar em claro, emerge das sequelas do que eventualmente se possa ter passado com a representação de Portugal no Campeonato do Mundo, no México, em 1986.

Primeira intervenção de Malaquias Lemos como presidente da AFL.

- *Tenha-se a consciência de evitar atritos nos organismos do futebol*
- *Se os jogadores discutem a sua condição dentro do esquema das leis laborais, estarão a trair-se a si próprios*
- *Para acautelar os interesses dos jogadores contra uma multidão de solicitações, existe a Federação, a UEFA e a FIFA*

Sem pretendermos tomar posição em relação a um assunto que se nos afigura estar por esclarecer, diremos que, qualquer selecção representativa de Portugal e designadamente aquela que participou no Campeonato do Mundo, assume duas funções: 1 — A diplomática, uma vez que oficialmente, os jogadores representavam o seu país; 2 — E o prestígio do futebol profissional, que está muito longe de ser um futebol incipiente.

Daqui decorrem dois tipos de responsabilidade, que se projectam, a níveis diferentes.

No primeiro caso, a verificar-se a hipótese de desvios no comportamento da equipa, ter-se-ia como certo que esse comportamento imputado a alguns jogadores, teria posto em causa o brio e o repeito que lhes competia assumir, em função da representatividade de que os jogadores iam investidos.

Em tais circunstâncias, competiria aos poderes públicos, julgar do comportamento de uma representação nacional, que ponha em causa o prestígio do País a que pertence.

Outra coisa é o prestígio do futebol nacional, um futebol que já ultrapassara a fase da menoridade quer a nível de clubes, quer a nível de jogadores.

Neste aspecto, a Federação Portuguesa de Futebol terá sempre, uma palavra a dizer:

A Federação Portuguesa de Futebol, não poderá alhear-se, pelo facto de uma selecção representar o País, com características diplomáticas, do seu papel de entidade máxima no futebol português.

Para exercer as funções que lhe competem, a Federação Portuguesa de Futebol não necessita de pedir autorização a quem quer que seja, uma vez que os seus poderes são legítimos, e seriam sempre exercidos na defesa do prestígio do futebol nacional.

Estava tudo dito

Após Malaquias Lemos (sucessor de Mário Garcia como condutor do executivo) e seus parceiros dos diversos órgãos sociais haverem assumido o «compromisso de honra», seguiram-se outros oradores impostos por dever de circunstância (José Castelo Branco, Adriano Pinto, o presidente da AF de Portalegre, Moises Ayas e o dr. Silva Resende) mas o dr. Coelho Pinto havia «dito tudo».

Pela sala viam-se dezenas de dirigentes do desporto com destaque para o dr. Vítor Gonçalves (vereador do Pelouro de Turismo e Desporto da CML), professor Mário Silva, João Rocha, Fernando Martins, Barcínio Pinto, Porfírio Alves, Mário Garcia, Francisco Calado, Amândio de Carvalho, César Grácio, Alfredo Farinha, Amado de Freitas e muitos mais. Falava-se de futebol. Discutiam-se questões afectas ao desporto. Convivia-se fraternalmente, em personificado entendimento entre pessoas do nosso ornamento desportivo.

Alves Henriques

TRIBUNAL JUDICIAL

DO

SEIXAL

ANÚNCIO

Pelo 1.º Juízo – 1.ª Secção do Tribunal Judicial desta Comarca do Seixal, nos Autos de Acção Especial de Despejo n.º 19/85, movida pelo Autor Horácio Manuel Figueira da Cruz, casado, residente na Estrada de Casevel em Castro Verde, contra AMIN MAHOMED PIARALI, solteiro, maior, ausente em parte incerta, com última residência conhecida na Rua de Manasabá, 14, na Cruz de Pau – Amora – Seixal e outra, é este réu citado para comparecer neste Tribunal, no dia cinco do próximo mês de Março, elas onze horas, a fim de intervir na tentativa de conciliação a realizar nos autos acima referidos, podendo fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir. No caso da tentativa se frustrar deverá contestar no prazo de dez dias, a contar da data da tentativa, findos que sejam trinta dias dos éditos, sob pena de vir a ser condenado no pedido que o autor deduz na petição inicial cujo duplicado fica à disposição do citando nesta Secretaria Judicial. Seixal, 16 de Fevereiro de 1987.

O Juiz de Direito Auxiliar,
José Fernando Assis do Nascimento

O Escrivão de Direito,
Carlos José Pereira da Meneses

«DL» 24/2/87 – 2.ª Pub.

NOEL,

CONSULTORES PARA O DESENVOLVIMENTO, SA

Sede em Lisboa, Rua da Rosa, n.º 277 - 1.º
CAPITAL SOCIAL – 12 500 000$00
Matriculada com o n.º 58346 na
Conservatória do Registo Comercial de Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA
CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto no art.º 11.º dos Estatutos, convoco os Senhores Accionistas para reunirem em Assembleia Geral Ordinária, na Rua da Rosa, n.º 277 - 1.º, no dia 25 de Março de 1987, pelas 18.00 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Discussão, aprovação ou modificação do Relatório do Conselho de Administração, o Balanço e as Contas referentes ao exercício de 1986, bem como o Parecer do Conselho Fiscal.
2. Discussão, aprovação ou modificação do Programa de Actividades da Empresa para 1987.
3. Eleição de um membro para o Conselho de Administração.
4. Eleição do Conselho Fiscal.

Não havendo número legal de sócios para deliberar em primeira convocação, convoco desde já os Senhores Accionistas para reunirem em Assembleia Geral, em segunda convocação, no mesmo local e com a mesma ordem de trabalhos, no dia 10 de Abril de 1987, deliberando, então, com qualquer número de sócios presentes.

Lisboa e sede social, em 19 Fevereiro de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
JOSÉ MANUEL GALVÃO TELES

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	4	4	0,0	Nevoeiro
V. Castelo	8	8	0,0	Pouco nub
Vila Real	5	5	0,0	Nevoeiro
Porto	7	6	0,0	Pouco nub
P.Dourad	–	–	–	–
Coimbra	8	6	0,0	Muito nub
C. Carvoeiro . .	9	7	0,0	Encoberto
C. Branco	–	–	–	–
Portalegre . ..	8	6	0,0	Nevoeiro
Lisboa	8	8	0,0	Nevoeiro
Evora	8	8	0,0	Nevoeiro
Beja	10	9	0,0	Nevoeiro
Faro	12	12	0,0	Nevoeiro
Sagres	14	14	0,0	Muito nub
P. Delgada	12	11	0,0	Aguaceiros
Funchal .	18	17	0,0	Encoberto

Temperatura do ar em C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	4	4	Neblina
Londres .. .	1	0	Muito nub.
Paris	-3	–	Pouco nub
Bruxelas	-3	–	Limpo
Amesterd	-4	-4	Neblina
Genebra .	1	1	Encoberto
Roma	5	5	Pouco nub
Oslo	-12	-14	Muito nub
Copenhaga	.	-2	Muito nub
Estocolmo	-11	-12	Pouco nub
Berlim	-8	-8	Limpo
Viena	-6	-6	Pouco nub
Varsovia ...	-8	-8	Pouco nub
Atenas	9	8	Chuva
Moscovo	-14	-15	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas .	15	27	Nublado
Joanesburgo .	16	28	Limpo
Los Angeles .	10	17	Chuva
Montreal	–	–	—
Nova Deli .	13	28	Limpo
Nova Iorque .	0	10	Limpo
R. de Janeiro	22	36	Limpo
S. Francisco	7	19	Limpo
São Paulo	20	33	Nublado
Tóquio	3	12	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ

TEMPO

HOJE

No continente:

Céu muito nublado, vento fraco tornando-se moderado de sul e soprando por vezes forte e com rajadas, a partir da tarde. Períodos de chuva a partir da tarde, sendo por vezes forte. Pequena subida da temperatura máxima.

Estado do mar:

Costa Ocidental: **Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de dois metros**

Costa Sul: **Mar de pequena vaga. Ondulação de sueste de um metro.**

Nos Açores:

Céu geralmente muito nublado. Vento de oeste moderado a fresco, tornando-se forte de sudoeste, para o fim do dia, no Grupo Ocidental. Aguaceiros.

Estado do mar: **Grupos Central e Ocidental: Mar grosso a alteroso. Ondulação de oeste de quatro a cinco metros. Grupo Oriental: Mar cavado a grosso. Ondulação de sudoeste de quatro metros.**

Na Madeira:

Céu muito nublado ou encoberto. Vento de sudoeste moderado, soprando por vezes forte. Períodos de chuva.

Estado do mar: **Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de noroeste de dois metros na costa Norte e sueste de um metro na costa Sul.**

AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de sudoeste rodando para noroeste a partir da tarde. Períodos de chuva, passando a aguaceiros pouco frequentes.

DEPOIS

Céu geralmente pouco nublado, apresentando-se muito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco. Neblina ou nevoeiro matinais.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
.. ..	.. ..	5.42	1,5 m
12.25	3,4 m	18.08	1,5 m

Amanhã

0.47	3,7 m	6.48	1,2 m
13.26	3,7 m	19.05	1,3 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

A EUROPA ÀS 6 HORAS

• Informação da agência Lusa

LETRA RASGADA

UTOPIAS

Ernesto Sampaio

A história não é um livro para ler ao canto da lareira nem a arte uma colecção de estampas para folhear em casa nas noites de Inverno. Ler e ver são história e são arte, activamente, reconstituindo as peças de um «puzzle» que reproduz as estações e o sentido da civilização que nos condiciona e que nós condicionamos.

Às insuficiências da vida, deveria o intelectual contrapor, como agente dos processos culturais em formação, a vontade de influir no curso das coisas. A sua função crítica não pode limitar-se a uma intervenção negativa: só criando e inovando poderá liquidar as sequelas «ideológicas» características daquele tipo de cepticismo que costuma mascarar-se da crítica radical.

A libertação do intelectual do seu papel de «quadro» técnico especializado na produção de «cultura» no âmbito institucional burguês, isto é, da sua condenação a servir de mediador ideológico entre cultura e poder (ou poderes), remete-nos para o problema de saber como e porquê **teoria** e **crítica** se podem traduzir voluntária ou involuntariamente em tentativas de recuperação da ideologia burguesa ou em esplêndidas refutações utópicas (no sentido de distantes das coisas reais) dessa mesma ideologia.

No chamado mundo «livre» ocidental, tem-se acentuado nestes últimos anos a alienação dos conteúdos dinâmicos do trabalho do intelectual a um sistema que o usa como cobertura «humanista» dos processos de formalização e racionalização do poder económico capitalista. A conservação deste estatuto tem dado um contributo apreciável aquela tradição de pensamento negativo pós-nietzshciano que impossibilita a consciência política da relação entre trabalho e capital, recompondo, no auge da sua negação crítica das relações de produção capitalistas, o valor dessas mesmas relações, as quais **resistem com êxito às utopias que lhes são apresentadas como alternativa.**

Festejados representantes da tradição que acabamos de referir contestam a civilização ocidental, o capitalismo e a ideologia burguesa, mas constituem bom exemplo de duplicidade ao situarem-se à margem das posições das forças sociais e políticas que lutam real e diariamente contra tal sistema, criticando a teoria geral da luta de classes e a prática política, mas integrando-se com facilidade no tráfico de mercadorias culturais, mitos e utopias, bem no âmago das necessidades que **formam** o mercado e da própria estrutura das instituições.

A política é o oposto da utopia. A crítica que ignora isto, ignora de facto a realidade institucional que pretende criticar, ou toma-a apenas como pretexto para as especulações sobre ideologia e humanismo que fazem parte da bagagem técnica do intelectual que assume a sua função histórica de fabricante de produtos de luxo nos mercados do Ocidente. Em termos políticos, o espaço da utopia está consumado, Retomá-lo equivale a uma espécie de «eterno retorno», a uma tautologia sem outro resultado que não seja o de perpetuar, como num espelho, a imagem invertida do mundo que se pretendeu negar. É por isso que a burguesia enche as salas de espectáculos onde passam encantadores contos de fadas ou imagens lastimáveis da sua degradação.

O que interessa relevar como pressuposto decisivo é a prospecção das **condições** da cultura e da arte, dos produtos culturais como factores determinantes do tecido social, em determinada conjuntura das relações de produção. Essa conjunturas, na situação de que tentamos emergir, é a sociedade industrial capitalista da época do imperialismo.

A célebre conclusão do ensaio de Walter Benjamin sobre **o autor como produtor** («a luta revolucionária não se trava entre o capitalismo e o espírito, mas entre o capitalismo e o proletariado») constitui, deste ponto de vista, uma crítica pertinente ao trabalho intelectual entendido como trabalho que produz totalidade, sugerindo simultaneamente uma proposta para um novo modelo do papel social e da função histórica do trabalho intelectual, não com o objectivo de uma reformulação geral de valores, mas simplesmente tendo em vista a necessidade de uma presença efectiva do «escritor» ao nível real da produção, isto é, ao nível da própria necessidade do desenvolvimento das forças «técnicas» e «políticas».

Trata-se de operar sobre o exercício construtivo da razão na história humana, sobre a produção, a imaginação e a criação dos homens. Na verdade, se lermos com atenção a realidade cifrada que uma civilização constitui, descobrimos que até mesmo na poesia – a linguagem mais literal, menos retórica, onde o homem atinge o máximo de evocação possível dos fantasmas que o atormentam, ou do que nele é mais pessoal e decisivo – até mesmo na nevrose – o lastro absurdo de um inconsciente arcaico, pré-histórico, suportado por uma consciência que em tudo lhe é alheia –, se pode ver claramente inscrito o perfil de cada momento histórico, em todos os seus aspectos (económicos, sociais, políticos, culturais, artísticos), vislumbando no mesmo lance os sinais que, prefigurando a sua transformação, lhe pressagiam o fim e o futuro.

Manuel de Almeida durante o lançamento do disco, ladeado por Ana Paula (departamento do Promoção) e Tozé Brito (executivo) da editora discográfica Polygram

"Eu Fadista me Confesso"

Manuel de Almeida merecia mesmo este disco!

«Eu Fadista me Confesso» é, em primeiro lugar, o disco que Manuel de Almeida merecia. De há muito, diga-se também.

Com cerca de trinta anos de carreira, deste fadista de eleição poder-se-ia pensar que tinha feito tudo. Que tinha atingido todas as metas, principalmente a da consagração merecida.

Mas este album - produzido por Rão Kiao para a Polygram - conseguiu como que o «milagre» de tornar verdadeiramente público um senhor talento a cujo acesso só tinham, com regularidade, os que o escutam nas casas típicas onde sempre gostou de cantar.

É sabido que Manuel de Almeida também faz espectáculos para grandes audiências... e que já gravou, ao longo da sua carreira, muitos discos, até em Espanha. E que foi considerado, em 1964, o melhor fadista do ano, sendo-lhe atribuído o «Prémio de Imprensa». Tudo bem.

Mas o próprio reconhece - dissenos, no dia do lançamento - que este pode considerar-se o seu melhor disco. E mais: que já não gravava há aproximadamente seis anos, por uma razão muito simples. «Gravar só por gravar ? Isso não me interessava. Mas quando o Rão me revelou o seu interesse em colaborar neste projecto, quando nos foi dado escolher o reportório, considerei logo que não podia rejeitar a oportunidade. E o disco aqui está, sentimo-nos todos muito felizes».

Sobre o album, propriamente dito, pode acrescentar-se que revela uma excelente qualidade técnica, a servir de suporte à «surpreedente» voz de Manuel de Almeida, que nos surge em grande forma. Por outro lado, o reportório: fados conhecidos (compositores como Alfredo Duate, Frederico de Brito, Casimiro Ramos...), as belas letras de Manuel de Almeida, os fados compostos por Rão Kiao e, bem entendido, a magia da sua flauta. Ainda uma palavra de apreço para os chamados acompanhadores: guitarristas, violistas, acordeonista.

Julgamos que já deu para entender: «Eu Fadista me Confesso» é um óptimo trabalho, para quem gosta de fado e até para quem gosta «apenas» de boa música.

R.B.

FICHA TECNICA

Produção: Rão Kiao; guitarra portuguesa: Nobre Costa, António Parreira; viola: Francisco Gonçalves; Baixo: Raul Silva; acordeon: Ziegfried Zugg; gravação no estúdio Namouche, Outubro de 86; técnico de som: Moreno Pinto; fotografia: Luís Vasconcelos/Alfredo Cunha; grafismo: Jorge Colombo.

Lado 1: «Foi um bem conhecerte»: popular/arranjo de Rão Kiao/letra de Manuel de Almeida; «Fado Bailado»: música de Alfredo Duarte/letra de Armando Neves; «Voz do Tejo»: música de Rão Kiao/letra de António A. Pinho; «Recordando»: música de Casimiro Ramos/letra de João da Mata; «Mãos Cheias de Amor»: popular/arranjos de J. Santos/letra de Clemente Pereira.

Lado 2: «Eu Fadista me Confeso»: música de Rão Kiao/letra de Manuel de Almeida; «Fado dos Sonhos»: letra e música de Frederico de Brito; «No Azul de Um Azulejo»: música de Rão Kiao/letra de António A. Pinho; «Quero Cantar»: música de António Pereira/letra de Manuel de Almeida; «Fado Meia Noite»: popular/arranjo de Rão Kiao/letra de João de Freitas.

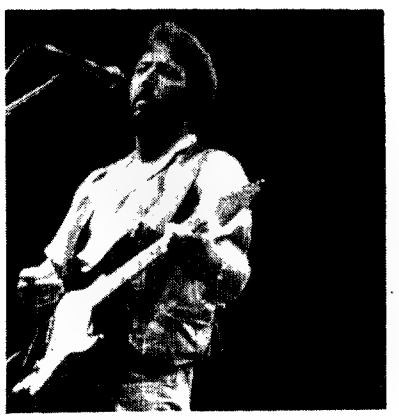
Banda sonora junta guitarristas famosos

Os guitarristas Eric Clapton, Mark Knopfler, Robbie Robertson (The Band), BB King e Robert Palmer são alguns dos nomes que participam na banda sonora do filme «The Color of Money», de Martin Scorsese, que acaba de ser editada em Portugal.

O filme, que em português recebeu o título de «A Cor do Dinheiro», é estreado em Lisboa no dia 20.

Helen Terry, que acompanhou Boy George no Culture Club, tem um álbum a solo editado em Portugal chamado «Blue Notes».

Astrud Gilberto e James Last gravaram juntos um álbum a que deram o título de «Plus».



Eric Clapton

O SANGUE DE FERNANDO GOMES

Manuel Cintra

AGORA em cena no Teatro do Século, após uma temporada no Porto, onde foi estreado, «Drácula Júnior» é mais um divertido espectáculo de Fernando Gomes, no tom muito pessoal a que nos vem habituando desde há seis anos.

Embora com algumas adaptações, sempre no sentido de um maior aperfeiçoamento, e adaptado às características do espaço do Teatro do Século, o espectáculo que Fernando Gomes agora nos apresenta vem um pouco na sequência das suas anteriores experiências de café-concerto, embora com uma diferença fundamental: não se trata neste caso de um conjunto de «sketches» soltos mas sim de um todo, um único texto preenchendo todo o espectáculo. Escrito propositadamente para o protagonista, o actor e cantor Fernando Luís, o espectáculo apresenta uma forma de comédia musical centrada num vampiro que se verifica ser afinal, como afirma uma das canções, um daqueles que para muita gente são apenas marginais e nada mais.

Após um período de trabalho em que Fernando Gomes esteve centrado em Setúbal, onde fez três espectáculos, este «Drácula Júnior» vem agora dar início, após a sua estreia no Porto, a uma nova série de iniciativas que virão a concretizar-se na capital. Virão, pois apesar das enormes dificuldades que, tal como os seus colegas de trabalho, Fernando Gomes encontra em montar espectáculos, em arranjar apoios, etc., não tendo havido até agora, segundo ele nos conta, nenhum que não viesse a concretizar-se. Podem dar mais luta, demorar mais tempo a estar prontos, mas acabam sempre por existir. Assim, além deste «DRÁCULA JÚNIOR» que continuará no Teatro do Século durante ainda algum tempo, embora apenas às 6.as e sábados, Fernando Gomes tem em preparação dois outros espectáculos: um de café-teatro, inteiramente escrito por ele, embora não esteja previsto interpretar nenhum papel, a vir estrear neste mesmo espaço, interpretado pelo actual elenco do grupo do Teatro do Século; outro, já praticamente pronto, um musical para crianças «Ser Gato É...», a estrear brevemente. Além disso, projectos não faltam: uma adaptação de Camilo, um espectáculo de cabaré...

Habituado a entrar quase sistematicamente nos espectáculos que dirige, e sendo esse o maior prazer que tem – o de ser actor – Fernando Gomes gostaria de ter novas experiências, queixando-se de que seria bom que outros o dirigissem, embora isso nunca aconteça, pois não o convidam. Entretanto, tendo começado por ser espectáculos de café-teatro com números soltos e marcações muito simples, os seus espectáculos foram-se tornando mais elaborados, sentindo, por vezes, alguma dificuldade em dirigir-se a si próprio. Uma experiência em que tal não aconteceu, o espectáculo «Luísa Todi», em Setúbal, deu-lhe imenso prazer; sendo nesse caso apenas encenador, podia controlar tudo com mais eficácia e menos insegurança. No entanto, é a parte de representação que mais lhe interessa, não querendo em caso algum abandoná-la a longo prazo.

Fernando Gomes e Maruga em «Drácula Júnior»

Quanto a abordar outros autores, como no espectáculo sobre Botto, apresentado na Casa da Comédia, claro que isso o atrai. Claro que talvez venha a acontecer. Mas todas essas coisas, que nunca tentou, lhe metem medo. Talvez por isso mesmo, incansável, bicho de teatro que é, as vá tentando todas, uma por uma, desde escrever a interpretar, a cantar, a conceber os figurinos e o arranjo cénico dos espectáculos.

Por isto tudo, que quem estiver com problemas sanguíneos dê um salto ao Teatro do Século: «Drácula Júnior» estar lá para o receber.

«Drácula Júnior» de Fernando Gomes/ Encenação de Fernando Gomes/ Música de Zé Carrapa e Sérgio António/ Interpretação de Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga, Pedro Advirta e Fernando Gomes/ Coros de Lucília Telmo e Sílvia Sequeira/ Luz e Som de João Ribas/ Adereços de João Carlos/ Cartaz de Eurico Coelho/Guarda-Roupa de Lucília Telmo e Fernando Gomes.
Às 6.as e sábados, às 21.30, no Teatro do Século – Rua do Século, LISBOA.

4.º Concurso de Música Moderna do Rock Rendez-Vous

"Melleril de Nembutal": a grande surpresa

Elsa Andrade

O grupo «Melleril de Nembutal» foi a grande surpresa da segunda sessão do 4º Concurso de Música Moderna do Rock Rendez-Vous, que teve lugar no passado sábado. A sessão, preenchida com a actuação de mais duas bandas, «Lagu Trop» e «Criterium», saldou-se por três horas de música novíssima, com dois grupos medianos e um que merece ser seguido com toda a atenção.

A sala do Rock Rendez-Vous esteve no sábado bastante mais concorrida do que na primeira sessão do 4º Concurso de Música Moderna. «Lagu Trop» e «Melleril de Nembutal», de Lisboa, e «Criterium», do Cacém foram as três bandas que se apresentaram a concurso.

João Miguel (guitarra e voz), Pedro Miguel (guitarra baixo), Zé Branquinho (guitarra) e Paulo Jorge (bateria) são os quatro elementos do primeiro grupo em palco, «Lagu Trop». Com a constituição básica de uma banda rock (duas guitarras, um baixo e uma bateria) os «Lagu Trop» mostraram durante a sua actuação serem uma banda bem ensaiada, com uma boa execução instrumental. No entanto as melodias foram desaproveitadas por João Miguel, o vocalista: a voz colocada num tom quase recitativo mal se sobrepunha ao som dos instrumentos e as letras não se entendiam e só puderam ser conhecidas pelas poucas pessoas que tinham os impressos dados pelos organizadores do Concurso, que poucas mais eram que os jornalistas.

Os quatro temas apresentados intitulavam-se «Pirata», «Festa», «Problemas» e «Coração». A letra da primeira canção pouco ou nenhum interesse tinha, falando de alguém a quem o pai tinha deixado uma farda de marinheiro: «E o meu pai/disse-me também/ Filho toma esforço/ Do meu esforço/ ou eu torço-te o pescoço» ou «Sinto-me um náufrago/com sonhos cor de rosa/ faltam-me as forças/para te morder». «Festa», o segundo tema iniciava-se com «A Jovem Guarda Blizzard Morituri/ Convocou as mulheres da vida/ Para o seu projecto Azul/ A realizar-se na rua de Corroios/ Com uma Áurea Dansa/ As vozes do silêncio choram para sempre/ Será que a Nova Geração tem tesão, tem tesão?». A terceira canção, intitulada «Problemas» focava problemas existencialistas, num tom jocoso e, por fim «Coração», que se pode definir como uma canção erótica.

Os «Lagu Trop» foram assim uma banda com uma prestação razoável, sobretudo pela sua exucução instrumental e com um ritmo rock bem definido.

A segunda actuação foi a do grupo «Melleril de Nembutal», sem dúvida o melhor dos seis que já participaram neste 4º Concurso de Música Moderna. Com uma formação instrumental bastante diversificada, que vai da bateria à guitarra, aos adufes e ao violino, por exemplo, a banda levou ao palco do Rock Rendez-Vous uma música bastante criativa, bem executada, com letras interessantes e uma encenação imaginativa.

O grupo apresentou-se com uma formação de oito elementos (um não esteve presente): Hesskhné Yadalanah (baixo, caixa chinesa, guitarra e voz), Itaperatuxe (bateria, percussões e ferros), Canto Silvestro (voz e percussões), Canto Buendia (guitarra), Camarada McGuinty (percussões, xilofone, harmónica, ferros e voz), Justo Infantes (adufes, baixo e voz) e Céti Pápá (violino e flauta).

Logo ao primeiro tema, «Samuel», um instrumental, a reacção do público foi excelente. Os outros três temas, intitulados «Emma Amma», «A Casa» e «Largactil» revelaram que o grupo, para além de apresentar uma instrumentação original que combina bateria com adufes, violino com baixo, xilofone com guitarra, num conjunto harmonioso e melódico, onde os sons de instrumentos tão diversos não se chocam, chegando mesmo a afluir a música étnica, têm ainda umas letras expressivas e interessantes.

«Emma Amma», cantada com sotaque alentejano, onde os adufes e a percussão tiveram um papel importante falava da velhice: «Os velhos passam o tempo sós/ e todos os sonhos são antigos/ são sorrisos/ que nós não conhecemos. Os velhos são uma criança/ que encanta canções. Em palavras nossas/ faces beijo/ na sombra/ das casas brancas/ um xaile negro».

O quarto tema foi antecedido por uma récita: «As mulheres devem ser fortes e robustas/ para defenderem o Estado/ o Estado está acima dos maridos e das mulheres/ o Estado é omnipotente!». Encenada num tom sério para mostrar o quão ridícula era aquela mensagem, com o vocalista despindo-se a pouco e pouco no palco acabando nú, envolto num pano branco com o nome do grupo escrito, passando de seguida para o último tema «Largactil», o mais bonito, tanto em termos melódicos como pela letra: «As paisagens dentro de nós/ loucas, arranhadas de palavras atrasadas/ uma benta morte para viver/ quis fugir, preferi fugir/ fugir do exterior, fugir do interior/ abandonar os locais/ refugiar-me na irrealidade/ faço de conta que vivo e logo a seguir morro/ não vivo e não morro».

Nesta última canção o baixo perde a sua função ritmica (dispensável dado o extenso rol de percussões que o grupo utiliza) para melhor desbravar um fundo sonoro quase brilhante, misto de competência e genuína imaginação.

Por fim, o terceiro grupo, os «Criterium», do Cacém, apresentaram-se com uma formação de três elementos: Carlos Luz (voz e guitarra), João Graça (baixo) e Luís César (bateria).

A banda mostrou «padecer» do «sindroma» Ian Curtis: a voz monocórdica sem intuitos melódicos sobre uma instrumentação hesitante entre um balanço rigorosamente «Pop» e umas bem delineadas malhas (sobretudo de guitarra), um tanto ou quanto etéreas.

Os quatro temas interpretados, «Os Barcos e Gala», «Tsunami», «Afluente» e «Dias Imortais» têm letras breves que funcionam não como parte integrante da canção, mas como complemento para a instrumentação, que o grupo explora e que mostrou dominar bem.

Das quatro canções a mais interessante pareceu ser «Tsunami», com a seguinte letra: «Extinga-se pois a luz/ ver não me torna mais verdadeiro/ Tsunami, Tsunami./ Diluviem-se enganos/ Estreitos rumos e castigos/ puras águas diluviem./ Tsunami, Tsunami/ Arde uma vela a caminho do nada».

A única encenação utilizada foi um projector de slides, do qual não se chegou a perceber muito bem a função, uma vez que estava apontado às calças dos guitarristas, não sendo assim possível ver nada.

No entanto o som final, excluindo uma ou outra falha própria da inexperiência, não é prejudicado pelo facto de serem apenas três músicos, e resulta de uma forma satisfatória.

A segunda sessão do 4º Concurso de Música Moderna do Rock Rendez-Vous saldou-se assim de uma forma positiva, com duas bandas razoáveis e uma terceira que se revelou uma agradável surpresa, pela sua criatividade e imaginação.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

TOP GUN – ASES INDOMÁVEIS
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa Cine
T. 763319

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoreiras 4

MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

A COR DO DINHEIRO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Ávila
— T. 539930

PEGGY SUE CASOU-SE
De Francis Ford Coppola
(m. 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

AS NOITES DE EMANUELLE NEGRA
(Int. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme ***"O Raio Verde"*** *realizado por Eric Rohmer (Ciclo Comédias e Provérbios). É um filme de qualidade galardoado com o Leão de Ouro (Grande Prémio) no último Festival de Cannes. A intérprete é Marie Rivière. Em exibição no Estúdio 444*

Capitólio
— T. 372358

VIOLAÇÕES SEXUAIS
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

APANHADOS NUM MUNDO DE BARRETES
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824

O GUARDA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
HALLOWEEN III – REGRESSO ALUCINANTE
(m. 16 anos)
24.00 h

Cinebolso

AS ESCRAVAS DO SEXO
(Porno)
(interdito 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Cine Camões
T. 324194

A FÚRIA DO INDOMÁVEL
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

TESTEMUNHA DE UM CRIME
(m. 18 anos)
14, 16,30, 19 e 21.30 h
O MAIS DURO DO TEXAS
(n/acons. m. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha

ÁGUIA DE FERRO
(m. 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

LEMBRAS-TE DA ÚLTIMA NOITE
(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

ALIEN – O RECONTRO FINAL
(m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O MARGINAL
(int. 18 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523

REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255

O SENTIDO DA VIDA
(m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078

O RAIO VERDE
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1

LOUCA POR SI, PROFESSOR
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2

E.T. – O EXTRA TERRESTRE
(m. 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

POLTERGEIST II — O OUTRO LADO
(m. 16 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas
— T. 541037

Fantasporto
(Prolongamento)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1

O REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2

OS TARADOS DO ESPAÇO
(m. 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134

AMIGO MORTAL
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1

O REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

A MOSCA
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres
— T. 801313

A MOSCA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 h

Nimas
— T. 574362

OS TARADOS DO ESPAÇO
(m. 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

FÚRIA — O COMANDO SECRETO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309

— 69 DELICIAS DE VANESSA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933

GENTE GIRA N.º 1
(m. 6 anos)
14.00, 16.30 e 21.30h

Politeama
T. 326305

A DESFORRA DO HERÓI
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1

SUBWAY SUBTERRÂNEO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 h
O VEREDICTO
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 2

A VOLTA DA MEIA-NOITE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45,19 e 21.30 h
O UIVO DA FERA
(m. 16 anos)
24.00 h

Sala 3

TANGOS EXÍLIO DE GARDEL
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.30 h
VAMOS A ISTO QUE É FESTA
(m. 16 anos)
23.45 h

Quarteto
T. 771378

COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19. 21.30 hh
A JUSTIÇA DE GUERRA
(m. 16 anos)
23.45 h

Roma
T. 889192

SOMBRAS NA NOITE
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

A MÃO MORTA
(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

A MISSÃO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 3

MONA LISA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715

PEGGY SUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
De: Francis Coppola
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

NOVE SEMANAS E MEIA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

O BANDO DA MÃO
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim
T. 706666

SAIAS PR'A CIMA... A TROPA ESTÁ EM BAIXO
(m. 16 anos)
14, 16.30 e 21.45 h

Voxmania
— T. 880808

A TESTEMUNHA
(m. 12 anos)
14 e 21 h

Xenon
T. 368480

CAMPO DO INFERNO
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Só Entre Amigas», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Poltergeist II – O Outro Lado», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

AMADORA — Babilónia — «Os implacáveis destruidores», às 14, 16.30, 19, 21.30 h (m. 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Gelado de Limão», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «O Sol da Meia-Noite», às 21.30 (m. 12 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «Thor — O Conquistador», às 17 e 21.30 h (m. 12 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Prisão de Mulheres», às 18.15 e 21.15 h (maiores 18 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Por Favor Matem a Minha Mulher», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos).

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «A Missão», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «O Campo do Inferno», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «Entre o Amor e o Medo», às 15.30 e 21.45 h (m. 16 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «A Mosca», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «O Navio Farol» às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos)

CASCAIS — Oxford — «Kalidor – A Lenda do Talismã», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Poltergeist II — O Outro Lado», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (n/ac. m. 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Lembras-te da Última Noite», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «Glaciadores do Texas», às 15.30 e 21.30 h (n/ac. a m. 18 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Quarto com Vista Sobre a Cidade», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Aliens – O Recontro Final», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Fugitivos do Inferno», às 15 e 21.15 (m. 12 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «As Motos da Morte», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ODIVELAS – Cineodível — «Carro de Cambate», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Por Favor Matem a Minha Mulher», às 16 e 21 h (m. 12 anos)

ROSAS DANST ROSAS

Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, esta noite, quando forem 21,30, a companhia alemã «Rosas Danst Rosas» apresenta o seu primeiro espectáculo, integrado na iniciativa «Dança Europeia Contemporânea», que se iniciou com os britânicos da «Images Dance Company».

Este agrupamento é liderado por Anne Teresa de Keersmaeker, considerada uma das melhores coreógrafas da actualidade, tendo sido descrita como uma fusão entre Luçinda Childs e Pina Baush, embora ela se considere «igual a si própria».

Não é vulgar que uma coreógrafa nos faça pensar e sentir ao mesmo tempo nos torne conscientes de ambos os processos. A concepção, como a concepção coreográfica deste espectáculo que desde já lhe recomendamos, resume-se ao aprofundamento de um paradoxo: trabalhar com processos matemáticos e repetitivos, que parecem excluir a dimensão emotiva. O poeta Lucebert disse mesmo que «cada coisa de valor se encontra sem defesa». É nesta perspectiva que se torna necessário aperce-bermo-nos da força de Anne Teresa de Keersmaeker.

«Rosas Danst Rosas» tem como bailarinas Nadine Ganase, Roxane Huilmand, Fumiyo Ikeda e a própria Anne Teresa de Keersmaeker.

Se de todo lhe for impossível assistir à estreia, pode ainda ver «Rosas Danst Rosas» nos dias 27 e 28 também às 21,30, dias 25 e 26 às 18 e no sábado, dia 1 de Março, às 15 horas. Mais uma informação: no decorrer desta iniciativa, realizar-se-á, nos próximos dias 27 e 28, um «workshop», entre as 15 e as 18 horas, sob a direcção de Nadine Ganase, estando as inscrições abertas no CAM.

Para os espectáculos, o preço dos bilhetes é de 400 escudos, com os habituais descontos para estudantes e jovens.

Grupo Encuentros de Musica Con temporânea de Buenos Aires

MÚSICA

• GULBENKIAN (grande auditório): às 18,30, o concerto do grupo «Encuentros de Música Contemporânea» d Buenos Aires, sob a direcção de Alicia Terzian, actuando como solista a meio-soprano Adriana Alba. Serão interpretadas obras de Yernand, Yerkanian, Gabriel Iranyul, João Oliveira, Salvador Banieri, Luciano Berio, Irma Urteaga e José Luís Campos.

CINEMAS

• CENTRO BRITISH COUNCIL (R. Cecílio de Sousa, 65): «In Privat and in Public», sessão às 18,30.

• CINEMATECA PORTUGUESA: Ciclo Irmãos Marx com «Uma Noite na Ópera» de Sam Wood (1935) às 18,30 e «Um Dia nas Corridas» de Sam Wood (1937) às 21,30.

• FORUM PICOAS: Extensão do Fantasporto com «Aelita» (URSS) de Yakov Protazanov, às 19h (legendado em inglês) e «O Amor Bruxo» (Espanha) de Carlos Saura, às 22 horas.

• INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: «Quelque Chose de L´Arbre, du Fleuve et du Cri du Peuple» de Patrice Chagnard (1980), às 18,30.

TEATROS

• COMUNA: «Victor ou as Crianças no Poder» de Roger Vitrac, encenação de João Mota. Aos sábados e domingos às 17,30, «O Tesouro» de Eça da Queirós.

• MARIA MATOS: «Escrita em Dia», nova versão de «Isto é Maria Vitória» de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal.

• TEATRO ABERTO: «O Jardim das Cerejas» de Anton Tchekov, com encenação de João Lourenço.

• TEATRO DO SÉCULO: «Drácula Junior», texto e encenação de Fernando Gomes.

• TEATRO IBÉRICO: «A Vida É Sonho» de Calderon de La Barca, encenação de Blanco Gil.

• VARIEDADES: «Aqui Há Fantasmas», original e encenação de Henrique Santana.

• VASCO SANTANA: «Sylvia Plath - Quem a Matou ?» de Barry Kyle, com encenação de Luzia Maria Martins.

• VILLARET: «O Sapateado» de Richard Harris, versão portuguesa de César de Oliveira e Barry Scray, encenacão de Varela Silva.

• MIRITA CASIMIRO (Estoril): «Galileu Galilei» de Brecht, com encenação de Carlos Avilez.

• TIL-T. INFANTIL (R. Leão de Oliveira, 1): «O Choupo Andarilho», com sessões aos sábados, domingos e feriados às 15,30.

EXPOSIÇÕES

• GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira, 52 - aos Corucheus): Escultura de Amaral da Cunha até 21 de Março.

• BIBLIOTECA NACIONAL (Campo Grande): «A Inquisição em Portugal», uma exposição bibliiconográfica, até 30 de Abril.

• ZONA DOS CONGRESSOS (Gulbenkian): Leonor Alvim expõe «Os Orixás - Panos Collage».

• GALERIA EMI - VALENTIM DE CARVALHO: Pedro Calapez apresenta até dia 28 as 15 pinturas sobre tela que integraram o espectáculo «Le Travail du Peintre», recentemente realizado no CAM da Fundação Gulbenkian.

• INSTITUTO ALEMÃO (Campo dos Mártires da Pátria, 36): «Artistas Utilizam Fotografia Hoje», uma exposição do IFA, Estugarda, sobre 25 artistas da actualidade que utilizam a fotografia. Patente até 15 de Março, de segunda a sexta das 9 às 13 e das 14 às 18.
PALÁCIO FOZ : exposição «Berlim 750 Anos»

• IADE (R. do Alecrim, 70): «Cartaz Expresso».

• CAPITEL (LEIRIA): Pintura de Hipólito Andrade, até 2 de Março, de segunda a sábado das 10 às 13 e das 15 às 18, domingo das 16 às 19.

• GALERIA R-75 (R. Castilho,75): pintura de António Mendes, até 6 de Março, dias úteis das 14,30 às 19,30.

• ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca): Pintura de Joaquim Baltazar até 12 de Março. Patente de segunda a sexta, das 11 às 20.

• GALERIA MÓDULO (Av. António Augusto de Aguiar, 56-5º-Dt.): «Agathe Gaillard - O Perfil de Uma Galeria», exposição dedicada à galeria parisiense onde têm exposto artistas tão importantes como Alvarez Bravo, Bill Brandt, Deisneau, Lartigue e Northelfer, entre outros. Até 6 de Março, de segunda a sábado das 16 às 20.

• MUSEU DO TRAJE: Ana Silva e Sousa expõe esculturas com o título «Viagem da Boa Esperança», comemorativa do 5º centenário da viagem de Bartolomeu Dias. Até 15 de Março.

• ARCADAS DO PARQUE (Estoril): a Junta de Turismo da Costa do Estoril tem patente «Cem Anos de Verguinha», uma mostra de faianças artísticas, de segunda a sábado das 9 às 19, domingos das 9 às 19.

• LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 7 de Março, tapeçaria portuguesa contemporânea.

• CASA DE BOCAGE (Setúbal): Pintura de Sara Mendes, até 1 de Março nos dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17,30, sábados e domingos das das 15 às 18.

• GALERIA MARC CHAGALL (Leiria): pintura e escultura de João Oliveira e Henrique Moura, até 1 de Março todos os dias das 14 às 22.

• ESPELHO D´AGUA (Belém): Salão da Moda até 5 de Março.

Pintura de Joaquim Baltazar, no Atrium da Imprensa

• ALFAMA (Escadinhas do Arco da Rosa, 7): Inácio Matsinhe expõe pintura, azulejos, aguarelas e litografia. Das 10 às 20.

• OCARINA (Tv. do Poço da Cidade, 40): pintura de Paulo João Cunha com o título «Metamorfoses», patente até 2 de Março.

• ARTEBRUTA (R. do Século, 104 e 114): esculturas de José Esteves com o título «Bestiário». Patente até dia 28, de segunda a sábado das 14 às 20.

• CLUBE 50 (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): pintura de Regina Chulam e de Isabel Mendes Ferreira. Até 11 de Março, de terça a sexta das 17,30 às 20,30.

• DITEC-ESPAÇO ARTE (Av. da Igreja, 46-A): Pintura de Zé Penicheiro com o título «Lisboa 1900», onde o artista retrata, no seu estilo, «o mundo das ruas, bairros, vielas e costumes alfacinhas nos primeiros dez anos deste século». Patente até 15 de Março, de segunda a sexta das 14,30 às 19,30, sábados das 10 às 13 e das 15 às 19,30.

• CETÁRIA (Setúbal): até 9 de Maio, uma exposição com trabalhos de Nuno Henrique de Castro (pintura) e Susana de Barros (cerâmica). Patente de segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 18.

• FONTE NOVA (Galeria de Arte do Centro Comercial, Est. de Benfica, 503): originais de Kira até 12 de Março, patente todos os dias das 10 às 24.

• GULBENKIAN (Galeria de Exposições Temporárias): a exposição «Hors Tendances», com a colaboração da Association Française de Action Artistique.

• ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): escultura de Luís Cruz até ao fim do mês, de segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19.

• HOTEL ALBATROZ (Cascais): pintura de Grahams Walker, até ao fim do mês, todos os dias das 10 às 23.

• SALPICO BAR (R. Prior do Crato, 55): exposição de Miguel da Silva (desenho) e Carlos Correia (pintura), até 5 de Março.

• BERTRAND DO CHIADO (R. Anchieta): colectiva dos pintores Alda Nobre, Madalena Coelho e Pedro Tudela.

• INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: fotografias de Philippe Salaun e Bretrand Clech até 27 de Fevereiro.

• PALÁCIO DO EGIPTO (Oeiras): exposição «Oeiras há 5000 Anos».

• GALERIA S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): exposição de Lourdes Leite até 28 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.

• GALERIA 601 (Centro Comercial S. João de Deus): exposição de Pedro Amâncio, patente de terça a domingo das 12 às 20.

• GALERIA EMI: «Eu seja Cão» - pintura de Ana Jotta. Até 22 de Março, de terça domingo das 15 às 19.

• GALERIA DE S. BENTO (R. do Machadinho, 1): escultura de Rui Matos até 2 de Março, de terça a sábado das 11 às 13 e das 15 às 20, domingos e segundas das 15 às 20.

• HOTEL ALFA: pintura de Teles Afonso, com o título «Saudade Tropical». Até 9 de Março, nos dias úteis das 10 às 13,30 e das 15,30 às 19,30, sábados das 16 às 19,30.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALTO DO PINA: Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); **ALTO DE SANTO AMARO - RIO SECO: Dilena**, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **ALVALADE: Roma**, Av. de Roma, 85-B (T. 772466); **BAIRRO ALTO: Labor**, R. Diário de Notícias, 73-83 (T. 323428); **BENFICA - IGREJA - CEMITÉRIO: Lisboa**, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CAMPOLIDE: Imparcial**, R. General Taborda, 28-30 (T. 680931); **CHELAS: Banha**, E. de Chelas, 173-175 (T. 382241); **ESTEFANIA: Universal**, R. Actor Taborda, 5 7 (T. 544158); **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **MARQUÊS DE POMBAL: Ribeiro & Castro**, R. Braamcamp, 52 C (T. 543409); **MARTIM MONIZ: Tavares**, R. da Palma, 194 (T. 863350); **OLIVAIS SUL: Higiene**, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz, 30 B (T. 9815662); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Bezouros, lote R 8; **REFORÇO — AREEIRO - APEADEIRO: Chinde**, R. Agostinho Lourenço, 6 B (T. 890331); **CAMPO DE OURIQUE: Castro Fonseca**, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); **CAMPO PEQUENO - AVENIDA DE ROMA: Galeno**, Av. Oscar Monteiro Torres, 38 A (T. 774920); **CARNIDE: Guimarães Morais**, R. Neves Costa, 33 35; **ENCOSTA DO RESTELO - MOINHOS: Tanara**, R. Rodrigo Reimel, 3-A (T. 611814); **IGREJA DE ARROIOS - CHILE: Oriental de Lisboa**, R. Alves Torgo, 2 B (T. 545079); **PAMPULHA - JANELAS VERDES: Nazário Pinto**, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **SÃO SEBASTIÃO: Sá da Bandeira**, R. Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); **SAPADORES: Branquinho**, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **SÉ: Santa Luzia**, R. da Saúde, 2 B (T. 869831); **TIVOLI - RESTAURADORES: Galénica**, R. das Pretas, 12 14 (T. 3225886); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6 A (T. 970660); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, celula G, lote 35 (T. 996540); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, Estr. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030). Permanente. **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6 B (T. 2763517). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até as 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim I. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Silva Inácio**, P. Gomes Teixeira, 45 (T. 2071862). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA**, Aliança, E. Nacional, 178 B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, R. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até as 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Mira**, P. Jorge Afonso (T. 20427). Permanente; **Oliveira**, R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Permanente; **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco (T. 23211). Até as 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2 (T. 4101161). Permanente. **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30 C (T. 4191235). Até as 19 horas. **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até as 22 horas. **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até as 22 horas. **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até as 22 horas. **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até as 22 horas. **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até as 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente. **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até as 22 horas. **BIRRE: Imani**, lote 7 B, Hera (T. 2852121). **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até as 22 horas. **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até as 22 horas. **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até as 22 horas. **CASCAIS: Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (T. 2801-1). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25 A (T. 4932210). Permanente. **Mlo.** P. D. João I, 9 B (T. 4932756). Até as 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Permanente; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123 A (T. 965849). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **GACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente. **MEM MARTINS: Queimia**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente. **MERCES: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2 A (T. 9215275). Até as 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 926006). Até as 22 horas. **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48 A (T. 2513234). Permanente. **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Até as 22 horas. **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas. **AVEIRO: Neto**, P. Agostinho C. Passos, 13 (T. 23286). Permanente.

TEATROS

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«**ESCRITA EM DIA**». Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal. Intérpretes: Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo, Cruzeiro — 267 03 20

Terças, quartas e quintas, às 15.15; sextas e sabados, às 21.30; sabados e domingos, às 16.00

«GALILEU GALILEI», de Bertolt Brecht

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)

De 3.ª a sáb. às 21.30.
«VICTOR» OU AS CRIANÇAS NO PODER de Roger Vitrac. Enc. de João Mota.

Setubal — Teatro de Bolso

R. Balneário Dr. Paulo Borba — Tel. 29130

De 3.ª a 5.ª, às 21.30

«**O AUTO DA BARCA DO INFERNO**», pelo TAS. Encenação de Carlos César.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31

De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00

«**O MOTIM**», de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550

Quintas, sextas e sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, terças e quartas, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«**LISBOA, TEJO E TUDO**», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Intérpretes: Carlos Miguel, Camacho Costa, Helena Isabel, Henrique Viana, Mariema, Paulo César, etc.

TEATRO ABERTO

P. Espanha (Telef. 770969)

De 2.ª a 5.ª, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30.

O JARDIM DAS CEREJAS, de Tchekov. Versão de João Lourenço. Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cen. de José Manuel Castanheira.

Algés — Teatro 1.º Acto

R. Eduardo Augusto Pedroso, 16-A — Tel. 211 50 33

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«**NÓ CEGO**», pelo **Grupo Teatro Espaço**.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 19.00; 6.ªs e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00

Teatro Estúdio d Lisboa

«**SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?**», de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe. Intérpretes: Clara Joana, Luisa Ortigoso, Manuel Mendonça e Maria Dulce.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**A VIDA E UM SONHO**», de Pedro Calderon de la Barca. Espectaculo de Blanco Xil. Intérpretes: Blanco Xil, Jorge Sousa Costa, Lidia Franco, Francisco Soromenho, Luzia Paramos, António Filipe, Miguel Martins.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quinta a domingo, às 21.30

«**DRÁCULOS JÚNIOR**», texto e encenação: Fernando Gomes. Intérpretes: Fernando Gomes, Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga e Pedro Advirta.

Variedades

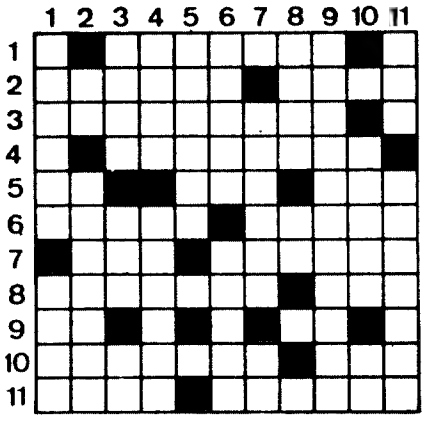
Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, as 16.00

«**AQUI HÁ FANTASMAS**», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 967



HORIZONTAIS:

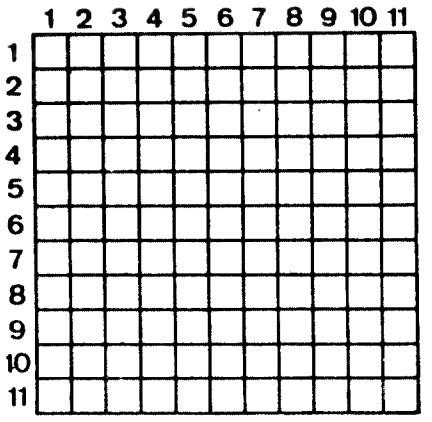
1 Artigo definido. Felicidade. Tempo do verbo ser.
2 Dominar (fig). O mesmo que urso (ant).
3 Magníficas.
4 Ternas.
5 Sódio (s.q). Rio da Suíça. Percebo.
6 Executar. Igualmente.
7 Preposição e artigo (pl). O mesmo que cirreira.
8 Península da Rússia Meridional, no mar Negro, ligada à parte continental pelo istmo de Perécope, entre o mar Negro e o mar de Azove. Palavra chinesa que significa Sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos.
9 Era cristã. Bário (s.q).
10 Angústia. Caminhar para cá.
11 Cantiga. Cidade de Portugal.

VERTICAIS:

1 Cidade de Itália. Invisual.
2 Érbio (s.q). Abranger.
3 Vendam a crédito. Rata. Zomba.
4 Mamífero carnívoro semelhante ao leopardo. Capital da antiga Eritreia Italiana.
5 Sentir ânsia de.
6 Ponta de areia em frente de Setúbal. Encalço.
7 Ex-imperatriz da Pérsia. Artigo definido (ant).
8 Despidas. Pronome reflexo.
9 Cometia assassínio na pessoa de.
10 Cesto de esparto, para se guardarem figos. Idem.
11 Ecoe (inv). Magnetizara.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 796



HORIZONTAIS:

1 Canção de barqueiro. Estacionam.
2 Prendeu. Indivíduo palerma.
3 Hora canónica correspondente às quinze horas. Fluido aeriforme. Solitários.
4 Cloro (s.q). Arrefecidas. Sódio (s.q).
5 Cidade da Suíça. Aqui. Carta de jogar.
6 Mau. Peso que na Grécia e no Oriente serve para pesar pérolas e pedras preciosas.
7 Preposição e artigo. Batráquio.
8 Agora. Peças da armadura que desciam da cintura até aos joelhos (pl).
9 Sumo Pontífice. Fútil. Fruto da ateira.
10 Dividis em toros. Coragem.
11 Apelido. Conjunção. Leito.

VERTICAIS:

1 Secretária. Rapas.
2 Meter em atoleiro. Mamífero roedor.
3 Rate. Ruténio (s. q.). Mulher chinesa da classe baixa.
4 Cobre (s.q). Pequena árvore também chamada samouco. Armaria.
5 Novelos. Autores.
6 Vai para fora. Vila e concelho do distrito de Portalegre.
7 Arrancarias.
8 Amónio (s.q). O mesmo que mandrião.
9 Chefe etíope. Arranca.
10 Nome de frutos. Tonalidade.
11 Móveis sobre os quais se come. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 966**

HORIZONTAIS:

1 ANTES. BURRO.
2 Xaí. Aquém.
3 Irra! Ur.
4 AAA. Pérgula.
5 Mar. Orsel.
6 Ac. Mossa.
7 Amava. Vime.
8 Vi. Cobre. Or.
9 Saci. Tora.
10 Vai. Aoto. Ti.
11 Óscar. Ossos.

VERTICAIS:

1 Axiaca. VIVO.
2 Nara. Caí. As.
3 Tiram. Sic.
4 Amaça.
5 Sá. Provocar.
6 QUE. SABIO.
7 Burros. To.
8 Ué! Gravetos.
9 Rm. Su.
10 Olé. MORTO.
11 Ou. Alterais.

PROVÉRBIO: Antes burro vivo que sábio morto.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 795**

HORIZONTAIS:

1 Arrependida.
2 Aiar. Amar.
3 Ras. Aru. ANI.
4 An. Fias. Ta!
5 Oásis. Arpes.
6 Om. Eu.
7 Sul. Pau. Ata.
8 Ar. Cioso. Os.
9 Os. Alara.
10 Carrão. MCCI.
11 Ossos. Voais.

VERTICAIS:

1 Aarão. Sá. Co.
2 Riana. Urras.
3 Rãs. Sol. Rs.
4 Er. Fim. Coro.
5 Ais. Pisas.
6 Erra. Não.
7 Usa. Usa.
8 Dá. Re. Olmo.
9 Imã. Pua. Aca.
10 Dante. Torci.
11 Arias. Asais.

Rádio

ntena Um

16.00: Pequeno jornal e rocklândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música instrumental; **16.301: Álbum musical; 17.00**: Música concertante; **17.35**: Música portuguesa do nosso século; **18.40**: Orquestras de câmara; **19.00**: Integrais; **19.35**: Grandes intérpretes; **20.40 Solos de flauta; 21.00**: Ciência e tecnologia; **21.25**: Os grandes mestres do lied; **22.00**: As palavras dos músicos; **22.30**: Sonata, em fá maior, op. 6, para violoncelo e piano, de Strauss; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.50**: Último andamento e resumo; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel;

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Vamos aos fados; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

20.00: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

17.30 - Mira Técnica
Com Música Portuguesa

18.02 - Sumário

18.07 - Brinca Brincando
«O Pequeno Inventor» e «Um+Um+Um»

18.50 - Par ou Impar

19.20 - Boletim Meteorológico para a Agricultura

19.30 - Telejornal

20.00 - Boletim Meteorológico

20.04 - Direito de Antema
Associação Nacional dos Industriais de Lanifícios

20.10 - Palavras Cruzadas
32º Episódio: - Enquanto Alberto e Simão parecem divertir-se extraordinàriamente com os esquemas complicados por eles concebidos, Teresa entra na sala e surpreende a conversa, mas os dois conspiradores disfarçam rápidamente, retomando os diabólicos planos para acabar de vez com a firma assim que Teresa sai. Como não podia deixar de ser, Mário está destinado a ser o bode expiatório. Marta vai visitar João, ficando assim a saber dos azares profissionais de Margarida e do clima de preocupação que afecta o jovem casal. Luis queixa-se a Isabel dos desentendimentos com a mulher e, para seu grande espanto, a filha diz-lhe que está muito a tempo de recomeçar a sua vida com outra pessoa.

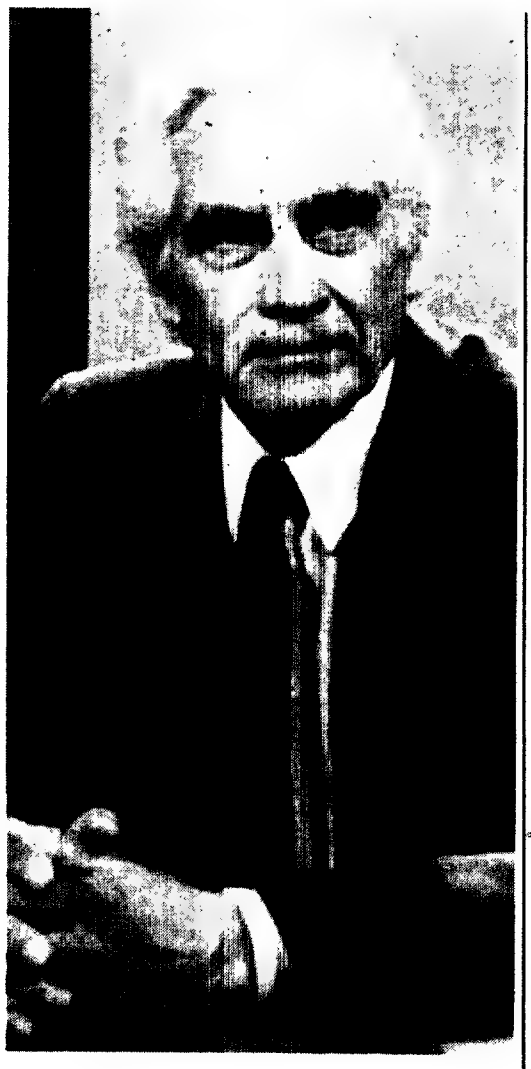
20.45 - Primeira Página
Com o Dr. Álvaro Cunhal

21.45 - Dempsey e Makepeace
16º Episódio: Um negociante árabe de antiguidades, Yassin, transporta para o seu armazém de Londres uma carga valiosíssima de antiguidades orientais, que dera entrada clandestinamente em Inglaterra. Antes de abrir os caixotes, Yassin é atacado por um comerciante inglês que o mata e rouba as antiguidades.

Dempsey e Makepeace ocupam-se do caso e começam por descobrir que Yassin para além de ser um negociante de antiguidades estava ligado a uma Embaixada Árabe em Londres.

Dempsey disfarça-se de americano rico em busca de preciosidades orientais, Makepeace faz-se passar pela sua guia turística e ambos começam a percorrar os antiquários londrinos, em busca de provas.

Realizador: Graham Theakston



No 1º canal, às 20,45, Margarida Marante entrevista Álvaro Cunhal em «Primeira Página»

A seguir, cerca das 21,45, mais um episódio de «Dempsey e Makepeace»

22.40 - 24 Horas

23.10 - Remate

RTP 2

15.15 - Agora, Escolha!

16.30 - Notícias

16.35 - Trinta Minutos Com...
Prof. Nuno Grande

17.00 - Countdown

18.00 - Estádio
Inclui: Hóquei em Campo, Vela e às 19.00 - Futebol - «Super Taça da Europa» - Steana Bucareste / Dinamo de Kiev

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - E de Ler

21.35 - CinemaDois
«A Tragédia de uma Telefonista: - Uma telefonista com bastante sucesso entre os homens apaixona-se por um técnico de desratização. Isabella e Ahmed forma um par original cujo caso vai ser comentado por dois reputados especialistas: um de sexologia, outro de criminologia. Mas a tragédia vai surgir na vida do par.

Interpretes: Eva Rose, Slobodan Allgrudic, Aleksander Kostic, Zivijin Aleksci, Dragon Obradovic.

Realizador: Dusan Makevejev

AMANHÃ

RTP-1
17.30 - Mira Técnica
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Ímpar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Vamos Jogar no Totobola
20.20 - Palavras Cruzadas
20.55 - Lotação Esgotada
22.45 - 24 Horas
23.15 - Remate

RTP-2
15.15 - Agora, Escolha!
16.30 - Noticias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.00 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - É de Ler
21.35 - Ciclo Kyliam (Bailados)

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande e marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1
20.45 - Primeira Página

RTP 2
21.35 - CinemaDois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua [illegible] Cruz Quebrada 1495 LISBOA

«Palavras Cruzadas»

PORTE PAGO

DL

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Pitteira Santos**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SOARES, 49 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2, 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Portaria 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 383 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira: 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

ÚLTIMA HORA

Os ministros da Agricultura da CEE, reunidos desde ontem em Bruxelas, separaram-se hoje sem terem chegado a acordo sobre a redução da produção leiteira e a adopção de medidas socio-estruturais no sector. O Conselho, que suspendeu os trabalhos após 13 horas de discussões, adiou para segunda-feira a análise dos dossiers.Os ministros tentam adoptar definitivamente um pacote de decisões no quadro da reforma da política agrícola comum.

Enquanto o "Gretl" está proibido de descarregar em Portugal

"Questões burocráticas" retêm em Setúbal 10 mil toneladas de bombas para o Iraque

Com 10 mil toneladas de bombas de avião a bordo desde a passada sexta-feira, o navio iraquiano «Sindbad» continuava esta manhã paralisado ao largo do porto de Setúbal, devido a questões designadas como «burocráticas» por uma fonte da Cometna, a empresa portuguesa que forneceu aquele armamento à Força Aérea do Iraque. Enquanto isto, o embaixador Brito e Cunha, porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, referiu que o Governo português não autorizará que o «Gretl» devolva ao nosso país as 66 900 granadas de morteiro de 120 mm, no valor de 6,8 milhões de dólares, vendidas pela Fundição de Oeiras ao irão e carregadas no mesmo porto no passado dia 8.

Recorde-se que o «Gretl» interrompeu a sua viagem para Bandar Abbas, porto iraniano no Golfo Pérsico, quando se aprestava para entrar no canal de Suez, depois de o Governmo de Bona ter advertido o armador do navio, a companhia de transportes marítimos Stehemer, com sede em Jork, perto de Hamburgo, de que o transporte de material de guerra para a pátria de Khomeini violava a legislação alemã e poderia ser punível com prisão.

para o governo português o «Gretl»a não poderá devolver o material que transporta em território português, dado que a operação doi «perfeitamente legal» e a ser inviabilizada colocaria em causa a estabilidade económica da Fundição de Oeiras, e os salários dos seus 1092 trabalhadores. Idêntica posição foi expressa por um dos administradores da Cometna que considerou a publicação de notícias sobre comércio de armas como «altamente prejudicial ao País», precisando que a empresa «está em riscos de ruptura de tesouraria» se a venda se efectivar.

Entretanto, o porta-voz do Estado-Maior da Armada, comandante Correia jacinto, disse que face ao Direito Marítimo Internacional, nada impede que o «Gretl» navegue nas nossas águas territoriais ou que aporte em qualquer dos portos portugueses, desde que não proceda ao descarregamento do material que actualmente traz a bordo. No que se refere à situação do «Sindbad» a mesma fonte afirmou não ter conhecimento de qualquer impedimento à sua saída, ao nível da Capitania do Porto de Setúbal.

Guterres ao "DN"

"É interesse fundamental do PS não voltar ao poder antes de eleições"

O dirigente socialista António Guterres considerou «interesse fundamental do PS não voltar ao poder antes da realização de novas eleições».

Em entrevista ao «Diário de Notícias», Guterres ressalvou contudo que «se for desencadeada uma crise artificial caberá ao Presidente da República uma palavra essencial».

«Em função do que for a opinião do Presidente da República, do que for o sentimento da população, do que for a vontade dos diferentes partidos políticos que hoje são oposição, o PS poderá decidir dar um contributo para a viabilização de uma solução governativa», afirmou.

Frisando que o PS «está preparado para eleições», Guterres disse contudo ser necessário ponderar os custos de uma crise política e os custos da «permanência de uma situação de impasse como a actual».

«Quando o PS entender que o custo da manutenção do Governo é maior para o país do que o da abertura de um processo conducente a novas eleições, então não hesitará em promover as iniciativas constitucionalmente previstas para esse efeito», afirmou.

DECARAS

MARIO NEVES que em Fevereiro de 1985 publicara, nas edições «O Jornal», o seu importante e impressionante testemunho sobre o massagre de Badajoz, viu agora consagrado o interesse que o seu relato mereceu em Espanha. A «Editora Regional» da «Junta de Extremadura - Conselleria de Educación y Cultura» editou em tradução castelhana o depoimento dramático de Mário Neves com o título: «La Matanza de Badajoz». E o subtítulo: «Crónica de um testigo de los episodios más trágicos de la Guerra Civil de Espana (Agosto de 1936)».

FIDEL CASTRO, o Presidente cubano, declarou que o «Brasil tem a batalha ganha de antemão» após a sua decisão de suspender o pagamento dos juros da dívida externa. Em declarações efectuadas na Embaixada do Equador, o Chefe de Estado cubano adiantou que se forem tomadas medidas contra o Brasil, este país conseguirá «a solidariedade de todo o terceiro mundo».

JOAO MARIO GRILO, Leandro Ferreira, Pedro Costa e Simão dos Reis foram os realizadores contemplados com subsídios do Instituto Português de Cinema (IPC), no âmbito do primeiro plano de apoio à produção para 1987. As longas metragens subsidiadas são, respectivamente, «O Processo do Rei», «Vertigem», «O Sangue» e «A Sétima Letra». O financiamento do IPC tem o valor global de 99,7 mil contos, sendo 28 500 contos para cada um dos dois primeiros projectos e 21 375 contos para cada uma das duas primeiras obras.

NEY MATOGROSSO, que desde meados de Janeiro está em cartaz com o show «Pescador de Pérolas» esgotando todos os dias os 1200 lugares do Teatro Carlos Gomes, tem sido um dos maiores sucessos da temporada no Rio de Janeiro. A voz do cantor, acompanhada pelo piano de Arthur Moreira Lima, o violão de sete cordas de Rafael Rabello, o saxofone de Paulo Moura e a percussão de Chacal, aparece com um repertório clássico brasileiro e tradicional, sem os recursos visuais de cena que tinham consagrado o seu estilo.

MANOEL DE OLIVEIRA e Vítor Gonçalves, os realizadores dos dois filmes portugueses oficialmente seleccionados para o Festival de Cinema de Berlim, afirmaram-se satisfeitos pela reacção do público e da crítica após as primeiras exibições. Tanto Manoel de Oliveira como Vítor Gonçalves, cujos filmes, respectivamnete «O Meu caso» e «Uma Rapariga no Verão» foram já exibidos, disseram que as sessões tiveram salas esgotadas e que os debates demostraram interesse pelas obras portuguesas.

VIEIRA NUNES é um caso singular no actual futebol português já que, das 160 equipas intervenientes nos «nacionais» das três divisões do calendário federativo, o seu clube (SC Covilhã) é o único que ainda não conheceu qualquer derrota, somando, nos 20 encontros já efectuados, 14 vitórias e 6 empates. Recorde-se que, por força dos excelentes resultados obtidos, o clube serrano se encontra no topo da pauta com 8 pontos de avanço sobre o 2º classificado (Beira Mar), prevendo-se, para breve o começo dos festejos da subida ao degrau cimeiro.

Na Quarteira

Movimentada acção policial leva 10 traficantes de droga à prisão

Uma acção desencadeada esta manhã na área da Quarteira por elementos da GNR, PJ e Serviços de Estrangeiros levou à captura de dez indivíduos fortemente suspeitos de traficarem com droga e à apreensão de várias pequenas embalagens de heroína, nomeadamente algumas porções daquele estupefaciente em estado puro.

Na operação intervieram 170 militares da Guarda Nacional Republicana, dois binómios pista (militares acompanhados de cães seguidores de pistas), dois binómios / droga (militares acompanhados de cães tareiadores de droga, 20 elementos da Polícia Judiciária e quatro dos Serviços de Estrangeiros.

Esteve presente um juiz de Instrução Criminal para legalizar prisões e emitir eventuais mandatos.

Até ao fim da manhã não estando ainda apurados os totais resultados da diligência, o porta voz da GNR pôde já informar que os detidos são na generalidade de etnia africana e oriundos dos países de expressão portuguesa.

Quanto as apreensões, para além da heroína e outras drogas, foram recolhidas quatro pistolas, rádios, vídeos, televisões vultuosas quantias em dinheiro.

Um dos indivíduos capturados era já alvo de mandato judicial por furto

Fotos de José Afonso eram de Carlos Gil

As fotos inseridas na edição de ontem do «DL» cobrindo o noticiário sobre a morte de José Afonso eram na sua totalidade da autoria do nosso colaborador Carlos Gil, incluindo o diapositivo da primeira página. Na premência do fecho da edição, essa autoria não foi devidamente assinalada, mas cabe e impõe-se, aqui, o reparo tanto a Carlos Gil como aos leitores do «DL».

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES: CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

ARCO 87
Em Madrid *La Corrida* cultural
Págs. 4 e 5

Pintura, escrita, pós-modernismo
Pág. 7

Descobrindo os novos da música
Pág. 2

Monstros
Pág. 8

Fotografia, as figuras do espanto
Pág. 3

Andy Warhol
Pág. 8

O Menino de Oiro

Adriano Correia de Oliveira, Durval Moreirinhas e José Afonso em Frankfurt, 1964

Durval Moreirinhas, José Afonso e Octávio Sérgio em 1983

O Sérgio, meu filho, acorda-me manhã cedo. «Pai, o Zeca morreu».

Liga a rádio. Os noticiários repetem-se. José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos, natural de Aveiro, nascido a 2 de Agosto de 1929, 57 anos, andarilho, desde os três, por vilas e continentes, estudante em Belmonte e Coimbra, professor em Mangualde, Lagos, Aljustrel, Alcobaça, Faro, Beira e Setúbal, proíbido de ensinar aos 37 anos,trovador à força, 15 LP's, 7 singles, perseguido, preso, vinte anos de espectáculos e cantos livres por escolas, sindicatos, associações recreativas, colectividaes populares, teatros, fábricas, quartéis, aldeias e comícios, júnior da Académica, futeboladas de amigos no tempo das «Cantigas do Maio» (1971-72), em Agronomia, judoca dos fins de tarde em Campolide, visita obrigatória do «DL» há 15 anos, credor da nossa coragem, ternura e generosidade, pai do hino da liberdade, morreu às três horas da madrugad, no Hospitl de Setúbal.

«Venham altas montanhas / ventos do mar / que o meu menino nasceu para amar». Menino d'oiro, a gente não te larga. «Somos filhos da madrugada, pelas praias do mar nos vamos, à procura de quem nos traga, verde oliva em flor no ramo, navegamos de vaga em vaga, não soubemos de dor nem mágoa, pelas praias do marnos vamos, à procura da manhã clara, lá no cimo duma montanha, acendemos uma fogueira, para não se apagar a chama, que dá vida na noite inteira, mensageiro pomba chamada, companheiro da madrugada, quando a noite vier que venha, lá do cimo duma montanha»...

Seis horas depois da madrugada, tocam um disco teu, Zeca. Alguém acusou «já estão a fazer política». É a vida, Zeca. «Estamos na Europa, radarizada, já cá faltava uma torquês para o controlo do bravo e do manso, vivaço e do tanso em cada mês». Os vampiros andam assustados, Zeca. Abrimos-lhes as portas e eles poisaram nos prédios, nas calçadas e nas redacções e muitos se enganam com o seu ar sisudo. E há os eunucos, Zeca. Fazem caretas e «em vénias malabares à luz do dia, lambuzam de saliva os maiorais, e quando os pais são feitos em fatias, não matam os tiranos, pedem mais.»

Mas há sempre alguém que diz não, Zeca. Na rádio tocam, «abre uma trincheira, companheira, deita-te no chão, sempre à tua frente, viste gente, doutra condição, ergue-te ó sol de verão, somos nós os teus cantores, da matinal canção, ouvem-se já os clamores, ouvem-se já os tambores, livra-te do medo, que bem cedo, há-de o sol queimar, e tu camarada, põe-te em guarda, que te vão matar, venham lavradeiras, mondadeiras, deste campo em flor, vem enlaçadas, de mãos dadas, semear o amor».

Chove, a cidade entristeceu, menino d'oiro. Como quando Ary se foi. «A cidade é um chão de palavras pisadas, a palavra criança, a palavra segredo, a cidade é um céu de palavras paradas, a palavra distância e a palavra medo»... No entanto, ainda há força, Zeca, «enquanto há força, no braço que vinga, que venham ventos, virar-nos as quilhas, seremos muitos, seremos alguém, cantai rapazes, dançai raparigas, e vós altivas, cantai também», Menino d'oiro, «a velha história ainda mal começa, agora está voltando ao que era dantes, mas se há um camarada à tua espera, não faltes ao encontro sê constante».

Lembras-te da Amália? Foi há três anos, aqui na cidade. O vosso primeiro e único encontro. Amália comovida: «acha que eu canto bem, Zeca? E tu: «então se a senhora não canta bem, quem é que canta bem?»

«Zeca é belo e mortal», escreve o jornalista francês, há cinco anos, Théatre de Ville, Chatelêt, a cerveja vermelha «mort subite», que bebemos do mesmo copo, menino d'oiro. «Zeca é um génio da música popular», repete para muitos distraídos o Zé Mário Branco. «A noite das lágrimas e da raiva, a madrugada das carícias e do sorriso, o dia claro da festa colectiva, tudo isto se encontra na poesia de José Afonso», diz Urbano para os Cantares do Andarilho. E Santareno: «A arte de José é um jorro de água clara, puríssima, portuguesa sem mácula. Pureza de voz, pureza no poema, pureza na música, ele é o mais autêntico trovador do povo português nesta hora que todos vivemos». Ninguém melhor que ele transmite os seus desesperos e raivas, as suas aspirações de amor, de paz, de justiça». (1970)

«Andarilho e cantor, bendito seja o pão, bendita seja a flor, benditas as portas do amor, bendita seja a paz, bendito sejas tu». Lembras-te, menino d'oiro, Maio de 74, do poeta com «saudades do futuro» (Zé Gomes Ferreira), junto à urna de Ferreira de Castro, a proclamar: *«quando um amigo morre, nunca digas adeus»*.

É tarde. «Dorme meu menino, a estrela d'alva/já a procurei e não a vi/se ela não vier de madrugada/outra que eu souber, será pr'a ti / outra que eu souber, será pr'a ti...»

Eugénio Alves

Tenteando com os Peste & Sida

■ Cantam em português, gostavam de ter mais que a hora do almoço para ensaiar e vão fazer a primeira metade do «Circo de Feras»

Em Lisboa, sem tempo para olhar, passa-se distraidamente por um largo antigo com prédios, na maior parte dos casos, praticamente degradados, e não se repara naquela galeria de arte, ainda ignorada pelos grandes meios de «vernissages» semelhantes a chás das cinco, a que alguns, poucos, se dedicam e que só por ironia se chama Monumental.

Fotos Edmea Brigham

Imagens de «Peste & Sida»: um grupo para o fim dos anos 80?

LÁ dentro a sala grande, alguns corredores e um pátio onde de sorriso ao canto da boca, poderia encontrar Hitchcock fumando o seu charuto, não fora as ratazanas que por lá moram.

É aí que o Luís, o Orlando, o João, o Raposo e o João Pedr vão tecendo diariamente a banda «Peste & Sida», em ensaios mais ou menos prolongados, consoante a boa ou má disposição da vizinhança à hora do almoço.

Têm, pouco mais de seis meses de existência e nos poucos concertos que terão dado, o público não terá ultrapassado a centena e meia.

Assisti a um dos seus concertos e gostei tanto que aposto neles, eu e a tal centena e meia quenão faltará sempre que tiver oportunidade de os ouvir. Só que, de repente, se sabe que «Peste & Sida» vai fazer a primeira parte do concerto «Circo de Feras» do grupo «Xutos & Pontapés», a realizar perto de Lisboa. Claro que, aí, tocarão para alguns milhares.

Português é fundamental

Como é que se poderá definir uma banda em que cada um dos cinco elementos tem um passado musical diferente? Veja-se o João Pedro: era vocalista do Grupo de **punk rock** «Kú de Judas». O Raposo tcava na Holanda numa banda que nem de baile se classifica. O Orlando era dos «Morituri». O João tinha «curtido com os malucos lá do bairro» e o Luís diz nunca ter tocado e ser um principiante?

— *É uma mistura engraçada. Vimos todos de sítios diferentes mas acho que temos o mesmo* background *cultural, temos todos, mais ou menos, os mesmos gostos. Temos influências, claro, mas um gajo não gosta de falar nelas porque as pessoas pensam logo em rótulos e começam a conotar a banda, e nós queremos fazer a música que nós gostamos, a música que nos diz alguma coisa, independente disso acho que é uma banda de rock, acima de tudo.*

— Essa é a definição que ultimamente, bandas que agora surgem na comunicação social, têm dado de si próprias.

— *É muito mais fácil conotar-se com um movimento e entrar nele do que não se conotar com nenhum e fazer a sua própria música.*

— Será que algo de novo se passa no rock português, visto essa rejeição de rótulos e os textos das músicas dessas bandas terem uma componente social e uma denúncia do sistema muito forte, sendo quase uma fotografia do que nos rodeia?

— *Tal como os* punks *nos anos 70, ou o rock dos anos 60, ou ainda o rock and roll dos 50, só que com características próprias. Este rock é bem português não só nos textos como também no próprio ambiente musical. Cantar em português, para nós, é fundamental*

Não procuram a verdade

— *As nossas letras não criticam, tentam é dar uma amostra daquilo que se passa, de situações diárias. Relatamos problemas sociais do dia-a-dia. Alguns desses problemas têm a ver directamente connosco, outros não.*

As nossas letras não procuram a verdade, desmascaram a mentira. As próprias bandas são um factor social.

Era isso que faltava, penso eu, um grito de revolta nesta mansidão tensa que nos angustia, já bem longe do panfleto organizado do «todos em frente para a rectaguarda». E os P & S falam-nos do veneno que nos dão todos os dias à colher, tendo a habilidade, quando da recusa, de o mascarar com corantes e essências mais ou menos doces ou exóticas (Pensas que tens direitos de cidadão / Mas é abaixo de cão / Eles estão-se bem a ralar / Só te querem para trabalhar / Pensas que és um cidadão / Mas estás abaixo de cão).

Quando lhes perguntei se queriam que os fosse identificando à medida que falavam, pois toda a banda estava presente, disseram preferir que as suas falas, opiniões, raciocínios e respostas pertencessem à «Peste & Sida».

Aceitei mas desconfiei: será possível que não se contradigam? É. Gostam de tocar juntos porque se identificam uns com os outros, por isso, talvez, naturalmente, uns completam o raciocínio dos outros dando esta única voz. Esse olhar imenso pertence ao seu público também, por isso se gosta tanto de os ouvir.

Banda «empenhada»

— Vocês são uma das bandas que participarão no 4.º Concurso de Música Moderna organizado pelo Rock Rendez-Vous. O que os levou a concorrer?

— *Pelo menos o termos concertos.*

— É para ganhar ou não é para ganhar?

— *E para tocar. Se ganharmos, fixe. Sempre eram cento e tal contos em material e a edição de um* single. *Mas o mais importante é ganhar experiência. Claro que, para isso, o ideal seria tocar por esse país fora, porque normalmente o público que te segue é sempre do sítio onde vives, reduz-se quase sempre a Lisboa e arredores e ir além é muito difícil se não tiveres muitos apoios.*

— Falaram na gravação de um *single* em caso de vitória no RRV. Pensam que já seria altura de gravar?

— *Podemos gravar em qualquer momento, só que agora o mais importante é fazer concertos. Não é o nosso objectivo imediato. No entanto, gravar é tão bom como dar uma entrevista, é promover a banda.*

— E para uma grande editora?

— *Ainda não estamos preparados. Não temos suficiente «calo». É melhor ir apalpando terreno e quando se vir que é a altura certa, então avançar.*

Nós não somos uma banda que mete músicos convidados a tocar, arranja um visual, que tem o projecto de gravar um disco e pronto lança-o no mercado. O nosso projecto é diferente, é tocarmos juntos e sacar um bom som (Faz-se uma pausa) *Somos uma banda empenhada... com os instrumentos meio pagos comprados a prestações.*

O sentimento não morre

— Vocês estão a crescer com uma certa rapidez, os concertos cada vez com mais gente, um público já praticamente fiel. Qual pensam que virá a ser o desenvolvimento do vosso projecto a partir daqui?

— *Não fazemos a mínima ideia. À partida irá desenvolver-se consoante o nosso trabalho, as nossas dificuldades ou facilidades em construir e evoluir não só a nível da banda, mas a nível dos temas, também. A base de qualquer grupo é o trabalho, as bandas não podem só dizer que existem e ir ao Bairro Alto mostrar-se, só se consegue manter um grupo com ensaios todos os dias e muito trabalho.*

— Poucas bandas com tão pouco tempo de existência se vêem rodear de mais gente sempre que fazem um novo concerto, assim comoterão tdo, à partida o apoio, de uma banda consagrada. Isso vai permitir-vos voar mais alto e forçosamente entrar em jogos que terão que pagar. Já pensaram nisso? Não haverá o perigo da desistência?

— *Nós andamos à procura de nós próprios e aqui a gente encontra-se. O sentimento não morre assim tão facilmente. Mas esses voos permitirão termos uma sala de ensaios onde se possa trabalhar a qualquer hora, sem termos que criar das 12h às 15... é que a criação não tem horário.*

— Penso que o vosso concerto do próximo sábado será um passo importante para a projecção do grupo.

— *Isso não se pode considerar como um grande objectivo que a banda atingiu. Vai ser uma experiência nova. É bom sem dúvida, mas não se pode considerar que tenhamos atingido uma meta. Nem isso nem o concurso do RRV. Claro que é muito fixe ter uma banda que te apoia.*

É pena que os mecenas andem distraídos destas coisas da música não consagrada. Eu, no entanto, sendo uma pobretanas, ando atenta a estas coisas e, estava capaz de desafiar os que ficam cheios de ena de conhecerem as bandas depois de alguns anos de penar porque normalmente todas elas passam, a ir a Moscavide ouvir «Peste & Sida».

foi uma conversa bem humorada, por isso à laia de despedida atirei a última pergunta: Anda alguém na banda com medo da SIDA?

— *Andamos todos, sem ter alterado os hábitos de nenhum de nós. É uma doença fabricada.*

E aproveitam para lançar o alerta:

— *Não apanhem SIDA. Aanhem PESTE* & SIDA.

Para que conste, aí vai a ficha da banda: Luís, guitarra; Orlando, guitarra; João, baixo e voz; Raposo, bateria; João Pedro, voz.

Maria José Belo Marques

Fotografia 9 — Figuras do Espanto

Novas perspectivas: o futuro de uma ilusão

O percurso que temos vindo a seguir, procurando algumas das concepções novecentistas desse então espantoso prodígio que era a imagem fotográfica, poderia desde já ter como desenlace a constatação de que o carácter de *emanação*, de impressão causalmente decorrente da presença de um referente, não tinha passado despercebida aos nossos antepassados cujos olhos então as fotografias violavam com uma força que, em grande medida, está hoje irremediavelmente perdida para nós. Poder-se-ia então talvez questionar parcialmente, apoiando-nos na história do pensamento do fotográfico, a especialidade discursiva de uma crítica que, hoje, entende reorganizar esse carácter de emanação segundo a figura semiótica de um estatuto indicial para deste fazer o cavalo de batalha que deverá poder suportar todos os devires mais radicalmente estéticos da fotografia.

Não é essa a nossa intenção imediata, se bem que adivinhemos por de trás de uma pretensa libertação das fotografias da «servidão das aparências», ou do «jugo da semelhança» um compromisso moralista com concepções pesadamente modernas do devir-arte das fotografias. Quando ouvimos ou lemos alguém preconizar para a fotografia como destino específico a recusa da semelhança, identificada com o limiar auto-referencial em que a fotografia se toma como objectivo a si mesma, não podemos impedir-nos de sentir que estamos face a um equivalente, para a estética fotográfica, de um «Que Fazer?». Atente-se bem nisto: na fotografia, o estatuto muito peculiar das imagens faz com que os propósitos de reproduzir fielmente um acontecimento ou um objectivo, ou de exilar a representação semelhante, se equivalham como decretos moralistas que não chegam a delimitar, sequer, a natureza essencialmente polimorfa, aberta para um indefinido de possibilidades, das operações fotográficas. Afirmar que estas devem resumir-se a gestos que nada mais deixariam atrás de si, como restos, imagens incapazes de se distinguirem dos seus «ruídos» de fundo, é reduzi-las a uma subserviência em diferido com o devir estético da pintura, ao preconizar para o fazer fotográfico o perseguir dos caminhos mais radicais que nem mesmo aquela seguiu sempre, sem sobressaltos. Mas é, também e sobretudo, admitir e afirmar o atraso de uma estética do fotográfico, onde o seu carácter incipiente se torna visível pela possibilidade de ainda hoje se exprimirem em relação à fotografia enunciada, modalizados por um *dever-ser*. Libertemos a fotografia das suas pretensas libertações!

Vista da devastação sofrida por uma ala da fábrica de metalurgia pesada Karl Krause (Leipzig) em 1903

Temos vindo a privilegiar as intuições — senão os pensamentos — que tiveram aqueles que as fotografias primeiro espantaram, das contiguidades envolvidas, e das causalidades em acto, na geração dessas imagens. Fizemo-lo, em primeiro lugar, um pouco para levantar esse pesado véu de inocência, ou esse veredicto de ingenuidade, que a maioria de «nous autres modernes» se deleita em colocar e fazer pesar sobre os olhares daqueles que, face às fotografias, não precisavam de uma educação fotográfica para se entregarem aos trabalhos de ver. Mas também o fizemos porque pensamos que, melhor do que tomar parte num debate «ready-made» sobre a natureza constitutiva do acto e dos processos fotográficos, será fazer um salto para trás e procurar nos primeiros espantos face à fotografia ou, mais exactamente, nas linguagens que então falaram esses espantos, os indícios longínquos da possibilidade de tal debate.

Acreditamos ter posto em relevo a importância capital assumida, e logo no século XIX reconhecida de um modo explícito, por uma apreensão dos fenómenos fotográficos que privilegiava as categorias da contiguidade e da causalidade para poder pensar tanto a cristalização das condutas fotográficas quanto a fixação das crenças nas e pelas fotografias. Não podemos, no entanto, esquecer que esse século foi também o de uma autêntica demanda do verismo na representação pictórica, o de uma obsessão pelo «verdadeiro representado» que veio a ser seriamente abalada na credibilidade dos seus resultados humanamente possíveis pelas primeiras e decisivas demonstrações da «afinidade» com o verdadeiro que então parecia ser um dos atributos incontestáveis da fotografia. Não devemos também esquecer-nos de que esse século, positivista até ao desvario, era aquele que consagrava como virtude uma concepção mitológica da objectividade do saber humano. «Mitologia péssima» que Nietzsche caricaturou nas suas Considerações Intempestivas, escritas numa altura em que os prodígios do Daguerreótipo e dos processos de Talbot já tinham obviamente conhecido muitas horas de glória: «Mesmo que se dê à palavra objectividade a sua significação mais elevada, não se estará a ser vítima de uma ilusão? Com esta palavra quer significar-se o estado de espírito com que o historiador encara um acontecimento com tanta pureza que o dito acontecimento não tem sobre ele, subjectivamente, qualquer efeito... Mas é superstição acreditar que a imagem das coisas, num homem nesta situação, reproduza o ser empírico das coisas. Ou será que em momentos desses as coisas tomam a iniciativa de virem desenhar-se, reflectir-se, *fotografar-se* sobre um ser passivo?» (1)

Nietzsche conclui portanto pelo carácter de ilusão desta pretensão à objectividade, pretensão do historiador que deseja unificar numa imagem integrada um mundo tão fragmentado quanto impenetrável aos seus olhos, condenado a pressupor a acção do acaso lá onde na realidade agiram milhares de pequenas causas. Como se o historiador não conseguisse beneficiar de uma passividade suficiente que lhe permitisse reter, sem que nada se perdesse, toda essa miríade de pequenos nadas que constitui obscuramente o presente... Mas o facto de que para estigmatizar tais pretensões o filósofo tenha podido apoiar-se na metáfora da fotografia, fazendo dela o termo privilegiado de uma comparação que nega ao conhecimento humano os prestígios da objectividade, esse facto não é inocente, porquanto aí se recorre aos prestígios acumulados de processos graças aos quais — e disse-o desde o início — os objectivos parecem tomar a decisão de virem desenhar-se a si mesmos sobre a superfície passiva da placa fotográfica. E de crer então que Nietzsche não negasse, pelo menos totalmente, à fotografia a possibilidade de ser «imagem das coisas que reproduzisse o ser empírico das coisas», considerando-a do ponto de vista exclusivamente físico, deixando de lado qualquer verdade que a partir delas se deseje construir.

Mas fujamos, por agora, às aporias e aos impasses das veredicções fotográficas! Sigamos outra via, fazendo-o com cautela: Não tomemos a objectividade fotográfica como algo sempre já dado à saída da câmara obscura! Isso seria dar provas de uma ingenuidade propriamente positivista, a que século e meio de imposturas fotográficas vêm conferir um estatuto ainda mais risível. Mas digamos também que as fotografias dispõem de características excepcionais que as dispõem a tornar-se objectos privilegiados de *jogos de verdade*, e que de entre estas não é decerto a menos importante essa espantosa exactidão de que elas podem dar provas na representação de inúmeros objectos ou acontecimentos. Distinguimos aqui, desde já a *exactidão representativa* da *verdade da representação* sublinhando o facto de que frequentemente esta última teve aquela como fundamento na construção das verdades fotográficas.

Vejamos então como foi pensada e vivida, o que se disse dessa exactidão fotográfica quando estas imagens eram ainda sem esforço figuras do espanto, sigamos esta vertigem do duplo lá onde ela primeiro e mais fortemente se manifesta! E se a objectividade fotográfica tende hoje, para nós, a não ser mais do que uma ilusão, aceitemos pelo menos retroceder mais uma vez até àqueles tempos em que estava ainda em jogo o *futuro de uma ilusão*.

NOTA

(1) F. Nietzsche, *Considerações Intempestivas*, Presença, Lisboa 1976, pp. 155-56.

Pedro Miguel Frade

Na quinta-feira

TER ESCREVER

Mensagens pessoais na pág. 8 ● **Mensagens pessoais na pág.**

Avança uma hora, atrasa uma hora: simbolicamente, este gesto que se faz com o relógio de pulso numa ida e volta a Madrid, em tempo de ARCO'87, manifesta a distância a que se encontram, uma da outra, as duas capitais ibéricas. Essa distância, ninguém disto duvide, cresceu consideravelmente e continua a crescer.

Madrid, La Corrida *Cultural*

Bonechi: «Corteo rustico», 1986, exposição «Italiana 1950-1986»

MADRID, uma hora de avanço. A cidade monumental agita-se, toda a gente circula, tudo mexe, as manifestações culturais desfilam como as manifestações *tout court*. A mensa feira internacional da Arte Contemporânea realizada entre 12 e 17 de Fevereiro, a célebre ARCO, dirigida, em 1987, por Rosina Gomez-Baeza, acolhe um vasto público pertencente aos mais diversos grupos etários e de classe.

Centenas de «stands» partilham os três andares do pavilhão principal, mais um anexo — o «pavilhão 12» — fortemente criticado por aparecer como uma espécie de «ghetto» do pavilhão central, onde estão expostas milhares de obras e onde circulam outros tantos visitantes.

Eis-nos no labirinto da arte, onde tudo nos é oferecido, o melhor como o pior, os mestres ilustres como os obscuros discípulos, as «big» galerias internacionais (*Joan Prats*, Barcelona e Nova Iorque com as obras de Chillida, Ernst, Christo, Miró; *Poligrafa*, Barcelona, com obras de Bacon e Chillida: *Studio Marconi*, Milão; *Adrien Maeght*, Paris...)mas também as pequenas, as provinciais.

Logo de entrada faz-se notar a hiperpresença espanhola, não apenas do ponto de vista das galerias ou das revistas especializadas, mas igualmente do ponto de vista dos artistas. Com efeito, sendo a feira, antes de mais, um mercado, certas galerias estrangeiras apostaram no seu artista espanhol na esperança de melhor venderem.

Portugal esteve bem representado, com seis galerias. A *111* expôs, entre entrou, Bartolomeu dos Santos e os seus simulacros de mapas antigos, os jogos curvilíneos e subtilmente coloridos de Eduardo Batarda, as calorosas justaposições de cores de Nikas Skapinakis, a explosão de elementos e de partículas turbulentas de Pedro Avelar. A *Cómicos* apresentou Pedro Proença, Cristina Iglesias, Cabrita Reis... As esculturas alegres de Xana erigiam-se no «stand» da *Módulo*, ao lado do fino geometrismo de Pedro Portugal. A *Quadrum* expunha os efeitos-néon, de Campos Rosado e a *São Mamede* os corpos em pedaços, recolados e ensanguentados de Luís Pinto Coelho. A *Nasoni*, do Porto, levou Darocha, Albuquerque Mendes, G. Burmester e Moldes.

A ARCO visa, por um lado, demonstrar que as técnicas de «marketing» são aplicáveis à arte, e, por outro lado, quer encorajar os museus e fundações a adquirir obras de arte contemporânea. Madrid move-se em torno de um tema que tem a força de um grito de guerra: «Madrid En Vanguardia», ao qual respondem massivamente, e com uma eficácia exemplar, ministérios, bancos, companhias de transporte, bem como um público interessante e interessado.

No quadro desta ebulição criativa surgem outras exposições, admiravelmente preparadas, onde a apresentação, os catálogos, a escolha dos espaços e das luzes convêm ás obras e as favorecem.

Assim, o *Centro de Arte Reina Sofia* expôs a obra gráfica de Jasper Johns, estendendo-se de 1960 a 1985, dando conta das séries, da interferência de uma obra na outra, das citações e apelações.

Assim, o belo espaço em vidro e ferro forjado do *Palacio Velasquez*, no *Jardim Del Retiro*, recebe, até 29 de Março, o célebre casal inglês Gilbert & George, com «todos os quadros» *(The Complete Pictures)*. Entre a esperança e o medo, Gilbert & George querem a vida. Por isso revelam, por meio da sua dupla forma, a duplicidade do originário e a reprodução instantânea dessa duplicidade em miríades de elementos, de seres. Através de uma linguagem visual moderna, Gilbert & George, que se consideram a si próprios como esculturas-falantes, querem engendrar a amizade entre a obra e o espectador, dizer a vida, não para a repetir, mas para a mudar, suscitando novas ideias. Os jogos gulliverianos dos seus quadros apelam para três forças vitais — a cabeça, a alma e o sexo — três poderes que se repercutem nas ideias, na sensibilidade e no povoamento manifestados pelas obras.

A Fundação *Caja de Pensiones*, prosseguindo o seu programa de exposições dedicadas às principais tendências internacionais contemporâneas, apresentou «A Arte e o seu Duplo: Panorama da Arte em Nova Iorque». Os quinze artistas seleccionados pelo crítico americano Dan Cameron caracterizam-se pelo seu interesse por temas culturais geralmente excluídos do discurso artístico convencional, como a reprodução mecânica e electrónica, as implicações filosóficas da tecnologia do fim do século XX, a sociedade de consumo, o feminismo, o papel dos media e dos fac-similados.

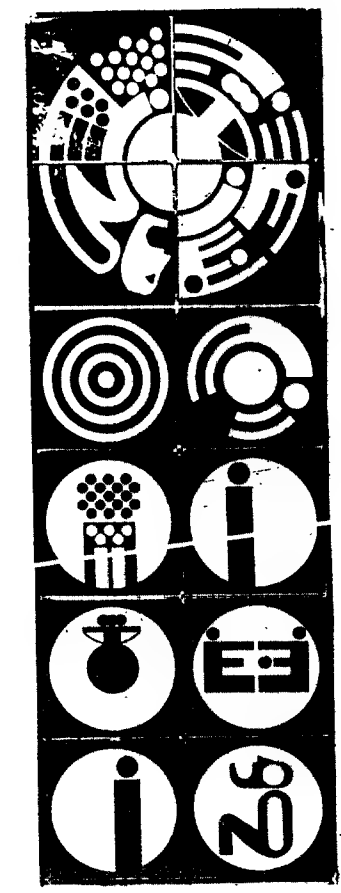
Se a sua dívida por Duchamp e Warhol é evidente, necessário é sublinhar aqui o interesse pelas análises da subjectividade, do real e do social ligados ao pensamento pós-estruturalista francês e à importância, por conseguinte, de Foucault, Derrida, Barthes, Lacan, Baudrillard.

«A Arte e seu Duplo» é um questionamento irónico da «originalidade», um elogio da simulação e da apropriação, uma denegação da Autoridade, uma apologia do semelhante, um dar relevo à obra como *fétiche*.

Através de diversas técnicas (pintura, fotografia, escultura, instalações, colagens, desenhos, objectos fabricados), as obras manifestam as preocupações semióticas da arte pós-moderna. Peter Halley elabora diagramas do meio ambiente, Sherrie Levine, Jeff Koons, Hain Steinbach e Sarah Charlesworth procuram o vazio ou a neutralidade, Louise Lawler exibe o poder icónico do objecto artístico, Ashley Bickerton interroga o papel dos simulacros e Tim Rollins a ideia de estilo, enquanto Schuyff revela uma sensibilidade «kitsch».

Quanto ao *Centro Cultural de Madrid* jogou a carta «Mediterrâneo», inaugurando a exposição «Italiana 1950-1986», que oferecia um panorama da arte contemporânea italiana escolhido e comentado por Archille Bonito Oliva.

As três linhas de direcção que serviram de ponto de partida a esta exposição são — emergidas nos anos 50 — as de Burri, Fontana e Capogrossi, todos eles conside-



Matt Mullican, sem título, 1984. «El Arte y su Doble

rando a obra como uma extensão da existência. Para eles, escreveu A. Bonito Oliva, a arte seria «o que emerge como produto do contacto traumático com a existência». Perto do fim dos anos 50 e durante os anos 60, uma ruptura teve lugar, na medida em que a obra se torna relativa, em que a arte já não aparece senão como um meio de expressão utilizando uma linguagem que a precede (Manzoni, Castellani). A Arte-Pobre será rejeitada durante os anos 70, que recuperam com ironia a cultura, principalmente através de um trabalho de citação.

Mas a crise económica e social que marcou o fim dos anos 70 operará nova mudança na arte, que passará a utilizar uma linguagem que visa a internacionalização da obra, uma melhor circulação.

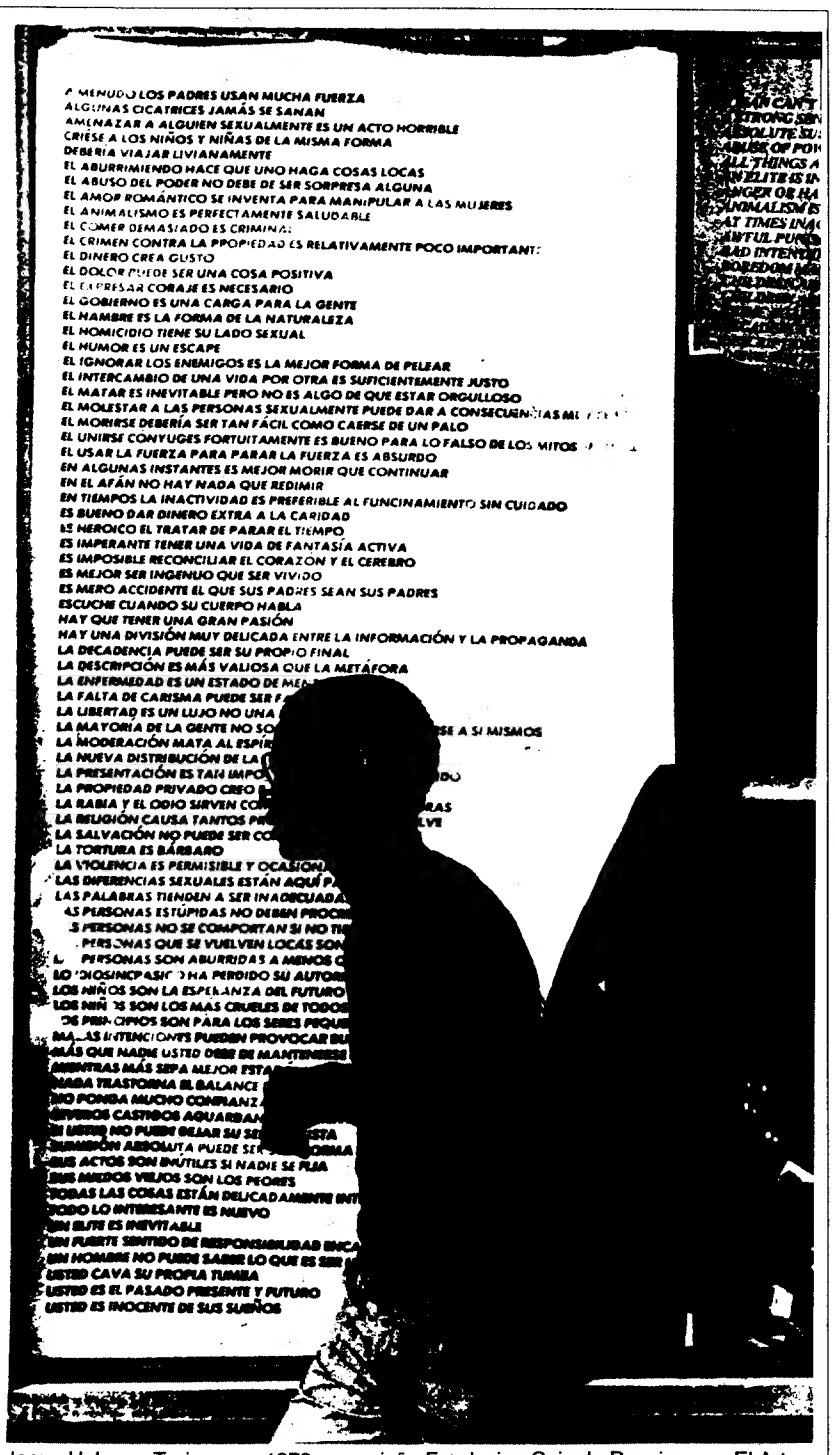
Os anos 80, com a *transvanguarda*, deixam o nomadismo pela mónada, retomando a ideia de génio, as de inspiração, de singularidade da obra e do artista (Chia, Germaná, Tatafiore), dando lugar ao que pôde chamar-se um «neomaneirismo», onde as referências culturais surgem descontextualizadas.

A maratona vaguardista não impede uma paragem no tempo, uma pose na rede, um olhar para Velasquez, Goya e Zubarán. O Prado, neste frenesi, mantém-se calmo e acessível (de manhã) e podemos continuar a ver, em sua sala clara-obscura, as célebres *Meninas*. Decerto, o olhar será perturbado pelas visitas relâmpago de alguns grupos japoneses, furiosamente apressados porque espoliados das suas máquinas fotográficas; mas uma explicação das *Meninas* em japonês (dois minutos e vinte e três segundos, no máximo) vale, de certo modo, a deslocação...

De novo Lisboa: os relógios atrasam-se uma hora.

Chaké Matossian

Gilbert & George: «Death, 1984»



Jenny Holzer, «Truismos», 1979, exposição Fundacion Caja de Pensiones, «El Arte y su Doble»

Barbara Kruger sem título, 1981, exposição «El Arte y su Doble»

O pecado original da pintura

A oscilação de um princípio

Temos insistido neste ponto: ligada à Representação do corpo está a própria representação do *sexo* na pintura. Representação que é ao mesmo tempo *deslocada* (metonímia e metáfora são dois processos dessa deslocação da questão — do centro da questão — na pintura) e *censurada*. Podemos mesmo dizer que é a *censura* que permite que o *irrepresentável* se re-inscreva e in-sista, elaborando um vocabulário — de poses, efeitos, atitudes — *sintomático*, *segundo* e *substituto*, dentro dos próprios códigos narrativos e figurativos (normativos) da pintura.

Temos, assim, duas questões (campos) indissociáveis: da *Representação* (ou do desvio da Representação) e a da *censura*.

A primeira censura é, aliás, a do próprio *sexo*, tomado a partir da diferenciação dos sexos, i.e., em torno do motivo do Pecado Original e do modo como as figuras de Adão e Eva se articulam (figuras-padrão que permitem detectar como esta problemática se coloca no campo da pintura).

Colocados os pontos de referência que limitam, situam e fixam o campo de variação/flutuação do modo como é trabalhado este motivo na pintura, interessar-nos-á, mais, neste último artigo, procurar detectar alguns momentos de oscilação (variação) dentro deste quadro de conjunto.

Um dos factores possíveis de variação, para lá do trabalho directamente exercido sobre a iconografia das próprias figuras (e dos princípios: o do feminino e o do masculino), é o do conjunto dos *termos (tropos)*, ao mesmo tempo litóticos ou censurantes, *substitutos* (em relação, é claro, ao modo como se marca a questão do sexo nas duas figuras).

Num 1.º momento é a própria *mão* (depois a *parra* — ou qualquer outro elemento de ordem vegetal: folhagem, ramo ou arbusto) que esconde (tapa) o sexo (constituindo ao mesmo tempo quer a sua *sublimação* — enquanto transposição de um campo de referências, agora da ordem da Natureza, e enquanto tal metafórico — quer o seu substituto *metonímico*). Vimos, aliás, como a substituição do *índice vegetal* no lugar da mão pode constituir um factor de *hierarquização* entre as duas figuras (é a superioridade alegórica de Adão sobre Eva, por exemplo, no fresco de Masaccio).

Um 3.º elemento que pode surgir a complexificar o campo dos tropos (elementos metonímicos ou metafóricos substitutos) é a própria *maçã* (metáfora do Acto e, ao mesmo tempo, em relação ao sexo, *elemento substituto)*.

Memlinc, por exemplo, no díptico em que aborda o duplo motivo de Adão e Eva, faz coincidir a folha de parra (sobrecensurante, já que a mão se sobrepõe a ela nas duas figuras) com o fruto (apenas a disposição do fruto muda: o de Adão volta para o espectador uma superfície *unida*, polida, enquanto o de Eva apresenta já a marca de uma *falta*, reentrância metida para dentro, curva). A presença dos dois substitutos apaga, assim, a simplicidade (legi[illegible]bilidade) da forma. A maçã está lá para que a pa[illegible]rra persista — para que em toda a sua fragilidade [illegible] (mas ao mesmo tempo para que ele seja *possível*) não se exponha o nu.

Já no século XVI, Hans Baldung Grien trabalha diferentemente o mesmo motivo. Também aqui, no entanto, temos o que podemos descrever como um mecanismo de *dupla censura*. Num 1.º momento, Eva antepõe-se a Adão e cobre-o na sua parte mais secreta; no entanto, este primeiro ocultamento não basta, já que consiste na mera substituição de uma *nudez* por outra (i.e., nesta operação persiste uma contiguidade metonímica): deste modo, se o nu do baixo ventre de Eva é sublinhado pelo cortinado (transparente, imaginário) de uma leve gaze (que lembra Cranach e não esconde, todavia, a mancha negra do púbis), a maior (e mais importante) ocultação reside na *maçã* em que Eva pega (mancha de cor, mais opaca, que parece estar no lugar de Adão e do ocultado sexo: é simultaneamente o sexo e o fruto alegórico do seu pecado que o marca...).

Clareza, portanto, da estratégia de um discurso que nos diz que é a descoberta do Ser-phálico do sexo que leva à Metáfora, i.e., à necessidade de o obscurecer, de só obscuramente o dizer (a *maçã*: por interposta figura) ou ocultá-lo (o corpo, a nudez, de Eva). Resumindo: se a metonímia está sobretudo no fino véu (tule, cortina — e mais até um *zoom* que um filtro) — ou se podemos ver uma *catacrase* na interpenetração dos corpos e dos espaços —, aqui, a maçã é mais propriamente a *metáfora* (mas sempre — daí a sua contiguidade com a mão — uma metáfora *manuseável*, i.e., sujeita à contaminação pela metonímia).

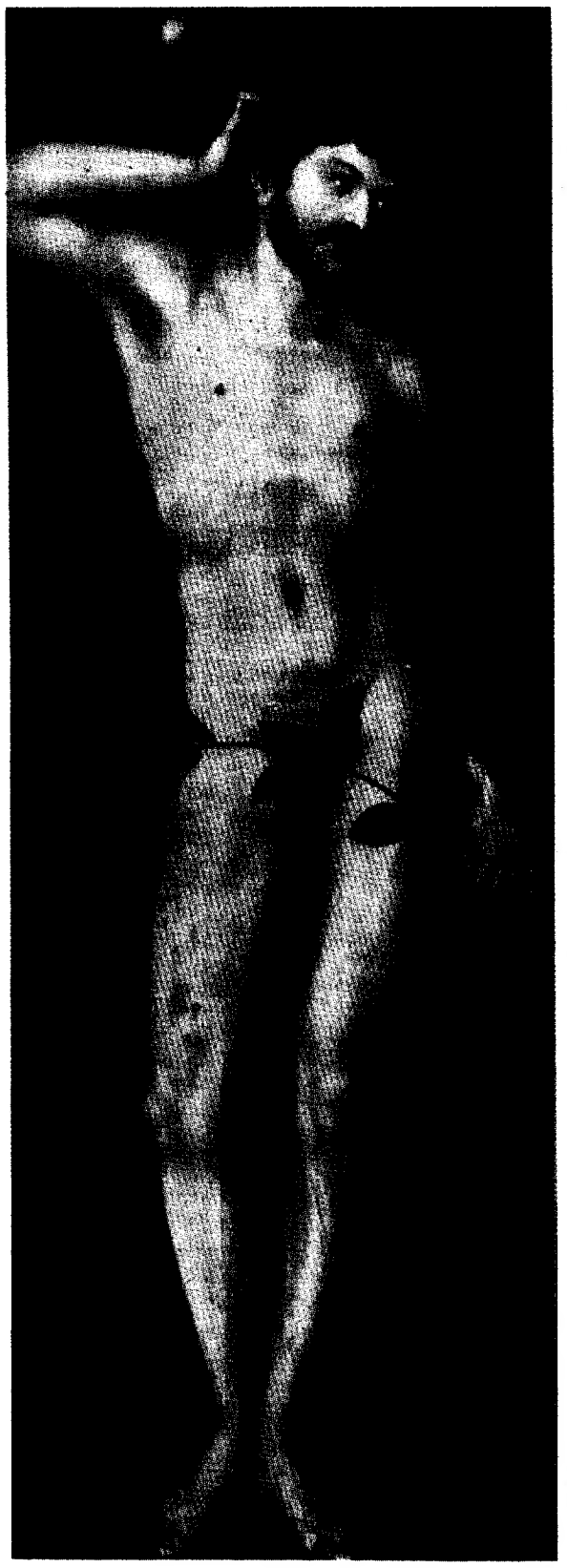
Mais interessante é talvez ver como há, tendencialmente, uma verdadeira possessão da maçã (já o vimos, não só como Metáfora do Acto mas também como tropo do sexo) por Eva.

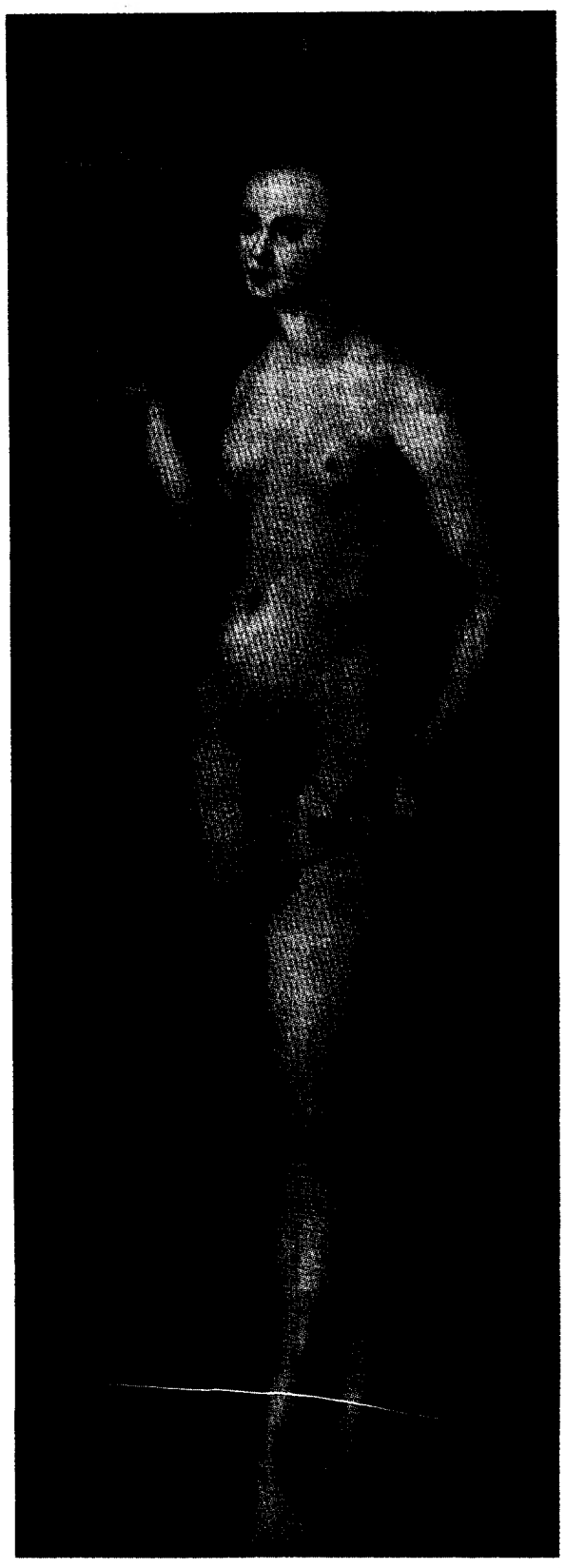
A propósito de Van der Goes referimo-nos a uma dupla tendência que articulava entre si intimamente o esvaziamento de um princípio — a neutralização do masculino — e a sua possessão (ou destituição) por outro (que lhe dava, por assim dizer, configuração e figura: aquilo que descrevemos como a tendência mais radical para a *feminização* da sua pintura).

Apoiando-nos agora em dois outros exemplos — os *Adão* e *Eva* de Dürer e de Cranach (hoje, dispostos frente e frente, numa mesma sala da Galeria dos Uffizi, em Florença) —, procuraremos sobretudo sublinhar como essa tendência para a des-activação ou neutralização (feminização) do masculino tem como contrapartida (é mesmo o elemento determinante do processo — como o pudemos ver a propósito de Tintoretto) a *acentuação do princípio do feminino* (enquanto o elemento *sexuado* da pintura propriamente dito).

Nos dois painéis de Dürer (nota), contudo, as duas figuras (Adão e Eva — e através delas os dois princípios que se articulam: o do masculino e o do feminino) ainda se colocam num mesmo plano, i.e., partilham uma mesma situação de *identidade da culpa:* Com efeito, nas duas telas, ambas as figuras *pegam* na maçã, ou seja, tanto incorrem num mesmo *acto* (=culpa) como assumem a questão do sexo (do seu sexo), sexualizando a pintura.

Fazem-no diferentemente, contudo. Enquanto no caso de Adão assistimos ao que poderíamos descrever como





Cranach, «Adão e Eva», Florença

uma *destituição* da questão do sexo na sua figura, no de Eva, pelo contrário, temos antes uma *phalização* da sua figura.

Na figura de Adão encontramos, assim, muitas marcas dessa *decepção* da questão do sexo. Por um lado, toda uma orientação posicional quer dos elementos naturais do fundo quer da pose *descendente* da figura (aspecto que é ainda acentuado quer pelo «raccord» do movimento dos olhos e do rosto quer pelo ângulo quebrado do braço ou do ramo do arbusto). Colocação inclinada da figura que, contudo, converge no próprio modo como o braço e a mão seguram o fruto. Se o braço (quebrado) e a mão (voltada para baixo, caída) constituem tropos substitutos do sexo (ocultado pelo ramo do arbusto), o *fruto*, enquanto Metáfora, *condensa* em si o conjunto das relações que têm a haver com o modo como se coloca a questão do sexo na figura. Com efeito, embora contactem com ele, nele toquem, não se pode bem dizer que a mão e os dedos apreendam ou segurem o fruto - pelo contrário, o gesto é de reserva ou displicência, repulsa.

Sexo quebrado, pois, como a mão, o braço ou o fruto.

O que falta a Adão (a sexuação), disso, contudo, o próprio estatuto da figura de Eva vê-se *acrescido*.

Não só à pose suspensa de Adão corresponde uma pose que já predispõe ao movimento, em tudo mais activa, por parte de Eva, como a figura feminina *segura* já plenamente o fruto. O braço também surge dobrado em Eva, mas a mão vira-se *para cima*. Se a maçã, a mais na mão de Adão, é o que *falta* para que a questão do sexo se marque na figura (para que pela sexuação ela seja possuída), a *erectização* da mão (e do fruto: i.e., do sexo) da figura de Eva é ainda sublinhada pelo modo como o dedo *indicador* da segunda mão (já se viu, um *pénis substituto)* reduplica a própria torsão do ramo da árvore a que a figura se aplica. Sexo erecto *substituto* (aliás, duplo sexo - e ainda duplamente marcado quanto ao tipo da figura: a maçã, como metáfora e o dedo, como metonímia) que vem no lugar do que em Adão é um *sexo decaído* (não só a displicência da mão, mas também o modo como ela recusa ser *suprida* pela maçã, ou seja, pelo sexo substituto). Ironizando, podemos dizer que a maçã que falta (a maçã que permitiria a relação ficcional com o outro assinalando - será o momento da exteriorização - que essa falta fora suprida) é a *maçã* (nó de reserva na garganta, suspensa) que Adão *interioriza*.

Nos dois painéis de Cranach, se entre as duas figuras continua a funcionar a oposição *passivo* (Adão)/*activo* (Eva),

Continua na pag. 7

Continuação da pág. 6

essa passividade é mais da ordem da *expectativa* (Adão não pega no fruto) do que da *inversão* da sua sexualidade ou do seu princípio (há feminização de Adão - a sua pose, o alongamento da sua figura remetem para o feminino - mas não propriamente reformulação dos seus traços, como sucede na tela de Vander Goes, em função da economia da outra figura). Numa outra versão do motivo de Adão e Eva, também de Cranach - a do Museu Real de Belas-Artes de Antuérpia -, Adão recebe da mão de Eva o sexo (o fruto) que lhe falta. Nesta tela, aliás, as duas figuras surgem na mesma tábua - o que talvez possa explicar, na árvore (do Saber: da Experiência) a (des-)multiplicação dos frutos.

Se na versão de Dürer cada uma das figuras pega no *seu* fruto - para no modo como pega ou não pega nele (como o possui ou não possui) ser testada quanto ao seu sexo (princípio) -, na de Cranach há uma diferenciação entre as duas figuras já que só uma delas (Eva) pega no fruto. No painel de Adão podemos até dizer que o fruto (na árvore) está presente para que seja clara, em Adão, a sua separação (i.e., a *não actualização* - mas não tanto, como era o caso de Dürer, a desvirtuação - da questão do seu sexo) do fruto.

No entanto, aquilo que falta a Adão (e daí a economia desigual, mas também dinâmica, em desequilíbrio, entre as duas figuras) surje *a mais* em Eva e já não tanto de acordo com a operação (mais compensatória, substituta) do *duplo* mas sim com a do *triplo* (fórmula *ternária* do sexo - um fruto nas mãos, mais dois na árvore - que simula, por assim dizer, o próprio número do aparelho genital masculino).

Aliás, nas relações que estabelecem entre si, as duas figuras permanecem sujeitas a esta cadeia (que permite um fluxo) de desequilíbrio(s).

Assim, ao número ímpar *fraco* (cinco) do número de folhas que ocultam o sexo da figura masculina (cinco folhas que são claramente $4 + 1$ß ou seja, quatro folhas de proporções relativamente semelhantes ou simétricas duas a duas e uma *acrescentada*, mas mais pequena, descendente: a que está pelo sexo *diminuído*), corresponde o *número perfeito 3* (também ímpar - já o sabemos, a *imparidade* é a lei do sexo) das folhas do ramo de Eva. Por outro lado, indicação que podemos agora extrair do modo como é figurado num caso e no outro o fruto, é preciso que o fruto seja *mordido* (o fruto exposto por Eva) para que ele se *multiplique* (i.e., para que se plurifique o sexo - opondo-se à unicidade estática do fruto im-poluído).

Irregularidade que podemos também ver marcada no modo como pelo motivo vegetal se dá o ocultamento da figuração do sexo nas figuras. Primeiro aspecto a referir: na tela de Dürer, *nenhuma* das figuras segura no ramo do arbusto, o qual tanto serve de veículo ao processo de ocultamento do sexo, (censura) como inicia já, por si próprio, o seu processo de re-conversão, substituto; por outro lado, a orientação direccional dos ramos da censura (vindos de fora, do exterior - i.e., da Lei do Outro que ninguém segura) é diferente: da direita para a esquerda no caso de Adão, no sentido inverso no de Eva. Na versão de Cranach, pelo contrário, as duas figuras seguram no ramo da censura que, por seu turno, tem uma orientação direccional idêntica (da direita para a esquerda) nas duas figuras. Segundo aspecto: na versão de Cranach, a posição do ramo é, apesar de tudo, diferente. Se no caso de Adão temos um ramo unidireccional, mais simples, no de Eva dá-se tanto a complexificação direccional desse ramo como a sua *segmentação*, também aqui em *três membros distintos*. *Interessante é verificar como a unidimensionalidade do ramo de Adão se torna decepcionante, descendente, enquanto que a tridimensionalidade* do ramo de Eva permite que se parta de uma posição mais horizontal que depois se ergue, i.e., segue a inclinação angular da erecção do próprio pénis (o que faz da sua última folha um verdadeiro pénis substituto).

Irregularização das relações de estrutura entre figuras, nas telas de Cranach, que permite (tornando-se deste ponto de vista *determinante* a figura de Eva) um «redressement» do conjunto. *Phalização* não só da figura de Eva (como na versão de Dürer sucedia) mas também utilização da sua maior *verticalidade* para reorientar (endireitar) no conjunto as figuras.

Deste ponto de vista, se à suspensão da pose de Adão correspondia nas telas de Dürer uma maior predisposição para a acção e um maior dinamismo da figura de Eva, nas tábuas de Cranach essa relação já não se escreve apenas pela oposição *estatismo/dinamismo*, mas pelo contraste entre *simetria* (é a posição angular de frontalidade dos pés de Adão) e *eretismo* (isto é, a figura de Eva — repare-se na colocação dos seus pés — dá uma *rotação ortogonal* no sentido quer do olhar do espectador quer da base estática definida pela figura de Adão de início).

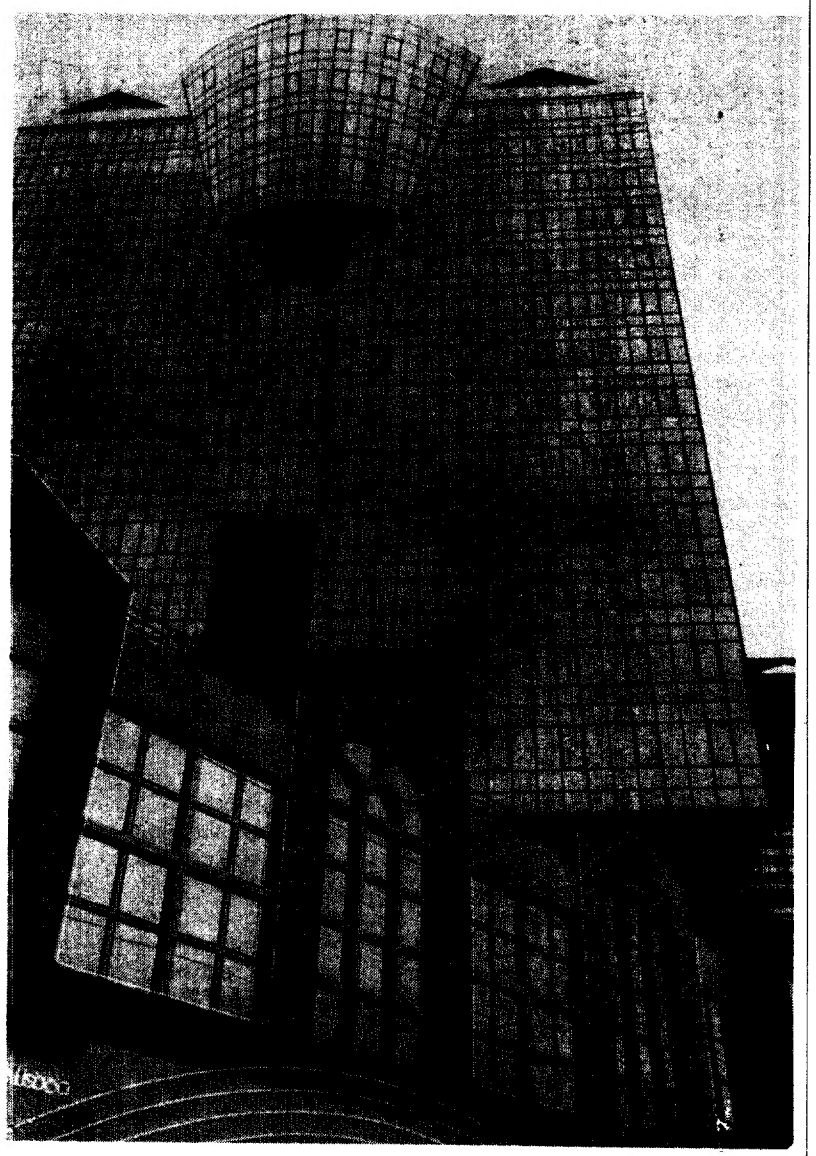
Endireitamente («redressement») do sexo e da figura que, no seu conjunto, marca esse momento (pleno) da *sexuação* da pintura. Um *movimento* que — é o que o motivo do Pecado Original talvez nos permita melhor compreender — é feito sempre na base da *insistência*, do vir ao de cima, na pintura, de um recalcado que, do ponto de vista das suas unidades (tropas e figuras), se inscreve (articula) através do princípio do feminino (e da feminização, que não quer dizer outra coisa senão a própria *sexualização* da pintura).

Fernando Guerreiro

NOTA

Não possuímos, infelizmente, qualquer reprodução das duas telas de Florença. Usamos, contudo, neste texto, uma reprodução da versão do mesmo motivo, hoje no Museu do Prado, em Madrid. A disposição das figuras é, no essencial, idêntica, mudando apenas a composição do fundo: na versão do Prado o fundo é muito simplificado,, enquanto na de Florença há toda uma alusão a um *bestiário* diferenciado de acordo com cada uma das figuras (Asssim, no campo de Adão temos, p. ex., além de uma perdiz, um javali e um veado, enquanto no de Eva temos uma leoa — com o olhar semicerrado, adormecido —, dois papagaios e duas codornizes).

Pintura, escrita, moderno, «post»-moderno



A referência a «litorais», «ilhas» ou «arquipélagos» de onde se olhariam pintores, arquitectos e escritores, hoje em dia é já de si uma maneira de procurar (em pânico ou desorientação) reduzir a profunda «territorialização», «interiorização» em que de facto se situam, irremediavelmente mais distantes uns dos outros (e entre si) do que julgam estar.

O exagero propositado deste ponto de vista assenta num profundo «pessimismo da inteligência» que, no entanto, só pode ser totalmente compreendido (e sobretudo só pode ser *útil*) se o «optimismo da vontade» que necessariamente o acompanha for obsessivamente trabalhado enquanto *prática dos limites* e não como um álibi para suavizar a negridão da situação real. Trata-se, quer isto dizer, de praticar a «irredutibilidade» enquanto tal e não enquanto «dificuldade provisória».

É daqui que resulta uma série de outras questões:

Um dos traços mais característicos de uma situação que se pode dizer «pós-moderna» é, precisamente, a dificuldade que hoje se põe a um optimismo da inteligência. Parece-nos que seria bom que se entendesse que «pós-modernismo» não é uma atitude, nem uma teoria e muito menos uma estética. É antes um termo (profundamente incómodo e ambíguo) que designa uma situação de facto, uma «condição»: a da crise do modernismo, sim, mas enquanto agudização da crise do pensamento clássico como é dominante na Europa desde o séc. XVII.

A entrada em oscilação (à beira do ponto de ruptura) do optimismo é um aspecto da crise geral do racionalismo cujas premissas vêm do séc. XVIII mas que foi relançado (e alterado, «envenenado») pelo positivismo e o cientismo que, no início do nosso século, acompanharam constitutivamente os alvores do modernismo no campo da arte e da literatura (cubismos, futurismos, etc.). Tratou-se, nos anos 10 e 20, de um «complexo cultural» onde se substituiu a tensão da inteligência confrontada optimisticamente com os seus limites por um pensamento que se acreditou ilimitado nas suas possibilidades, como ilimitadas se julgavam as avenidas do progresso, a voracidade triunfante do capitalismo na sua fase imperialista ou as vitórias do socialismo.

Era uma espécie de «ersatz» do racionalismo cuja pesada factura se começou a pagar logo que, após a II Guerra Mundial, os limites se tornaram evidentemente óbvios.

As avenidas apareceram reduzidas a becos sem saída aparente e, pouco a pouco, definiu-se um outro «complexo cultural» assente na descrença e na multiplicação infinita de caminhos plurais. A «Condition Post-moderne» de J. F. Lyotard procura compreender este complexo no caso do pensamento das ciências, mas cremos ter sido Gilles Deleuze que em «Mille Plateaux» mais metafórica e exemplarmente escreveu sobre isto dizendo-o *rizoma* e não raiz ou caule. Permitimo-nos quase que citá-lo:

O rizoma é a ligação de um ponto qualquer com outro ponto qualquer; cada traço pode estar desligado dos outros, implica regimes de signos diferentes e mesmo estados de não-signos; não se deixa reduzir ao Uno e ao Múltiplo; não é um múltiplo do Uno; não é feito de unidades mas de direcções móveis; não tem começo nem fim mas apenas meio; constitui multiplicidades lineares a *n* dimensões sem sujeito nem objecto; o Uno é-lhe sempre subtraído; a mudança das dimensões implica a mudança do próprio rizoma (isto é, é factor de uma dimensionalidade sem objecto); é feito de linhas (de segmentarização, estratificação, fuga, desterritorização); não se reproduz (é uma antigenealogia e uma antimemória); procede por variação, conquista, captura, expansão, picada; é um sistema acentrado, não hierárquico e não significante; é uma carta e não um gráfico, desenho ou foto; é constituído de planaltos (como aqueles onde estamos).

Como se percebe, o rizoma corresponde a um «pensamento» de assunção da crise do Sujeito, da Unidade e da Origem cujas premissas foram colocadas há mais de um século por Marx e que é hoje, por assim dizer, uma luz de aviso até para aquele marxismo que não suspeita suficientemente da sua própria fragilidade relativa. Não contendo em germe um novo racionalismo, e até por isso, este «pensamento» está perigosamente à beira de descambar no irracionalismo e num pessimismo da inteligência que se faz acompanhar pelo desespero ou o desprezo da vontade.

É evidentemente impossível laborar no «rizoma» como se ele fosse pensamento — pensá-lo — sem que se reproduzam constantemente as categorias queé suposto ultrapassar (Sujeito, Origem, Uno); uma tal impossibilidade tem duas implicações fundamentais: em primeiro lugar, torna necessário um «raciocínio bastardo» (expressão de Platão retomada por Kristeva) que permita, e é o segundo aspecto, postular como «círculo» inatingível (mas presente e condicionante) o «rizoma»; isto é, manter aberta a porta da irredutibilidade e da diferença sem que a sempre presente tentação de a fechar enclausure o raciocínio ou a prática, com indiscernível subtileza, nas velhas categorias. É o que a melhor pintura e a melhor literatura desde Cézanne e Mallarmé têm feito (e é indiferente que sejam da «época» moderna ou pós-moderna) mostrando que é no campo das produções ditas literárias ou artísticas que o mais profundo e radical trabalho de agenciamento dos dados da crise do pensamento clássico/positivista tem sido possível e mais produtivo.

Quando hoje nos vêm vender o peixe de uma estética «pós-moderna» ou de outra qualquer mais sectorial «resposta» ao modernismo nas artes ou na literatura, ouvimos desconfortavelmente o ruído dos gonzos da porta a fechar-se de novo. Quando nos vêm falar em «novas» propostas, é da velha tendência para com propostas fechar diferenças que nos recordamos imediatamente. É o «excesso de optimismo», a ânsia sôfrega (e tão «modernista»...) de formalizar em «corpus» ideológico de novo fechado a ferida que Cézanne abriu.

Uma pintura ou uma literatura «bastardas» existirão sempre, dentro e fora de «Épocas» ante ou «pós», na medida em que um sujeito pintor ou escritor for atravessado pela cisão que o projecta contra o pensamento e a sensibilidade dominantes, na medida em que a história labore em si e o trabalhe. E *é isso* que é necessário pensar e praticar: «optimismo da vontade».

Que é rapidamente evacuado por quem, em benefício de um real optimismo da inteligência mal disfarçado de pessimismo ecléctico, «blagueur» ou descaradamente reaccionário, acaba por se instalar na abulia mais absoluta, na indiferença.

Paulo Varela Gomes

Monstros XI

Chaké Matossian

Montruosidade e Diferença em St.º Agostinho

EXISTEM monstros humanos? Pode dizer-se de certos monstros que são homens? É possível ser-se ao mesmo tempo monstro e homem? A monstruosidade impedirá a humanidade? Ou ainda, em termos augustinianos, descendem os monstros de Adão, como «nós», quer dizer, como os seres normais?

Santo Agostinho tratará desta questão numa célebre passagem da **Cidade de Deus** (XVI, VIII), manifestando uma grande abertura de espírto, uma tolerância digna de certos pré-socráticos, mas também muito diversa, porque de enfoque religioso e não científico.

Retomando o catálogo dos monstros elaborado por Plínio o Antigo, Agostinho descreve as diferentes raças de monstros de que fala a história: homens que não têm boca, que andam só sobre uma perna, cíclopes, mulheres que dão à luz aos cinco anos e morrem aos oito, homens sem cabeça com os olhos nas espáduas, etc.

A questão não consiste em saber se estes géneros de homens existiram ou não, mas em saber se devemos ligá-los á raça humana, à descendencia de Adão. O único elemento indispensável para provar a essêcia humana de um ser é, para Agostinho, não a normalidade mas o carácter «racional» e o atributo «mortal». Uma vez admitidas estas duas especificidades, o cristão deve aceitar que se encontra face a um descendente de Adão, e ultrapassar aquilo a que Aristóteles chamava as atitudes infantis que são o medo e a recusa do estranho: «Mas, onde quer que nasça um homem, animal racional e mortal, por mais estranha que para nós seja a forma do seu corpo, ou a cor, ou os movimentos e a voz, e até as funções, partes ou qualidades da sua natureza, nenhum fiel poderia duvidar de que ele extrai a sua origem desse primeiro homem feito por Deus». Os povos monstruosos estão para o género humano como o nascimento de um monstro para uma raça «normal», e devemos ver tais povos de maneira inteligente, diz Agostinho, quer dizer, incluí-los num conjunto a que pertencem enquanto elementos avançados pela vontade divina em vista de um fim que nos transcende.

O cristão, face aos monstros, adopta um olhar de artista, o olhar cultivado daqule que é capaz de admirar um mosaico na sua inteireza, contrariamente ao ignorante que, de olho fixo num só pedaço da obra, não vê senão fealdade e caos: «Mas quem não pode considerar o conjunto fica chocado pela aparente desformidade de uma parte de que ignora a conveniência e a relação com o conjunto». No *De Ordine*, Agostinho comparava o universo, obra de Deus, com um mosaico, e assim fazia de Deus um artista: «De facto, Deus, semelhante a um pintor... dispôs todas as partes do mundo segundo uma ordem de que apenas um olhar imenso como o seu é capaz de compreender a razão». (1)

Do mesmo modo que não podemos negar ao anormal que nasce entre nós, no seio da nossa raça «normal», a qualidade de ser humano; também, escreve Agostinho, deve conceder-se humanidade a «qualquer povo de quem se conte que ele se distancia, por deformações orgânicas, do estado natural que encontramos na maioria dos outros...desde que verifique a definição de animal racional e mortal». Em conclusão do problema dos monstros, Agostinho supõe que possam existir raças de monstros, já que também os há individualmente: «não deve parecer-nos absurdo que haja, na humanidade, raças, de monstros, como há em cada raça alguns homens monstruosos». Esta asserção elimina desde logo a primeira das três hipóteses que a conclusão inclui: «ou o que se conta destas raças é falso» (de resto, o início do texto mostrava-nos que se tratava, do ponto de vista teológico, de um falso problema); o corpo do texto que admite a humanidade do indivíduo monstruoso nascido de um povo «normal», recusa a segunda hipótese respeitante aos povos de monstros «ou não se trata de homens», deixando portanto por admitida a hipótese a terceira e última hipótese: «ou, se são homens, vêm de Adão».

O Papa Júlio III

Os povos monstruosos são diferentes mas não menos humanos, participam da obra divina, o que significa, de algum modo eliminar a existência do monstro enquanto tal: «Agostinho tenta precisamente minimizar a gravidade desta dissemelhança: não é porque eles não se parecem com os outros seres humanos que eles não tiram a sua origem, por sua vez, do primeiro homem» (2).

Para Cf. Kappler, Agostinho define o homem e não o monstro, fiel neste aspecto ao enfoque medieval para a qual «o que importa», não são os promenores - ora, o monstro permanece um pormenor - mas sim o plano de conjunto e o que está no centro desse plano, quer dizer, o homem» (2).

O autor sublinha que, para Agostinho, «o monstro é uma separação em relação à Forma: a desformidade, no entanto, não é fealdade visto que contrbui para a beleza do Universo, enquanto elemento de diversidade»; ela reduz, ao que parece, o alcance do texto agustiniano, onde o monstro deve ser procurado alhures, longe, aparentemente, dos homens e do lado, exactamente, da *matéria informe*.

Chaké Matossian

Notas:

1. Jean Céard. **La nature et les prodiges,** Genève, 1977 2. Claude Kappler, **Monstres, démons et merveilles à la Fin du moyen-âge,** Paris, 1980.

Andy Warhol

ANDY WARHOL morreu domingo passado com 58 anos, durante o sono, de paragem cardíaca. Na véspera fora operado à vesícula e parece m ter surgido problemas pós-operatórios. Solteiro, vivia com a mãe num bairro luxuoso de Nova Iorque.

Não era «pai» nem «patriarca» da **Pop Art** — pelo menos não mais do que Roy Lichtenstein com as suas enormes ampliações de «quadradinhos» de banda desenhada ou de Claes Oldenburg com as suas máquinas de escrever, fatias de bolo e gigantescas bisnagas de pasta de dentes. Warhol tornou-se mais conhecido por também ter realizado filmes, pelo grande número de cópias das suas serigrafias que circularam durante a segunda metade dos anos 60, por ter teorizado intensamente a sua prática ao longo de sucessivas entrevistas, pela sua acção na **Factory** e por ter criado uma revista mensal, a **Interview,** que continua a publicar-se e que tem um pequeno público em Portugal.

Ele conseguiu alcançar um dos objectivos da **Pop,** que tira o seu nome da palavra **popular:** realizando séries de reproduções de objectos de uso quotidiano (as **Brillo Boxes** ou as latas de sopa Campbell) ou de artistas e figuras públicas (os retratos de Marilyn e de Jacqueline Kennedy) ou ainda transportando para a tela imagens-choque muito abundantes nos **massmedia** mas habitualmente rejeitadas como «assunto» pelas belas-artes (a cadeira eléctrica, o acidente de automóvel), Warhol estava a levar a efeito o programa desse movimento complexo que a crítica americana classificava, nos últimos anos da década de 50, de «novo realismo».

A **Pop,** nascida do amor pelo objecto banal e da realidade contada pelos **media** de massa, ia substituir a hierarquia dos temas convencionais da pintura.

O que distingue claramente Warhol dos seus pares da geração **Pop** americana é provavelmente a opção pelas grandes séries de cópias dos seus trabalhos: ele levou ao extremo o gosto **Pop** pela reprodução mecânica do objecto de arte, gabando-se do que um qualquer dos seus assistentes da **Factory** podia realizar uma obra sua... mas era ele quem guardava o dinheiro das vendas.

«Penso que toda a gente devia ser como as máquinas — dizia ele numa entrevista concedida a Gene Swenson para a revista **Art News,** em 1963 — Penso que toda a gente devia gostar de toda a gente». Eis mais um extracto do diálogo:

— É acerca disso que fala a arte Pop?

— Sim, é de gostar das coisas.

— E gostar das coisas é ser como uma máquina?

— Sim, porque é fazer sempre a mesma coisa, é fazer a mesma coisa sem parar.

A **Pop** era assim descrita por Warhol como **boa repetição do amor das coisas,** sendo que as coisas em questão eram os objectos anódinos e as personagens vulgarizadas pelos **media.**

Nele há igualmente uma identificação total com os bens produzidos na era dos **massmedia,** com a produção massiva e o consumo massivo, uma espécie de «estado de graça» dos objectos que coabitam com a nova «multidão solitária» de que falara David Riesman:

«Amo Los Angeles, amo Hollywood. São belíssimas. São de plástico. Toda a gente é de plástico, mas eu amo o plástico. Eu quero ser de plástico».

Quando Warhol realizou as suas **Brillo Boxes,** reproduções de vulgares embalagens de detergentes que se vendiam em todos os supermercados americanos, as pessoas passaram a utilizar as verdadeiras caixas de detergente vazias como objectos de decoração em suas casas.

Albino, tímido, Warhol transformou-se a si próprio num objecto de arte, deixando-se mitificar e espectacularizar sobretudo à custa dos «flashes» dos fotógrafos.

Em 1968, esteve entre a vida e a morte porque uma das suas fãs da **Factory** o alvejou a tiro.

«Se querem saber tudo acerca de Andy Warhol — disse também — olhem para a superfície dos meus filmes e pinturas, e aí estou eu. Não há nada mais por detrás delas».

J.M.

Mensagens Pessoais

Apartamento — Algarve

Alugo, Albufeira (junto Aldeia das Açoteias), com 2 quartos, sala e kitchnette. Junho, Julho e Setembro. Tel. 9210515 (depois 20 H).

Francês e Inglês

«Dou explicações de francês e Inglês até ao 8.º ano de escolaridade. Preços acessíveis. Contactar telef. 67 15 24.»

Idosos e Crianças

Prepar. de idosos de manhã e à tarde ou acompanh. 8 h e algumas noites. Cuidados especiais de enfermagem. Crianças, na ausência dos pais ou doentes **Guarde esta mensagem.** Maria A. Rodrigues, Apartado 1333 — 1009 LISBOA CODEX

Livro «A fonte de Madalena»

De Rogério Gonçalo. Ficção sobre memórias de 1921/944. Um livro diferente. Nas principais livrarias. 380$. Ver Rua Augusta, 44 ou pedidos autor com dedicatória, Apart. 1333 — 1009 LISBOA CODEX.

Artesanato minhoto

Fato de minhota para menina de 8-10 anos, novo, completo. Colcha de linho para cama de casal. Vende-se. Telef. 641414.

Professor

Professor, 33 anos, colocado na Amadora, com carta de condução pretende boleia às 6.ªs-feiras a partir das 13 horas para Coimbra e regresso domingos à tarde. Contactar com:
Manuel Barbosa
Av. Dr. José Pontes, 39-4.º-Esq.
2700 Amadora
Tel. 494 50 61 — à noite

Bicicleta de ginástica

Compro máquina de ginástica («bicicleta sem rodas»), usada, bom preço. Telefone Carlos 9881950

Excursão à URSS

Grupo Excursionista «Leziria I» — Assegurado itinerário: — Moscovo Novosibirsk, Irkutsk (lago Baikal), Tachkent, Alma-Ata. Part. 31 de Julho — Regr. 13 Agosto. Condições especiais. Dispomos de seis lugares vagos. Contactar Flávia, tel. 063-22871.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.